



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

VANESSA MARIANO DE CASTRO

**MAIS QUE UM SEGUNDO VIOLINO: AS CONTRIBUIÇÕES DE ENGELS PARA O
TEMA DA FORMAÇÃO HUMANA**

FORTALEZA

2026

VANESSA MARIANO DE CASTRO

MAIS QUE UM SEGUNDO VIOLINO: AS CONTRIBUIÇÕES DE ENGELS PARA O
TEMA DA FORMAÇÃO HUMANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Justino de Sousa Junior.

FORTALEZA

2026

VANESSA MARIANO DE CASTRO

MAIS QUE UM SEGUNDO VIOLINO: AS CONTRIBUIÇÕES DE ENGELS PARA O
TEMA DA FORMAÇÃO HUMANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovado em: 13 / 05 / 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Justino de Sousa Junior (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Valdemarin Coelho Gomes (Coorientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Kelly Maria Gomes Menezes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Geraldo Marcio Alves dos Santos
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof. Dr. Daniel Alvares Rodrigues
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

RESUMO

A pesquisa tem como título Mais que um segundo violino: as contribuições de Engels para o tema da formação humana. Caracteriza-se como uma pesquisa de cunho bibliográfico, orientada pelo materialismo dialético, elaborado por Engels e Marx a partir da compreensão da realidade material como uma totalidade composta por objetos anteriores a existência humana (realidade dada), mas também contendo objetos que surgem como resultado da atividade humana material, concreta e transformadora (realidade posta), o que auxilia na pesquisa posto que a formação humana pode ser estudada como processo interior e exterior numa perspectiva histórico-social. Adota a compreensão da categoria formação humana como processo atinente à constituição da sociabilidade humana, portanto, para além dos processos formais de espaços institucionalizados. Tem como objetivo geral justamente analisar as contribuições de Friedrich Engels para o tema da formação humana. Ao lado disso, pretende-se também analisar a concepção engelsiana de formação humana; investigar a formação de Engels e sua transformação em pensador e militante revolucionário; analisar as contribuições teóricas e práticas pessoais de Engels para a formação do que se define como marxismo; a partir do estudo da obra de Engels, contribuir para o desenvolvimento da pedagogia marxista. Nesse sentido pudemos encarar nossa busca a partir da práxis, ou seja, toda e qualquer atividade humana materialmente transformadora e ainda assim, levando em conta que a existência humana está registrada na história como posterior a existência do meio natural (inorgânico e orgânico), em prol de melhor compreender o processo de formação humana a partir de Engels.

Palavras-chave: formação humana; práxis; educação.

ABSTRACT

The research is titled "More Than a Second Violin: Engels' Contributions to the Theme of Human Formation." It is characterized as a bibliographical study, guided by dialectical materialism, as developed by Engels and Marx. This understanding of material reality is a totality composed of objects that precede human existence (given reality), but also contain objects that arise as a result of concrete, transformative, and material human activity (posited reality). This aids the research, since human formation can be studied as an internal and external process from a historical-social perspective. It adopts the understanding of the category of human formation as a process pertaining to the constitution of human sociability, therefore, beyond the formal processes of institutionalized spaces. Its general objective is precisely to analyze Friedrich Engels' contributions to the theme of human formation. In addition, it also intends to analyze Engels' conception of human formation; investigate Engels' formation and his transformation into a revolutionary thinker and activist; and analyze Engels' personal theoretical and practical contributions to the formation of what is defined as Marxism. Based on the study of Engels' work, we aim to contribute to the development of Marxist pedagogy. In this sense, we were able to approach our research from the perspective of praxis, that is, any and all materially transformative human activity, while also taking into account that human existence is recorded in history as subsequent to the existence of the natural environment (inorganic and organic), in order to better understand the process of human formation from Engels' perspective.

Keywords: human formation; praxis; education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	FORMAÇÃO INTELECTUAL REVOLUCIONÁRIA E O PAPEL DE ENGELS NA ELABORAÇÃO DO MATERIALISMO DIALÉTICO.....	11
3	A FORMAÇÃO DO ÚLTIMO ENGELS: CONTRIBUIÇÃO DE ENGELS PARA UMA TEORIA DO GÊNERO HUMANO.....	41
4	ENGELS: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO HUMANA.....	60
5	A FORMAÇÃO HUMANA EM ENGELS	99
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
	REFERÊNCIAS.....	127

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo cumprir a defesa de tese no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (PPGE/UFC) para obtenção do título de doutora. Para tal, tomamos como objeto de estudo as contribuições de Friedrich Engels para o tema da formação humana.

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, sob o viés do materialismo dialético, destacando as obras que tratam direta ou indiretamente do nosso tema central que é a formação humana, dentro do arcabouço teórico publicado com autoria de Engels. Cabe ressaltar que adotamos a compreensão da categoria formação humana como processo atinente à constituição da sociabilidade humana, portanto, para além dos processos formais de espaços institucionalizados.

Nesse sentido, esta pesquisa leva como ponto de partida a questão: Em qual medida e como se processa o entendimento da categoria formação humana em Engels, desde o seu processo formativo à sua concepção? Para a execução da tarefa demarcamos uma separação apenas didática no formato de capítulos, posto que as diversas nuances da formação estão imbricadas no itinerário de estudo e vivência intelectual e revolucionária de Engels, que culminaram em seu entendimento sobre o processo de formação humana.

Portanto, toma em conta a atividade humana, desde os processos primários que fundam sua própria existência, logo, fazendo referência aos primeiros encaminhamentos que diferiram o humano das demais instâncias naturais (orgânica e inorgânica), pois, por meio do trabalho, este passou a manipular o meio a seu favor, e, assim, modificando o entorno por meio das novas conquistas, passou a modificar também a si mesmo.

Desse processo constante, infundável e educativo, podemos destacar o desenvolvimento da linguagem como ferramenta de partilhamento de conhecimentos e intrinsecamente ligada às relações sociais. Desta feita, a partir de Sousa Junior (2010, p. 20), admitimos que:

[...] O homem é, então, um ser inacabado que se constrói justamente através das relações sociais: o homem é ser social que produz a si mesmo em sociedade, transforma a si mesmo e ao mundo num processo em que se presentifica o caráter educativo da práxis humana.

Desse modo, podemos compreender a práxis humana primeva, ou seja, o trabalho como alicerce para outras atividades, desencadeando assim relações sociais educativas. Logo,

para conceituar a formação humana, cabe considerar seu caráter pedagógico, a fim de compreender de forma mais acurada esse processo no qual a pesquisa se iniciou.

Quanto ao interesse singular pela temática, partiu da obra *Engels: o segundo violino*, escrita por Osvaldo Coggiola, leitura realizada ainda no processo de investigação e exposição da dissertação de mestrado. Desde então, outras obras foram estudadas, mas sempre retornava à preocupação acerca da ideia vaga na memória coletiva sobre a importância de Friedrich Engels como intelectual e militante de uma práxis revolucionária e emancipatória.

É importante mencionar a carência de estudos, com referencial teórico marxista, que aprofundem e façam justiça à importância de Engels referente às pesquisas que se utilizam do materialismo dialético como base de análise, posto que atualmente no banco de dados de trabalhos publicados como dissertações e teses na Universidade Federal do Ceará não constam trabalhos que levem em seu título a investigação tomando como ponto de partida a perspectiva de Friedrich Engels.

Sobre esse assunto cabe mencionar referências, que se utilizam do materialismo dialético para compreensão e análise da realidade, que por sua vez se posicionam citando Engels, tais como Lênin, em 1895, Lukács, em 1935, além de E. P. Thompson, em 1978, com *A miséria da teoria*, e José Paulo Netto, na apresentação do livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

Entre admiradores e contraditores há um debate sobre a contribuição de Engels na produção do materialismo dialético e, logo, sobre sua relevância para compreensão do processo de formação humana na busca de transformação das relações sociais de seu tempo, dentro da elaboração conjunta em parceria com Marx.

Podemos citar alguns autores marxistas que não mencionam ou de forma rara citam as contribuições de Engels, dentre eles temos: Vázquez (1977), Gadotti (1983) e Sousa Junior (2022). Por isso, esta pesquisa justifica-se pela escassez de produção científica que faça menção ao legado deste pensador. Logo, é importante o resgate das contribuições de Friedrich Engels, tão subutilizadas no meio acadêmico.

Posicionados neste sucinto cenário de tendências interpretativas do pensamento engelsiano, em que constam intérpretes em defesa da unidade de argumentos entre Engels e Marx, temos também os que acham que cada um tem sua particularidade. Entre esses últimos, há os que acham que Engels deu grandes contribuições ao marxismo e os que acham que ele era apenas um pensador auxiliar; e há ainda os que acham que ele desvirtuou o pensamento de Marx, tais como os adeptos da versão oficial soviética cuja tendência é isolar os escritos engelsianos de sua história e com uso de critérios editoriais questionáveis; além da vertente do

chamado marxismo ocidental, que impõe às lentes histórico-filosóficas uma distorção que atravessa o pensamento engelsiano com base em um sistema metafísico esclerosado e o responsabilizam de motivar as perseguições stalinistas vindouras.

Apresentada a justificativa introdutória desta Tese, a discussão do tema da formação humana se problematiza com o intuito de aclarar a compreensão desse objeto. A priori, torna-se importante expor a atividade humana prática que logrou o salto ontológico humano na passagem de hominização à humanização, ou seja, o processo de formação humana por meio do trabalho que promoveu a evolução do ser, do animal ao “hominal”, o que, nas palavras de Engels, foi a transformação do macaco em homem e que leva em conta o processo relacional intrínseco à atividade humana com seus pares e outras instâncias de vida (inorgânicas e orgânicas), entendimento reforçado também por Marx (2010, p. 14), ao declarar que o trabalho: “é mediação entre o homem e natureza, e dessa interação deriva todo o processo de formação humana”.

A propósito dessa discussão, posteriormente, Lukács amplia ao escrever sobre esse processo de desenvolvimento humano por meio de sua investigação sobre o ontológico desenvolvido pelo homem, da acumulação primitiva à ordem capitalista. De forma a ampliar a compreensão do funcionamento da dinâmica social e sua contribuição para a formação humana. Lukács acrescenta os saltos ontológicos como bases materiais de formação do ser social, a saber:

Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (ferramenta, matéria-prima, objeto do trabalho etc.) como orgânica, inter-relação que pode figurar em pontos determinados da cadeia a que nos referimos, mas antes de tudo assinala a transição, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social. (LUKÁCS, 2013, p. 35)

Nesse sentido e tendo como foco nossa tese central que é a formação humana como processo de realização da práxis a partir das contribuições de Engels ao entendimento, tomamos como referência o período de 1843 a 1886. Nesse contexto, algumas inquietações foram surgindo e contribuindo para a elaboração das questões de problematização da pesquisa, expostas a seguir: Como se deu a formação das bases intelectuais e revolucionárias de Engels? Como se deu a formação revolucionária de Engels? Engels teria contribuição relevante para o tema da formação humana?

Diante das inquietações mencionadas, delimitamos os objetivos da pesquisa, sendo o objetivo geral evidenciar uma concepção de formação humana demonstrada por Friedrich Engels. Para alcançá-lo, os específicos são: 1) Investigar a formação intelectual e

revolucionário de Engels, com ênfase ao período 1843-1846; 2) investigar a formação humana em Engels tocante ao período a partir de 1848; 3) identificar a contribuição de Friedrich Engels para o conceito de formação humana.

Assim sendo, nosso percurso metodológico segue nas seções com títulos: 1) Formação do intelectual revolucionário e o papel de Engels na elaboração do materialismo dialético; 2) A formação do último Engels: contribuição de Engels para uma teoria do gênero humano; 3) Engels: contribuições para a formação humana; 4) A formação humana em Engels.

Diante das inquietações mencionadas, delimitamos o caminho a ser confirmado acerca da existência de uma concepção de formação humana nas elaborações de Engels e Marx, sobretudo do primeiro, por sua vez espaiadas nas obras: *Esboço de uma crítica da economia política* (1844), *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), *As guerras camponesas na Alemanha* (1850), *Anti-Dühring* (1877), *A dialética da natureza* (1883), *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (1886).

Ademais, utilizamos também biografias, cartas, artigos e notas emitidas por Marx e Engels e por intérpretes, bem como obras em comum aos dois, que, por sua vez, comprovam a parceria na escrita e nas atividades políticas, ou seja, ressaltando o que havia de mais pulsante em Engels, além do óbvio que é a teoria, até porque esta se alinha com o sentido da formação humana. Ao levarmos em conta que “[...] a obra de Engels, tanto literária quanto prática, constitui junto com a de Marx um todo orgânico inseparável”, segundo Coggiola (1995, p. 9), optamos por evidenciar as obras que remetem à autoria apenas de Engels, a fim pontuar a singularidade e importância de suas contribuições.

Assim, esta pesquisa admite que se consolidou uma produção conjunta dos pensadores, seja ela registrada de forma explícita ou implícita, mas que, para efeito didático, aqui se pretende segmentar. Além das fontes citadas, outros autores também se relacionam à pesquisa, tais como; Lukács, Barata-Moura, Vázquez, Sousa Junior, Coggiola.

Após esta seção introdutória, na qual apresentamos as delimitações da pesquisa, tal como a sua justificativa, seguimos com as seções mencionadas anteriormente, nas quais, por meio de um esforço de digressão, operamos uma divisão meramente didática da vida e obras de F. Engels, mesmo cientes da dialética dentro das pequenas rupturas e camadas em níveis de desenvolvimento histórico vivenciadas por ele, pois não se trata da emergência de algo novo e nem de descarte.

Nesse sentido, a grandeza da tese está na defesa de que não há uma cisão entre o jovem e o maduro Engels e por isso advogamos a existência de um fio condutor que conforma

o edifício teórico engelsiano desde o início e este fio é a noção de formação humana, já que há continuidade, ou seja, o revolucionário só se torna possível à medida que o intelectual foi se forjando na práxis revolucionária.

Por conseguinte, na maturidade há uma simbiose que serve como base para a reflexão sobre o que foi vivenciado até então, constructos estes, que foram necessários à forja do conceito de formação humana, tratado nas seções seguintes, nas quais destacamos os estudos e vivências de F. Engels que contribuíram para a compreensão da categoria formação humana.

2 FORMAÇÃO INTELECTUAL REVOLUCIONÁRIA E O PAPEL DE ENGELS NA ELABORAÇÃO DO MATERIALISMO DIALÉTICO

“Se não foi um gênio, como ele mesmo escreveu, foi sem dúvida um homem dotado de um talento excepcional. Sua prosa era fluida e clara e escrevia com uma rapidez incomum” (Jones, 1987, p. 394).

Nesta seção, iniciamos o percurso de vida traçado por Friedrich Engels, nascido em Barmen/Alemanha, no dia 28 de novembro de 1820. Filho primogênito de Friedrich (pai aos 24 anos) e Elizabeth Franziska (mãe aos 23 anos), sendo, então, o mais velho dos nove irmãos.

Segundo Mayer (2020), o filho mais velho herdou a valorização da riqueza espiritual da parte materna, posto que sua mãe advinha de família acadêmica de professores holandeses. Do lado paterno, herdou a incumbência comercial nas finanças, já que seu bisavô, Johann Casper I (1715-1787), fundou o tempo de prosperidade, ao trocar a agricultura pela indústria no vale do Wupper.

Importa salientar os padrões ortodoxos de religiosidade adotados pelos pais na criação de Engels, os quais por meio de rígido pietismo, semelhante ao puritanismo inglês e contra o racionalismo da Revolução Francesa, submetiam os filhos à incontestável obediência à doutrina que, segundo Hunt (2010, p. 25), “ênfatizava o pecado, a salvação pessoal e a renúncia ao mundo”. E, nesse contexto de entendimento, da prosperidade e do êxito mundano como sinais da graça e da salvação foi que Engels fora batizado e crismado (1837).

Diante do exposto, pondera-se que Friedrich Engels, o filho, cresceu influenciado por forças que opunham o comércio e o pietismo à ambiência cálida de músicas, risos e amor. Ademais, sobre as influências que cercavam a infância de Engels, podemos destacar que, ao caminhar pelas ruas da cidade, ele observava atentamente o bairro industrializado, coberto por fumaça e poeira, já percebendo crianças aos seis anos trabalhando e

[...] passando pelas casas de artesãos domésticos, curvados da manhã até a noite sobre os teares, as costas assando diante do forno quente; passando pelos "carregadores", a escória do proletariado, miseráveis sem teto, cegados e arruinados por destilados baratos, dormindo em estábulos vazios ou sobre montes de esterco (Mayer, 2020, p. 29).

Conforme Mayer (2020), este era o cenário observado cotidianamente por Engels, no qual se misturavam fábricas, cortiços operários e casas de mercadores. Em vista disso, podemos inferir que Engels crescera numa ambiência de dever cívico, lealdade à família e

circunscrito à indústria e ao comércio, ou seja, em meio à pobreza extrema e riqueza ostentatória.

Nesse sentido, a infância de Engels foi atravessada por hábitos caseiros restritos a manter a distância do mundo externo corruptor e busca por uma renovação espiritual nos prazeres simples do ritual doméstico, logo, cercado por um ambiente seguro e amoroso, na companhia dos pais, três irmãos e quatro irmãs.

Na adolescência, Engels já se inclinava à leitura de lendas da mitologia clássica, além de possuir facilidade para aprender línguas. Sobre esse aspecto, Hunt (2010, p. 30) analisa: “[...] um patriotismo romântico seria uma das primeiras influências intelectuais sofridas pelo jovem Engels”. Tais influências, em 1836, redundaram na escrita de poemas que exaltavam os heróis românticos, como *O Arqueiro Guilherme Tell* e *O Cavaleiro-Soldado Bouillon*.

Em meio à feitura de poemas, artigos e narrativas panteístas, o jovem Engels carregava em si o patriotismo cultural que o acompanharia até sua maturidade, fato preocupante aos olhos do pai que percebia sinais de ironia do filho diante das anunciações paternas conservadoras e de pronto acionava a contradita do filho, ao se opor as convenções, ideais cristãos e anseios paternos do futuro profissional previsto ao herdeiro.

Sob este aspecto, cabe registrar como se encaminhou a escolarização de Engels por meio dos estudos na *Stadtschule* local, sendo posteriormente transferido, aos 14 anos, para *Gymnasium* municipal de Elberfeld, onde passou o período de 1834 a 1837. Mesmo sendo desejo de Engels continuar seus estudos, gozando de aprovação e relatórios elogiosos, posto que já se afinava com a literatura, com inclinações para as ciências econômicas e jurídicas. A contragosto de Engels, seu pai o retira do internato para iniciar seu treinamento nos negócios da família no escritório de Barmen.

A partir de 1838, Engels foi iniciado nos negócios da família, começando seu estágio de aprendizado comercial em Bremen, para instrução nos negócios como escriturário sem salário, no escritório do cônsul Leupold, onde, segundo McLellan (1977), em seu tempo livre se dedicava à cerveja, leituras (Strauss e Schleimacher) e à escrita de versos e cartas, ao citar sua obra de ficção *Uma História de Pirata*.

O trabalho de Engels era voltado para a correspondência internacional, o que, além de afinar seu domínio no uso de diversas línguas, facultou-lhe aprendizado sobre exportações, conversão de moedas e impostos. Aos dezoito anos, o jovem Engels manifestou

afinidade para 25 tipos de línguas diferentes e dedicação à leitura dos escritos do poeta Heinrich Heine¹ e do escritor Ludwig Börne².

A partir de 1839, Engels começa a produzir textos para jornais e revistas, sendo o primeiro deles intitulado *O Beduíno*, publicado no jornal *Bremisches Conversationsblatt*, de Bremen. Segundo Hunt (2010), trata-se de um poema orientalista exaltando a nobre selvageria do povo beduíno, por sua vez, destruída pelo contato com a civilização ocidental.

Posteriormente, começa a escrever para o jornal de Karl Gutzkow, *Telegraph für Deutschland*, utilizando o pseudônimo de *Friedrich Oswald*, declarando-se discípulo do Movimento Jovem Alemanha³ (movimento constituído de escritores alemães do qual participaram Heinrich Heine e Ludwig Börne, mencionados acima, radicais na política, liberais na religião e preocupados com questões sociais). Nas palavras de Engels (2010, p. 177), o grupo caracterizava-se por “recordações universitárias mal digeridas de filosofia alemã e fragmentos mal compreendidos de socialismo francês”.

A ruptura de Engels com o grupo se deu em razão da postura política vacilante e da hostilidade ao radicalismo filosófico, que, por sua vez, inviabilizavam o movimento de se estabelecer como expoente de políticas efetivamente democráticas e liberais contra as instituições feudais e absolutistas. Posteriormente, Engels destacou-se na escrita jornalística social e cultural, portanto, não mais restringindo-se à literatura, mas enveredando também na política, tal como em suas *Letters from Wuppertal* ou *Cartas de Wuppertal*, publicadas no *Telegraph für Deutschland*, em 1839. Isto mostra, em síntese, as experiências vivenciadas por Engels, ao visitar e conhecer de perto a realidade de pauperismo do proletariado, divergindo da abordagem dos demais colegas que, remotamente, escreviam sobre a classe trabalhadora.

O que chamamos atualmente de empatia se transformou no diferencial da escrita de Engels, o que marcaria tanto seu estilo de pesquisa quanto a história de seu tempo, posto que “[...] a intensidade de seus sentimentos pela base da pirâmide social provavelmente era tanto o produto de um antagonismo rebelde à geração de seu pai quanto uma simpatia pelos sofrimentos dos trabalhadores” (Hunt, 2010, p. 51).

¹ Poeta alemão romântico que influenciou Engels por seus escritos considerados subversivos diante das autoridades alemãs e, por isso, sofreu censuras tendo suas obras e escritos associados ao movimento da Juventude Alemã de 1835, sendo banidos do país.

² Foi um escritor também ligado ao movimento da Juventude Alemã e seus escritos políticos influenciaram a formação do pensamento de Engels.

³ O grupo literário surgiu nos anos de 1830 e foi encerrado definitivamente em 1841. Refletia o espírito oposicionista da pequena burguesia e agia em defesa da liberdade de consciência e imprensa, questionando o romantismo do período precedente e sobre a vida cotidiana dos alemães, com particular atenção à miséria cultural e material da Alemanha.

Nesse sentido, a educação política de Engels seguiu num percurso do romantismo⁴ ao socialismo, posto que sua interpretação sobre o meio em que vivia vinculava diretamente a opressão política à exploração econômica. Ele passou a denunciar a hipocrisia dos industriais, ao tempo que, nos anos de 1839 a 1841, fica patente seu repúdio ao cristianismo, forjando a passagem de crítico literário e teológico para crítico da economia política e social. Foi assim que procedeu em Engels o rito de passagem e a afirmação de sua mudança de posição, pois, mesmo tendo em sua origem de classe os limites do industrialismo burguês, ele opta por assumir sua posição política e ideológica a favor da classe trabalhadora.

Esse redirecionamento de Engels teve como circunstâncias e fatores preponderantes a crise social a qual presenciava em Manchester, no auge de seu processo de industrialização, ao se descobrir a classe que tinha de pagar o preço dessa grandeza comercial, a classe proletária, como ele depois chegaria a declarar que esta seria destinada a dismantelar aquele injusto sistema. Tal temática foi abordada em uma série de artigos para o *Rheinische Zeitung*, de Marx, pois, diante da realidade de miséria da classe proletária, Engels passa a enfrentar novas questões, para além dos estudos sobre consciência e liberdade dos Jovens Hegelianos.

A linguagem da realidade econômica ganha tônica nas pesquisas de Engels e cabe, aqui, acrescentar que isso se deu a partir de uma visão embrionária do socialismo como busca por uma nova religião da humanidade, o que, em parte, era a busca de Feuerbach, uma nova “religare”. Nesse sentido, Engels extraiu contribuições do socialismo utópico de Robert Owen, Charles Fourier e Saint-Simon, pelas quais, mais tarde, Engels verifica o fracasso destes, por causa de uma avaliação incorreta dos rigores históricos, quando nosso pensador eleva suas considerações a partir do socialismo científico, agora não limitado a ideais, mas partindo das reais possibilidades.

Ainda sobre o período, instalado em Bremen, pode-se identificar a influência, primeiramente, de Strauss (*A vida de Cristo examinada criticamente*), e, depois, marcadamente, da filosofia de Hegel, com efeitos manifestados na publicação de *Paisagens* (1840), no *Telegraph de Gutzkow*, texto em que Engels compara os borrifos refrescantes e o sol brilhante depois de uma viagem pelo mar do Norte, apontando para as descobertas feitas na leitura do pensamento hegeliano, anelando licenças poéticas ao arcabouço filosófico.

⁴ Cabe registrar que a presença dessa fase atravessada pelo romantismo na vida de Engels não é consensual entre os intérpretes, como exemplo constam posicionamentos de Michel Löwy.

Em abril 1841, Engels deixa Bremen, retornando a casa dos pais, onde passa seis meses, para, depois, mediante alistamento militar, seguir para Berlim, em meados de setembro, apresentando-se como voluntário junto ao corpo de guardas desmontados da artilharia, por um ano.

Segundo Hunt (2010, p. 225), em Berlim - local que sediava a principal universidade da Alemanha - nosso jovem, além de frequentar as aulas de Schelling sobre a filosofia da revelação, quando não estava no campo de treinamento militar, frequentava também as salas de leitura e as adegas das cervejarias. Em vários intérpretes podemos encontrar aspectos marcantes da personalidade de Engels, a exemplo podemos citar sua extroversão⁵, segundo Marx, “mas, sendo de fato uma enciclopédia ambulante, ele é capaz, bêbado ou sóbrio, de trabalhar a qualquer hora do dia ou da noite, escreve depressa e é diabolicamente rápido para entender”.

Com isso, logo o irreverente Engels adotou, alegremente, o modo de vida dos *Livres*⁶, e como a semente do hegelianismo já havia sido plantada, rapidamente ele começa a se dedicar aos estudos de filosofia, acostando-se ao Grupo de Jovens Hegelianos (*Os Livres*), que, por sua vez, fomentava uma crítica à política e à religião, a partir do pensamento de Hegel. O Grupo foi considerado à época como grupo de filósofos hegelianos radicais, dentre os quais se destacavam Ludwig Feuerbach, Arnold Ruge, Bruno Bauer e Max Stirner.

Dando seguimento a questão, no período de 1839-1842, nosso jovem se dedicou a ensaios de crítica literária e filosófica, ou seja, momento em que esteve em Bremen (1839-1841) e Berlim (1841-1842). Quanto à fase em Berlim, a conferência do filósofo Friedrich Wilhelm Schelling despertou a indignação de Engels, que, Varela (2020, p. 260) faz referência aos artigos escritos por Engels, em oposição aos posicionamentos de Schelling, que defendia uma Filosofia Positiva de viés teológico-mística como forma de combate ao hegelianismo imanente. Engels, em combate à perspectiva de Schelling, mesmo ainda com uso de pseudônimo, publica três textos que se destacaram: *Schelling sobre Hegel*; *Schelling y la Revelación, Crítica al último intento reaccionario contra la filosofía libre*; *Schelling, Filósofo*

⁵ Como quando, segundo Hunt (2010, p. 69), adquiriu: [...] um belo spaniel chamado brincalhonamente de Namenloser, ou Sem Nome, que levava a seu restaurante favorito de especialidades da Renânia para encher a barriga de carne de porco e chucrute. “Ele tem grande talento para se embriagar e, quando vou a um restaurante à noite, ele sempre vai e recebe a sua parte, ou então se põe inteiramente à vontade à mesa de qualquer um”. “Arisco demais para ser bem treinado, o cão só tinha conseguido aprender um truque”. “Quando eu digo ‘Namenloser, olha ali um aristocrata!’, ele fica louco de raiva e rosna de uma forma horrível para a pessoa que aponto para ele.” Na Berlim da década de 1840, isso deve ter acontecido com muita frequência.

⁶ Grupo de intelectuais formado entre final da década de 1830 e início da década de 1840, composto por filósofos, teólogos e escritores hegelianos que advogavam entre muitos temas, o ateísmo intransigente e radical além de condenarem a moderação política dos liberais alemães.

en Cristo, o La transfiguración de la sabiduría del mundo en sabiduría de Dios, o que nos esclarece a nota de rodapé do primeiro texto:

Firmado: "Friedrich Oswald": en: *Telegraph für Deutschland* No. 207, diciembre de 1841. Escrito en la segunda quincena de noviembre y diciembre de 1841. Este artículo abre una serie de escritos sucesivos dirigidos contra Schelling. Para entonces, Schelling había abandonado muchos elementos racionalistas de sus puntos de vista anteriores y se había convertido en un profeta de la "Filosofía positiva" teológica-mística (véase la nota 436). Fue invitado a Berlín por Federico Guillermo IV de Prusia, como contrapeso al Hegelianismo, particularmente el de la izquierda, los jóvenes hegelianos. El 15 de noviembre de 1841, Schelling comenzó su curso de conferencias en la Universidad de Berlín. Engels los escuchó en calidad de estudiante no matriculado. Había llegado a Berlín desde Barmen en la segunda mitad de septiembre de 1841 a causa del servicio militar, que hizo en una brigada de artillería hasta agosto de 1842. Extractos de las conferencias de Schelling que continuaron hasta el 18 de marzo de 1842, se citan en las notas del Nachlass de Engels. Solo una pequeña parte de estas conferencias se imprimió en ese momento (*Schelling's Vorlesungen en Berlín, Darstellung und Kritik der Hauptpunkte derselben, mit besonderer Beziehung auf das Verhältniss zwischen Christenthum und Philosophie von Dr. J. Frauenstadt, Berlín, 1842*), la mayor parte fueron publicadas solo después de su muerte en sus Obras completas; véase: F. W. Schelling. *Philosophie der Offenbarung. Sämmtliche Werke, 11 Abt., Bd. I-IV, Stuttgart y Augsburg, 1856-1861*⁷ (Varela, 2020, p. 260).

Nessas elaborações, a crítica de Engels consiste em acusar Schelling de postular um novo misticismo religioso, que entende a história do mundo como produto de eventos ao acaso, no qual apenas Deus pode livrar a humanidade do mal pensamento, que divergia do pensamento de Hegel, que via Deus no desenvolvimento do ser humano, ou seja, em Hegel não temos uma teologia, mas uma filosofia. Isto quer dizer que a ideia de Deus não é um ponto decisivo da filosofia hegeliana.

Nosso pesquisador e seu Grupo começaram a empreitada do uso da filosofia hegeliana para minar os alicerces religiosos e políticos da Prússia. Desse contexto, destaca-se a proposta defendida por Feuerbach, que atendia aos anseios de Engels em rejeitar toda e qualquer concepção religiosa de interpretação do mundo. Assim, a visão disseminada por

⁷ Firmado: "Friedrich Oswald": em: *Telegraph für Deutschland* No. 207, dezembro de 1841. Escrito na segunda quinta-feira de novembro e dezembro de 1841. Este artigo abre uma série de escritos sucessivos dirigidos contra Schelling. Para então, Schelling abandonou muitos elementos racionalistas de seus pontos de vista anteriores e se tornou um profeta da "Filosofia positiva" teológica-mística (veja a nota 436). Foi convidado para Berlim por Federico Guillermo IV da Prússia, como contrapeso ao hegelianismo, particularmente de esquerda, os jovens hegelianos. Em 15 de novembro de 1841, Schelling iniciou seu curso de conferências na Universidade de Berlim. Engels ouviu a qualidade do estudante não matriculado. Ele foi enviado a Berlim de Barmen na segunda metade de setembro de 1841 por causa do serviço militar, que fez parte de uma brigada de artilharia até agosto de 1842. Extratos das conferências de Schelling que continuaram até 18 de março de 1842, são citados nas notas do Nachlass de Engels. Apenas uma pequena parte destas conferências foi impressa naquele momento (*Schelling's Vorlesungen en Berlin, Darstellung und Kritik der Hauptpunkte derselben, mit besonderer Beziehung auf das Verhältniss zwischen Christenthum und Philosophie von Dr. J. Frauenstadt, Berlim, 1842*), a maior parte foram publicadas apenas após sua morte em suas Obras completas; nome: F. W. Schelling. *Philosophie der Offenbarung. Sämmtliche Werke, 11 Abt., Bd. I-IV, Estugarda e Augsburg, 1856-1861*. (tradução nossa)

Ludwig Feuerbach, por meio da obra *A essência do cristianismo* (1841), orbitava em torno da valorização do humano. Em largas linhas, temos no campo ideológico a compreensão do mundo na presença de Deus (religião cristã), depois a substituição deste pela Ideia (filosofia hegeliana), e na nova concepção seria colocada a antropologia neste lugar.

Importa, aqui, mencionar os temas que revolviam a mente de Engels até então, os quais se voltavam para a filosofia, a teologia, a práxis política e a economia. Sobre essa experiência do jovem Engels, cabe pontuar como marcou sua decisão em se identificar em suas produções, tornando público seu posicionamento de classe, conforme ilustrado nas palavras de José Paulo Neto, dispostas na apresentação da obra *Esboço para uma crítica da economia política* da seguinte forma: “Mas, a pouco e pouco, depois de 1841, o escritor começa a deixar de lado o pseudônimo e, após fins de 1842, não o usará mais” (Engels, 2021, p. 19).

Ainda sobre essa valorização do humano despertada na forma de uma consciência social, temos outra publicação, *Die europäische Triarchie* (A triarquia europeia), de Moses Hess, que, por sua vez, impactou profundamente Engels, posto que pleiteava a abolição da propriedade privada e a revolução no âmbito religioso, político e social, conforme nos detalha Hunt (2010, p. 89):

A Alemanha devia apresentar os fundamentos filosóficos do comunismo, a França já estava bem avançada no ativismo político e a Inglaterra que estava em processo de industrialização devia juntar a lenha para a fogueira social. O antagonismo entre a pobreza e a aristocracia do dinheiro só vai chegar a um grau revolucionário na Inglaterra, assim como aquela oposição entre espiritualidade e materialismo só pode chegar a seu clímax na França e o antagonismo entre Estado e Igreja só pode ter seu ápice na Alemanha.

O impacto das ideias de Hess na formação do pensamento de Engels carregou em si a compreensão da práxis a partir dos antagonismos reais vislumbrados na Europa capitalista, assim como os prejuízos sociais herdeiros do sistema. Na Inglaterra, o antagonismo entre pobreza e aristocracia, na Alemanha, entre Estado e Igreja, na França, entre espiritualidade e materialismo.

Isto implica sustentar que as bases de assimilação do real, de Engels, estavam assentadas nas contribuições da Alemanha, França e Inglaterra, respectivamente, por meio dos fundamentos filosóficos, ativismo político e desenvolvimento da economia como efeito da industrialização. Nesse sentido, Hobsbawm (1983) resgata de Lenin a tríplice fonte do socialismo marxista calcado no socialismo francês, na filosofia alemã e na política econômica inglesa. Sendo assim, Hess emerge daquele Grupo como um dos primeiros a colocar a questão

social em pauta, desenvolvendo seu estudo a partir da reflexão da práxis, por ele interpretada como a prática na vida humana.

Moses Hess⁸ (1812-1875) exerceu grande influência sobre Engels e Marx no período de 1842 a 1845, seja por ser um dos primeiros a adotar o socialismo como norteador ou por ter conseguido arregimentar uma geração de jovens intelectuais rebeldes ao *status quo*. Mesmo que, posteriormente, Marx e Engels tenham se afastado de Hess, cabe mencionar que, dos socialistas utópicos, este foi o que mais se aproximou do socialismo científico desenvolvido pela dupla citada, justamente por apresentar elementos práticos em sua compreensão e proposição de sociedade.

Examinando os textos publicados por Hess, podemos verificar que, mais do que direcionar Engels ao projeto político revolucionário do comunismo, exerceu também considerável inspiração tocante à metodologia e ao objeto de investigação, ao qual Engels, posteriormente, se debruçou, depois da compreensão da filosofia não como mera atividade reflexiva sobre o mundo, mas como instrumento de ação sobre ele, tal como estava presente seus indícios em Hess e Arnold Ruge (1802-1880), por meio do conceito de filosofia da ação, além da influência literária e política de Ludwig Börne (1786-1837) por meio do conceito de práxis política.

Dando continuidade aos aspectos da vida de Engels, apontamos que, concluída a prestação de serviço militar, em Berlim, em outubro de 1842, a caminho de casa, Engels passa no jornal radical *Rheinische Zeitung* (Gazeta Renana), em Colônia. Lá, não encontrou Karl Marx, mas teve longa e amistosa conversa com Hess, atravessada por constatações dos problemas reais da sociedade, diálogo que conquista Engels e o transforma em um comunista entusiasmado. Por isso, cabe para esse momento citar uma passagem de McLellan (1977, p. 12):

[...] Hess voltava a filosofia de Hegel para o futuro e declarava que o humanismo filosófico de Feuerbach e as idéias francesas de luta de classes estavam a pique de serem postos em prática através de uma revolução comunista no país mais avançado economicamente: a Inglaterra.

⁸ Socialista alemão de origem judaica, filho de industrial proprietário de refinarias de açúcar em Colônia, mantinha uma relação conturbada com o pai, dividindo seu tempo entre o trabalho administrativo nas empresas da família e a militância socialista. Foi responsável por sintetizar a filosofia alemã e o radicalismo político francês, sendo assim considerado autodidata e pioneiro em seus estudos, com destaque a contribuição das obras: *A história sagrada da humanidade* (1837), *A triarquia europeia* (1841), *Socialismo e comunismo* e *Filosofia da ação* (ambos em 1843), *Sobre a essência do dinheiro* (1845), *As consequências de uma revolução do proletariado* (1847), além da publicação anônima de *Princípios comunistas* em 1844 (Russ, 1991).

Sobre as impressões de Moses Hess, cabe ainda mencionar que este teve influência na abertura de Marx e Engels para o mundo do comunismo, afirmação reforçada por Hobsbawm (1983, p. 56), ao declarar a conversão tardia dos pensadores ao comunismo - Engels (fim de 1842) e Marx (segunda metade de 1843) -, bem como anuncia a importância que Hess teve nesse processo: “[...] Entre 1842 e 1845, sua influência sobre Marx e Engels foi fundamental, embora bem cedo ambos tenham deixado de levá-lo muito a sério”.

A presença marcante de Hess na vida de Engels, em particular, pode ser justificada também pela similitude na história de vida de ambos. Hess, em 1830, acaba preenchendo a lacuna da rejeitada herança religiosa pelo socialismo da humanidade, sendo pioneiro na difusão deste pensamento na Alemanha, por meio da obra *A História Sagrada da Humanidade* (1837), assim como também na ligação do Jovem hegelianismo às ideias comunistas.

Retomando o roteiro de viagens, Engels continua sua rota e chega em Barmen, onde seu pai já estava decidido a afastá-lo do convívio com os agitadores alemães, tendo em vista que chegaram até ele boatos sobre a produção de folhetos anônimos com envolvimento do filho e que estes lardeavam ataques textuais a Frederico Guilherme IV. A decisão tomada foi de enviá-lo a Manchester, a fim de encarregá-lo da gerência na indústria de fiação Ermen & Engels.

Saindo de Barmen em direção à Inglaterra, novamente Engels passa pela Gazeta Renana, onde finalmente encontra Marx, o editor do jornal. É consenso entre os biógrafos que este primeiro encontro foi atravessado por uma troca fria de palavras burocráticas. Portanto, em 16 de novembro de 1842, acredita-se que, por suspeita de que Engels ainda pertencesse ao grupo dos Livres de Berlim, e, tendo o Mouro entrado em conflito com o Grupo, este havia tratado com desconfiança o futuro parceiro de militância, sendo este o motivo que justificaria a recepção pouco calorosa reservada ao nosso pensador revolucionário.

Isto mostra, em síntese, que podemos considerar como um dos pontos altos na formação do jovem Engels o período de 1842 a 1844, quando passou a ser correspondente da Gazeta Renana, teve seu primeiro encontro com Karl Marx (em Colônia) e intensificou seus aprendizados econômicos a partir das experiências de gestão fabril, com ênfase na sua vivência no centro industrial, capitalista britânico, Manchester.

O contexto de Manchester e das cidades vizinhas era que haviam recebido a grande massa populacional camponesa expropriada de suas terras a partir do século XVI, ou seja, o êxodo rural e a falta de uma administração pública e regulamentações favoreceu a instalação das primeiras fábricas.

Dentre os acontecimentos marcantes em Manchester, nos primeiros meses de 1843, Engels conhece Mary Burns⁹ (1821/22-1863) e Georg Weerth (1822-1856), escritor socialista alemão, fundamentais para a pesquisa de campo realizada por Engels nos bairros operários, aquisições essenciais à consolidação da ação política e análise da economia de seu tempo, uma vez que de um lado estava a teoria comunista de Engels e do outro a realidade material de Mary.

Ao longo de sua pesquisa, Engels ameculhou avanços intelectuais e ideológicos muito importantes, ao que viria a se tornar o materialismo dialético, posto que, por cerca de duas décadas, nosso pesquisador realizou um estudo metodológico de exame crítico da economia capitalista, da cultura, da natureza, da sociedade e da filosofia da Inglaterra industrial.

Sobre esse período, segundo Krätke (2022), Engels se dividia entre os negócios da família, noites de leitura, reflexão e redação de textos, além de, aos fins de semana, visitar os bairros operários. Sobre isso, cabe analisar que além disso, a presença de Mary Burns foi decisiva nesse processo de pesquisa de campo, sobretudo, para a compreensão do papel histórico do proletariado para a transformação social. O seu encantamento foi tanto que se formou um laço afetivo entre Engels e Mary, relacionamento este que perdurou até a morte da irlandesa, em 1863.

Dentre os artigos produzidos e publicados, do período de 1838 a 1844, podemos destacar o *Esboço para uma crítica da economia política* (1843), publicado no *Deutsch-Französische Jahrbücher*. Ainda, é importante pontuar que, nesta elaboração, nosso pensador revolucionário mostrou as riquezas de sua experiência de Manchester, ao tempo em que abriu mão da teorização berlinense em favor de uma análise empírica e prática, diante das contradições econômicas e crises sociais que estavam acontecendo na Europa, o que despertou a atenção de Karl Heinrich Marx, que, por sua vez, começa a trocar correspondência com Engels, momento em que o primeiro desvia o foco da filosofia para a economia política, ressaltando que:

[...] A sua originalidade está em que, nele, *pela primeira vez, esse procedimento analítico é orientado pelo método dialético*. Em síntese: esse ensaio de Engels é o primeiro texto em que o método materialista-dialético sustenta a análise da economia capitalista e, assim, sustenta a crítica da economia política - apreendida a economia política, simultaneamente, como empreendimento teórico (de caráter científico em clássicos como Smith e Ricardo) e, todavia, portando substratos

⁹ Proletária e filha de imigrantes irlandeses, foi considerada o primeiro grande amor da vida de Engels, a operária irlandesa analfabeta, que, segundo Hunt (2010, p. 113): “Nascida em algum momento entre abril de 1822 e janeiro de 1823, Mary era filha do irlandês Michael Burns, que trabalhava como alvejador e operário fabril e foi para Manchester na década de 1820, tomando Mary Conroy como sua primeira mulher”.

valorativos que comprometem a sua cientificidade (a instituição da propriedade privada como "natural", incidente até mesmo na reflexão dos clássicos e dominante/exclusiva nos simples apologistas da ordem burguesa) (Mayer, 2021, p. 33).

Para este feito, iniciamos esse diálogo com o texto “*Esboço de uma crítica da economia política* (1844)”, em que Engels faz a correlação entre família, sociedade civil-burguesa e Estado. Tal como revelado anteriormente, é um texto de juventude e que teve grande visibilidade aos olhos de Marx, diante da assertividade dos argumentos escritos por um jovem de vinte e quatro anos, que sequer fez carreira acadêmica como Marx.

A obra representa um marco de passagem dos estudos meramente economicistas para pesquisas que levassem em conta a estrutura de funcionamento do sistema capitalista e suas consequências sociais, pois levava em conta os limites dos postulados economistas da época e o fato de não explicarem a desigualdade social, nem as relações sociais de produção. A eticidade é abordada pelo revolucionário, ao esboçar uma crítica econômica e social de seu tempo, se posicionando em discordância à naturalização da condição de desumanidade, ao identificar as dificuldades que a maioria enfrenta em detrimento de uma minoria foi considerada a primeira crítica à economia da época ao revelar a concentração de capital e a tendência ao monopólio que moldavam a economia política e mascaravam a ideologia de dominação burguesa. Outros temas também são trazidos à baila como a crítica à propriedade privada como fruto do divórcio entre o capital e o trabalho, além da teoria das crises cíclicas do capitalismo.

Ao longo da história, a produção material sempre foi determinante para a perpetuação da existência humana. Contudo, a teleologia, como característica marcante em nossa espécie, foi emitindo finalidade à produção material, sendo que, a partir do excedente de produção e apropriação da propriedade privada, o objetivo da produção não se limitou mais a sobrevivência da comunidade, passando a ter como finalidade a perpetuação de determinado grupo dominante.

Portanto, a exposição da obra versa essencialmente sobre as evidências de causas e consequências do capitalismo aplicado ao processo de formação humana, no que consta a luta de classes como elemento recorrente desde a dissolução das comunidades primitivas, mas que se relaciona a partir de outra estrutura social que movimentava sistema de concorrência, propriedade privada, dominação classista e crises econômicas. Logo, aponta-se a propriedade privada como “pedra fundamental” ou elemento de cisão e promotor da luta entre as classes, pois:

Em outras palavras: uma vez que a propriedade privada isola todos de sua individualidade rude, e já que todos têm o mesmo interesse que seus vizinhos, um proprietário é hostil ao outro, um capitalista ao outro, um trabalhador ao outro. Nessa inimizade dos mesmos interesses em prol de sua igualdade, a antieticidade da presente condição da humanidade está consumada; e essa consumação é a concorrência (Engels, 2021, p. 173).

Diante do exposto, podemos verificar que o pensador prussiano está discutindo a oposição entre trabalho e capital, sendo que para contextualizar tal problemática, Engels enfatiza a antieticidade como ingrediente marcante no tempero da concorrência desleal entre os pares, posto que o processo de formação humana nas sociedades anteriores tinha como base os laços de parentesco, no caso, escravismo e feudalismo, divergindo da sociedade capitalista em questão.

Dito de outra forma, a antieticidade põe termo a ética do mercado como sensor de aferição da moral humana, ou seja, os padrões de conduta social passam a ser redefinidos tendo como prioridade não a vida, mas a valorização dos negócios, das vendas e a ampliação do lucro. A perspectiva de análise para esta questão foi alargada por outros estudiosos, dentro do materialismo dialético, como Vazquez (1982, p. 182), ao conceituar que “[...] a moral satisfaz a necessidade social de regulamentar as relações entre os homens numa dada comunidade e esta regulamentação se faz de acordo com os interesses concretos de uma parte social ou da sociedade inteira”, posto que, nas comunidades primitivas, a moral coletivista não conhecia a propriedade privada nem a divisão de classes, ou seja, não existia a moralidade do indivíduo, porque o coletivo absorvia o individual. Logo, a produção para a existência material era regida pelas necessidades e interesses do coletivo e não restrita às elucubrações individuais.

Em outros termos, no processo de formação humana, a moral, após o advento do excedente de produção, propriedade privada e divisão da sociedade em classes, emitiu-as condições econômicas e sociais para o surgimento de uma nova moral. Contudo, nas demais sociedades posteriores, o capitalismo atendeu ao interesse individual na produção material, mas não na responsabilização pessoal pelo coletivo.

Com a dissolução das comunidades primitivas, a moral passou a ter um caráter de classe, pois sua função social passou a sancionar as relações e condições de existência de acordo com os interesses da classe dominante e sua perpetuação deu-se por justificações das mais diversas, a exemplo do escravismo e feudalismo em que a família de seu nascimento determinava o desfecho de sua existência.

Com a emergência do poder da classe de comerciantes (classe burguesa), se agudizam as contradições entre o desenvolvimento das forças produtoras e as relações de produção dentro da formação econômico-social feudalista, pois, quando amadurecem essas contradições é que, dos destroços do sistema econômico antecessor, se constroem um novo sistema com uma nova superestrutura ideológica a justificar sua ascendência e a vigência de uma outra moral, no caso a capitalista.

Dito isto, com o sistema capitalista tem-se uma sociedade organizada a partir do poder estatal e das relações de propriedade, com superestrutura ideológica de uma pseudopossibilidade de mudança de classe. Sobre essa questão, nosso autor, em diálogo imanente com a realidade, analisa a economia política e desnuda a não dissolvida desigualdade de oportunidades para a mudança de classe. Isto quer dizer que a propaganda da nova ética que promoveria a equiparação de direitos e deveres não vingou na práxis e o que se estabeleceu foi a antieticidade, diante da proposta acordada entre a burguesia e os trabalhadores, logo:

A primeira consequência é, por um lado, a desconfiança mútua e, por outro, a justificativa dessa desconfiança, o uso de meios antiéticos [Unsittlicher] para alcançar uma finalidade antiética [Unsittlichen]. Por exemplo, o primeiro princípio do comércio é o sigilo, ocultação de qualquer coisa que possa degradar o valor do artigo em questão. A consequência disso é: no comércio é permitido se beneficiar tanto quanto possível da ignorância, da confiança da contraparte e elogiar propriedades de suas mercadorias que elas não possuem. Em uma palavra, negociar é fraude legalizada. Que a prática corresponde a essa teoria testemunhará todo comerciante que queira honrar a verdade (Engels, 2021, p. 165).

Vale ressaltar que a antieticidade mencionada por Engels se refere a outra moral como expressão das relações sociais alienadas, ou seja, uma moralidade egoísta e individualista que move interesses e necessidades estritamente pessoais ou de sua classe, que, por sua vez, atravessa os três planos da vida social analisados por nosso pesquisador, econômico, político-social e ideológico.

Percebe-se a emergência de temas como a possibilidade de formação de uma consciência coletiva e da revolução social, já que muitas questões de combate trazidas por ele foram debatidas em seu encontro com Marx, que, por sua vez, referiam-se à gênese, estrutura e função dos elementos que compõem a sociedade de seu tempo.

Neste ponto, em específico, destacamos a observação do Mouro, ao considerar o esboço de Engels como genial, fazendo referência à centralização da propriedade, na economia privada da supremacia do grande capital, da grande propriedade fundiária, tal como ilustra a passagem a seguir:

Ao criticarmos a economia política, portanto, examinaremos as categorias fundamentais, revelaremos a contradição trazida pelo sistema do livre comércio e traçaremos as consequências de ambos os lados da contradição. Nas condições atuais, a ciência deveria se chamar economia privada, porque suas relações públicas existem apenas em favor da propriedade privada.

A consequência disso é que, mesmo em circunstâncias normais, o grande capital e a grande propriedade fundiária devoram o pequeno capital e a pequena propriedade fundiária de acordo com a lei do mais forte - a centralização da propriedade. Nas crises comercial e agrícola, essa centralização acontece muito mais rapidamente. A grande propriedade multiplica-se em geral muito mais rapidamente do que as pequenas, pois uma parte muito menor da receita é deduzida como despesa da propriedade. Essa centralização da propriedade é uma lei tão imanente à propriedade privada quanto todas as outras; as classes médias devem desaparecer cada vez mais até que o mundo seja dividido em milionários e pobres, grandes proprietários de terras e pobres diaristas. Todas as leis, toda divisão da propriedade fundiária, toda fragmentação possível do capital são inúteis - esse resultado deve vir, e virá, se não for precedido de uma transformação total das relações sociais, uma fusão de interesses opostos e uma superação da propriedade privada (Engels, 2021, p. 164; 182).

Na passagem anterior, Engels ressalta sua visão sobre as leis do sistema do capital, todavia precisamos atentar para o fato de que, em sua juventude, ainda não tinha suas ideias políticas bem formadas. Por esse motivo, destacamos em meio a sua escrita, traços sobre o tema da luta de classes e a possibilidade de sua dissolução, mas ainda cogitando uma fusão de interesses, deveras inconciliáveis. Ainda assim, Engels se posiciona apontando a inutilidade de medidas reformistas, como a incrementação de leis ou ações que busquem fragmentar o capital, ou seja, tentar minar suas bases com medidas paliativas e nos alerta sobre a necessidade de superação da propriedade privada como conquista essencial à transformação total das relações sociais.

Ademais, as categorias temáticas família, propriedade privada e luta de classes emergem como pontos interseccionais¹⁰ que atravessam uma perspectiva maior, a formação humana. Estas demonstram a configuração das famílias a partir do interesse de concentrar cada vez mais a base de sustentação da sociedade de classes, a propriedade privada.

Nesse sentido, as categorias apresentadas demarcam um campo de estudo que, ao longo das vivências e aprofundamento em suas pesquisas, se torna mais amplo na escrita de nosso revolucionário, pois gera o entendimento do funcionamento da sociedade civil-burguesa, logo, das transformações agregadas ao processo de formação humana, com destaque à situação da classe explorada.

Dando continuidade ao debate sobre o *Esboço*, em que nosso pesquisador revolucionário caracteriza o trabalho a partir da produção da mercadoria, portanto, trazendo à

¹⁰ O conceito de interseccionalidade foi cunhado no campo do Direito, mas aqui o utilizamos com vistas a compreender a interação entre dois ou mais fatores sociais no processo de formação humana (Akotirene, 2019).

tona a conceituação do capital como trabalho acumulado, o que para os economistas de seu tempo se restringia ao resultado funcional da relação entre o humano e a natureza, tal como podemos observar no trecho:

Segundo o economista, os custos de produção de uma mercadoria consistem em três elementos: a renda fundiária [*Grundrente*] pelo terreno necessário para produzir a matéria-prima, o capital com lucro e o salário pelo trabalho necessário para a produção e elaboração. Contudo, mostra-se de imediato que capital e trabalho são idênticos, uma vez que os próprios economistas admitem que o capital é "trabalho acumulado". Portanto, temos apenas dois lados: o natural, objetivo, o terreno, e o humano, subjetivo, o trabalho, que inclui capital - e uma terceira coisa além do capital em que o economista não pensa, quero dizer, o elemento espiritual da invenção, do pensamento, além do elemento físico do mero trabalho (Engels, 2021, p. 169).

Neste contexto, há de se enfatizar a inedacidade das colocações de Engels, pois, indo além da visão dos economistas, ele destacou os *elementos espirituais e físicos* incorporados pelo trabalhador à atividade exercida. Visto deste prisma, os aspectos ontológicos do trabalho são levados em conta, tendo em vista a propriedade humana de modificar o objeto trabalhado e a si própria, bem como da singularidade de cada um impressa no produto a ser obtido.

Mais à frente no mesmo texto, o conhecimento é abordado ao mencionar o *auxílio da ciência*, que, por sua vez, se volta contra o trabalho, ao estar contra o trabalhador, pois as inovações tecnológicas agregadas à produção, na inserção do maquinário de fiar, por exemplo, passou a substituir a atividade do trabalhador. Nesse sentido, se levarmos em conta que a atividade humana é que agrega capital à mercadoria, então as máquinas estariam, nas palavras de Engels, *desviando a demanda por trabalho humano*, conforme demonstra adiante:

Na luta do capital e da terra contra o trabalho, os dois primeiros elementos têm uma vantagem especial sobre o trabalho - o auxílio da ciência, pois também esta é dirigida contra o trabalho nas condições atuais. Quase todas as invenções mecânicas, por exemplo, foram motivadas pela escassez de mão de obra, especialmente as máquinas de fiar algodão Hargreaves, Crompton e Arkwright. Toda grande demanda por trabalho gerou uma invenção que aumentou a força de trabalho de forma significativa; por conseguinte, desviou a demanda por trabalho humano (Engels, 2021, p. 183).

Dessa forma, podemos observar nas bases do próprio sistema a manifestação da condição de sua autodestruição, já que o sistema se movimenta a partir da exploração do trabalho humano. Tomando como base esse pressuposto, podemos vislumbrar a possibilidade de transformação da situação de exploração da classe trabalhadora e, nesse sentido, Engels aponta o século XVIII, como o século da revolução:

O século XVIII, o século da revolução, também revolucionou a economia mas, como todas as revoluções desse século foram unilaterais e ficaram presas à oposição, assim como permaneceu oposto ao espiritualismo abstrato o materialismo abstrato, à monarquia a república, ao direito divino o contrato social, do mesmo modo a revolução econômica não suplantou a oposição (Engels, 2021, p. 162).

Todavia, uma revolução ainda em gestação de muitos pressupostos para deflagrar uma efetiva transformação, pois ao se limitar aos avanços científicos se mostrou unilateral, permanecendo a dicotomia polarizada e sistemática que, opondo sistemas político-econômicos, ainda mantém suas raízes na mesma relação de luta de classes e exploração dos trabalhadores, de modo que, ao reconstruir e examinar a evolução filosófica do jovem F. Engels, a partir de 1838, temos no *Esboço* a contextualização da economia política na forma teorizada da prática concreta e histórica do desenvolvimento capitalista partindo da ambição e do egoísmo dos primeiros comerciantes modernos, período este chamado por Engels de *cruzada dos mercadores*, até atingir seu segundo estágio do desenvolvimento histórico do capitalismo, ou seja, d' Revolução Industrial do século XVIII, o período chamado por ele de *revolução econômica*. Também há destaque no mesmo texto atribuído à intencionalidade da existência do Estado no sistema capitalista, da Idade Moderna adiante, vejamos:

Os pressupostos permaneceram em toda a parte; o materialismo não atacou a humilhação e o desprezo cristãos do homem, apenas se limitou a opor ao homem, no lugar do deus cristão, a natureza como absoluto; a política não pensou em examinar os pressupostos do Estado em si e para si; a economia nem sequer chegou a pensar em questionar a *legitimidade da propriedade privada* (Engels, 2021, p. 162).

A legitimidade da propriedade privada passa a ser assegurada pelo Estado, por meio da criação do aparato legal, ou seja, o aparelho jurídico surge para dar suporte, para que este cumpra seu papel de atender aos interesses da classe dominante. Os pressupostos, isto é, as motivações de manutenção da relação entre dominados e dominadores não foram questionadas, e o papel político mistificado da Igreja na sociedade feudal deu lugar ao Estado na sociedade burguesa.

As formas de exploração foram se aperfeiçoando de acordo com o avanço tecnológico e a consequente expansão das forças produtivas, o que está em pleno acordo com o perfil da classe dominante capitalista, comprometida em manter a realidade de exploração. Por outras palavras, para Engels, o Estado está longe de ser a materialização concreta dos interesses gerais da sociedade; na sociedade capitalista, ele tem a função, efetivamente, de administrar os negócios da classe dominante, da burguesia.

Em atendimento aos propósitos da classe dominadora, a educação foi trocando sua expressão de ampla formação para um caráter puramente informativo e tecnicista, limitando-se ao ensino instrumentista, conforme vige na contemporaneidade, sob o jargão da “era da informação”, a fim de garantir a reprodução da sociedade em duas classes antagônicas: burguesia e proletariado.

Desse momento em diante, podemos observar um avanço nos estudos de Engels e para esta investidura ele aplicou o que aprendeu sobre alienação com os jovens hegelianos no âmbito da economia política. Dito de outro modo, ele elaborou uma crítica à propriedade privada (considerada como raiz dos males sociais) e ao trato com a economia política em suas categorias fundamentais, enveredando, assim, por caminhos que nem Feuerbach havia traçado, já que o combate deste se restringiu aos sentimentos religiosos.

Outro destaque foi quanto a sua observação da condição de vida da população de Manchester que despertou o interesse de Engels para o processo de formação humana daquelas pessoas, fato que o leva, em 1844, a publicar um relato: *A condição da Inglaterra*, que, posteriormente, em Barmen, tornar-se a obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), pois:

[...] as injustiças humanas de que foi testemunha ocular na Manchester em processo de industrialização levaram-no para além do "mero saber abstrato" de seus dias de Berlim. Com uma maturidade intelectual impressionante, Engels, aos 24 anos, aplicou a noção de alienação dos Jovens Hegelianos às realidades materiais da Grã-Bretanha vitoriana e, com isso, definiu a arquitetura ideológica do socialismo científico. O germe do comunismo teórico que ele herdou de Moses Hess brotou em seus dias de Manchester (Hunt, 2010, p. 132).

Desta feita, podemos considerar também a fala de Marx, sobre o artigo *Esboço para uma crítica da economia política* (1843), alegando ser uma elaboração genial e, se unirmos a produção do artigo *A Situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), formam um conjunto de produções que foram importantes para a mudança de foco das pesquisas de Marx, da filosofia para a economia política. Ademais, sobre esse texto, repousa a crítica de Hildebrand, citado por Krätke (2022, p. 64): “De acordo com a crítica de Hildebrand, Engels, embora tenha razão em muitos aspetos e apresente os factos corretamente, não os analisa bem e estabelece falsas relações causais”.

O argumento, desenvolvido por Hildebrand e comentado por Krätke, tece uma crítica metodológica quanto à utilização dos documentos que subsidiaram a pesquisa, posto que, na época, a pesquisa científica se restringia à comprovação laboratorial, mas que hoje em dia se revela de profunda atualidade o uso da pesquisa documental, bibliográfica e de campo.

Como apoio à reflexão da obra “*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845)”, podemos assinalar que esta circunscreve as experiências vividas por Friedrich Engels, a partir de novembro de 1842, durante o período de 21 meses de pesquisa, quando esteve na Inglaterra, numa rotina atravessada por trabalho administrativo, escrita de artigos para jornais socialistas ingleses, participação em reuniões políticas e conferências científicas no *Hall of Science* da cidade.

O deslocamento para a cidade de Manchester se deu por imposição de seu pai, que o enviara para estágio na fábrica de algodão Ermen & Engels, como podemos confirmar por meio da citação a seguir:

Durante vinte e um meses, tive a oportunidade de conhecer de perto, por observações e relações pessoais, o proletariado inglês, suas aspirações, seus sofrimentos e suas alegrias – ao mesmo tempo em que contemplava minhas observações recorrendo as necessárias fontes originais. Tudo que vi, ouvi e li está reelaborado neste livro (Engels, 2010, p. 41).

Conforme pudemos confirmar, o caráter informativo e analítico da investigação realizada por Engels comportou as dimensões de pesquisa, de consulta aos documentos oficiais e não “oficiais”, assim como observação e relação direta, além da dimensão moral inspirada em sua pesquisa de campo.

O interesse de Engels em escrever e publicar a obra partiu de sua indignação frente ao descaso e apatia do Estado e da classe dominante em relação à exploração no trabalho e as péssimas condições de vida do proletariado. Destaca-se a acuidade de nosso pesquisador, ao examinar o progresso tecnológico da produção material, na passagem do modo de produção feudal de configuração predominantemente rural para o sistema capitalista, marcado pela concentração de fábricas e incremento produtivo, localizado na cidade.

Na tentativa de ampliar a compreensão dessa passagem do medieval ao moderno, no âmbito da constituição da família e do domínio da propriedade privada, podemos nos utilizar das explicações de Vázquez (1982, p. 218):

[...] à medida em que se percorrem novas e amplas fases do desenvolvimento histórico-social da humanidade e sua moral se eleva e enriquece, e sobretudo, quando essa adquire - já nos tempos modernos - um conteúdo humanista, a justificação racional se torna cada vez mais necessária para que possa cumprir mais firmemente a sua função social reguladora.

O trecho retrata a passagem da moral justificada por costumes, tradição ou fé para a necessidade de explicações racionais, todavia, ainda para a manutenção da propriedade privada, família monogâmica e patriarcal e classes sociais.

Sobre essa passagem da moralidade do sistema produtivo feudal ao capitalista, temos no âmbito da família, célula social mais elementar e primitiva da comunidade humana, maior liberdade de associação, não mais regida pela autoridade de sangue ou do dinheiro, mas ainda isolada e voltada ao atendimento dos interesses de núcleos individualizados.

Investigando a disseminação do viés do racionalismo filosófico burguês sobre a sociedade, Engels se vê perante um ser humano produto, pois vale ao tempo que produz, expropriado dos meios de produção que se tornaram propriedade privada do patrão e cuja constituição familiar que luta pela sobrevivência. As cidades em destaque foram Manchester e Londres, onde participou ativamente do cotidiano dos operários, pois, dentre seus objetivos afirma:

[...] eu queria conhecer-vos em vossas casas, observar-vos em vossa vida cotidiana, debater convosco vossas condições de vida e vossos tormentos; eu queria ser uma testemunha de vossas lutas contra o poder social e político de vossos opressores (Engels, 2010, p. 37).

Com o auxílio da citação, podemos verificar um aprofundamento do pensamento de Engels, pois este não mais se contentava em teorizar sobre a economia política, mas conhecer, em especial, a classe mais prejudicada, portanto, a situação da classe trabalhadora. Lembremos que nosso pesquisador vinha da classe abastada de uma família tradicional, mesmo assim não se acomodou à sua condição favorável, porque sempre o inquietou a desigualdade social. Ampliamos a compreensão de tal fato dialogando com Ribeiro (2017, p. 39): “O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar”. Por isso, Engels foi em busca do empírico, ou seja, do lugar de fala¹¹ do operariado, porque em meio à luta de classes, o cotidiano da classe abastada ele já conhecia, para apenas depois da investigação e reflexão crítica elaborar uma consciência discursiva, assumindo a partir dela uma posição de classe. indo ao encontro das contradições sociais.

Logo, podemos afirmar que a reflexão do revolucionário ultrapassou a dimensão descritiva das péssimas condições de vida da classe operária, cenário expresso nas palavras do pensador quanto à *imundície, à degradação e desconforto*, pontuando ainda: “[...] em que tão baixo nível de civilidade eles podem sobreviver quando obrigados pela necessidade” (Engels, 2010, p. 96). Tendo tais aspectos em conta, ele passa a perscrutar as especificidades das dinâmicas capitalistas na alvorada da grande indústria, pois, neste estudo, Engels revela a

¹¹ Segundo Ribeiro (2017), é um conceito e ferramenta política que busca combater a reprodução de estruturas de dominação, pois se refere à posição social de um indivíduo em abordar um determinado tema, bem como da percepção e apropriação que este tenha das nuances de dominação.

contradição entre capital e trabalho e a luta entre burguesia e proletariado, a fim de apreender a totalidade dos fenômenos sociais ocorridos em seu tempo.

Em vista disso, o pensador desvenda precocemente a lógica racionalista, cientificista, tecnicista, mercadológico e hipócrita que vige até nossa contemporaneidade, por meio da compreensão da contradição na luta de classes, que, por sua vez, funda a estrutura da sociedade burguesa e como expressão desse entendimento relata:

A relação entre o industrial e o operário não é uma relação humana: é uma relação puramente econômica – o industrial é o “capital”, o operário é o “trabalho”. E quando o operário se recusa a enquadrar-se nessa abstração, quando afirma que não é apenas “trabalho”, mas um homem que, entre outras faculdades, dispõe da capacidade de trabalhar, quando se convence que não deve ser comprado e vendido enquanto “trabalho” como qualquer mercadoria no mercado, então o burguês se assombra. Ele não pode conceber uma relação com o operário que não seja a da compra-venda; não vê no operário um homem, vê *mãos (hands)*, qualificação que lhe atribui sistematicamente (Engels, 2010, p. 308).

Nesse sentido, podemos considerar sua obra como de análise da história social do trabalho, ou seja, das condições de vida que formam os sujeitos que, neste ponto em específico, se entrelaça com a formação do proletariado enquanto classe e movimento organizado, sobretudo, ao levar em conta os posicionamentos dos sujeitos envolvidos, a estrutura econômica e o contexto histórico no qual estavam inseridos.

Como metodologia, Engels adotou a coleta de depoimentos orais, observou diretamente a vida e o trabalho da classe operária em formação na Inglaterra do século XVIII, portanto, das condições de vida e habitação das famílias operárias, além de uma minuciosa pesquisa e análise documental dos registros arquivados na fábrica.

O intelectual prussiano analisou várias questões ambientais e sociais vivenciadas pela classe operária, tais como condições subumanas de habitação, baixos salários, alimentação precária (muitas vezes apenas com batatas), alcoolismo, vestimentas em trapos e pés descalços; situações estas vivenciadas principalmente pela população irlandesa, não como escolha racional ou traço de caráter, mas como condição imposta para a sobrevivência.

Ainda sobre a população irlandesa, cabe evidenciar o pioneirismo de Engels na questão do racismo sofrido pelos irlandeses, diante do conjunto do operariado que este fazia parte da dinâmica socioeconômica.

Ademais, também verificados o pioneirismo na contribuição de Engels ao debate da desigualdade étnico-racial, levando em conta o entendimento que esse tipo de desigualdade não necessariamente tem a ver com cor, mas com etnia, quando tratada de maneira assimétrica em determinado contexto, tema muito debatido em nossa atualidade e que nos leva a creditar

importância aos estudos sobre a história do desenvolvimento da sociedade, elemento fundamental para que o movimento de luta político-social revolucionária a possibilitar a emancipação e que recupera a capacidade de visão totalizante em meio às questões fragmentárias que hoje mobilizam boa parte da energia dos movimentos sociais, para que, assim, não percamos a capacidade de coesão e de dialogar com o conjunto da sociedade.

Outro ponto importante para se considerar e para não perdermos o fio condutor entre as pautas específicas e os interesses gerais da nação - o que nas palavras de Fanon (2010) reveladas em *Os condenados da terra*¹², seria a tomada de consciência da realidade política social, a partir dos saberes, visão de mundo e angústias de classe - é a não utilização de modelos prontos de luta social que não dialogam com as reais particularidades históricas, culturais e econômicas de cada povo.

Por isso, para Engels, tornou-se importante estar junto da realidade vivenciada pelo povo por ele pesquisado, o proletariado, o que chamou sua atenção para o racismo contra os irlandeses, percebendo que isso fazia parte de uma dinâmica socioeconômica. Assim, este jamais foi visto por ele como um processo de exclusão que levava em conta apenas uma identidade por si mesma dissociada da Economia Política, assim como, posteriormente, Fanon (2010) compreendeu que a dinâmica de exclusão racial, portanto, de lumpenização¹³ social, está diretamente relacionada à questão racial, inclusive, fomentando conflitos e concorrência entre os pobres. Logo, podemos compreender que o racismo não se explica apenas pelas categorias culturais, mas também deve ser entendido por meio das categorias socioeconômicas e históricas, ou seja, não seria o confronto de uma cultura contra a outra, mas uma negação da humanidade do outro por meio da sua exploração e dominação.

Outro aspecto relevante em Engels, a partir dessa análise, está na possibilidade de alargar o entendimento de quem seria o sujeito revolucionário, considerando, assim, o local e as circunstâncias históricas os interseccionando às questões de gênero, classe e raça, tal como nos ilustra Fanon (2010, p. 56): “É por isso que as análises marxistas devem ser ligeiramente estendidas, a cada vez que se aborda o problema colonial”. Isso porque, em sua abordagem totalizante, não deixou de compreender as dimensões específicas dos irlandeses diante do conjunto social, o que levou, por exemplo, Lênin e Fanon - expoentes político, culturais e sociais na luta revolucionária por emancipação humana - a levarem em conta as formas

¹² Obra escrita por Franz Fanon (1925-1961), concluída pouco tempo antes de seu precoce falecimento, depois de acometido por leucemia. Para nossa pesquisa, o autor se destaca ao enfatizar a necessidade de se estender a análise marxista, para ter ampliada a compreensão do sujeito revolucionário, principalmente em relação à realidade colonial.

¹³ Refere-se ao processo de exclusão social, pauperização e marginalização de segmentos da população, segregados do mercado de trabalho.

específicas de exploração capitalista e o papel do campesinato nas ações revolucionárias e, no caso do segundo, as particularidades históricas do contexto colonial.

Retomando as manifestações dos destacados personagens na juventude de Engels, temos Thomas Carlyle¹⁴, que diverge de Engels ao ser a favor da manutenção dos interesses da classe dominante e partidário de uma visão romântica de retorno às formas de produção passadas como solução para a contradição de classes; Engels interpreta os aspectos como descaso para com os trabalhadores e foco dos capitalistas em auferir lucro ao explorarem a necessidade de sobrevivência dos trabalhadores.

Diante dessas questões, surgem etapas nas formas de protesto da classe trabalhadora, começando pelo crimes de roubo e passando pelo ludismo¹⁵, para depois o movimento operário consolidar maior grau de consciência, quando na formação legal dos sindicatos e de movimentos de greve, fundamentais para a origem do Cartismo, por sua vez, foi documentado pela Carta do Povo, além da contribuição do Socialismo de Robert Owen, tema abordado por Engels na edição n. 62, de 2/8/1848, do Nova Gazeta Renana:

Toda a guerra dos trabalhadores contra os fabricantes durante os últimos 80 anos, que começou com a destruição das máquinas e que, por meio das associações, ataques isolados contra a pessoa e a propriedade dos fabricantes e contra os poucos trabalhadores leais àqueles, por meio de grandes e pequenos levantes, por meio das insurreições de 1839 e 1842, se desenvolveu até a mais avançada luta de classes que o mundo jamais viu; toda essa luta de classes dos cartistas, do partido organizado do proletariado contra o poder organizado da burguesia, uma luta que ainda não levou àquelas terríveis colisões como as Jornadas de Junho em Paris, mas que é conduzida com maior, com massas muito mais numerosas e em um terreno muito mais amplo – para a *Gazeta de Colônia* e seu Wolfen essa guerra civil social é naturalmente apenas uma prova do amor do proletariado inglês por seus empregadores burgueses! (Engels, 2020a, p. 214).

No trecho anteriormente citado, Engels analisa de forma panorâmica a luta de classes e o importante papel da classe trabalhadora, bem como a impossibilidade do próprio sistema capitalista de manutenção da propriedade privada e de resolver os problemas fundamentais do capitalismo, ou seja, de solucionar as crises provenientes do agravamento da desigualdade social; sistema que sequer consegue manter o controle social da desigualdade em patamares administráveis, seja por meio do ofuscamento da verdade a partir da disseminação de ideologias, ou pelo uso da força militar ostensiva. Isso porque a promessa da

¹⁴ Thomas Carlyle foi um escritor, historiador e ensaísta escocês do século XIX. Faleceu aos 85 anos, em Londres, Inglaterra e ficou conhecido por suas obras que abordam questões sociais, políticas e filosóficas.

¹⁵ Movimento operário que ocorreu durante a Revolução Industrial, inspirado em Ned Ludd, operário que destruiu as máquinas do patrão com um martelo. Seus protagonistas eram os operários, chamados de ludistas, que protestavam contra a industrialização, invadindo fábricas e quebrando máquinas. Este movimento foi reprimido pelas forças militares e teve seus participantes punidos severamente.

moral racionalista burguesa de liberdade, fraternidade e igualdade, trazida como lema na Revolução Francesa em 1789, acabou se restringindo ao contrato capitalista, ou seja, ao acordo que passou a ser celebrado com o capitalista detentor dos meios de produção. Significa, então, que houve alteração da forma, mas não do conteúdo real, e que somente o triunfo do proletariado resolveria as questões sociais da luta de classes, ou seja, todos têm liberdade, mas enquanto comerciam e dão lucro à classe dominante.

Ademais, ainda sobre as relações sociais, no tocante aos laços familiares e à construção da moralidade, podemos inferir que, na moral moderna, racionalista e burguesa, aos trabalhadores cabe a função de serem mercadorias a serem negociadas por meio de acordo mútuo. Sobre esse assunto, Engels pontua a indiferença do capitalista diante das condições de vida e de trabalho dos operários e suas famílias, pois a moral burguesa é estruturada pelas regras transacionais de mercado, nas quais o lucro está fora da contabilidade moral, ou seja, a moral burguesa é o mercado no qual todos são comerciantes, a regra formal é de igualdade do contrato e os resultados de seu cumprimento não são repartidos com equidade entre todos envolvidos, antes são levados para casa para consumo privado do patrão.

Aprofundando a temática da propriedade privada, Engels se dedica a analisar, em específico, o tema da habitação, publicando uma série de artigos no jornal “*Der Volksstaat*”, de Leipzig, periódico do Partido Operário Social-Democrata Alemão, compilados e publicados em uma obra chamada “*Sobre a Questão da Moradia*”, em 1873, cuja temática discutia a questão da propriedade privada sob o prisma a qual atualmente chamamos de segregação socioespacial urbana, pois conforme Engels (2015, p. 38):

A assim chamada escassez de moradia, que desempenha um papel tão importante na imprensa atual, não consiste em que a classe dos trabalhadores esteja vivendo, de modo geral, em moradias ruins, superlotadas e insalubres. Essa escassez de moradia não é peculiar da época atual; ela não é nem mesmo um dos sofrimentos peculiares do proletariado moderno em comparação com todas as classes oprimidas anteriores; pelo contrário, ela atingiu todas as classes oprimidas de todos os tempos de modo bastante homogêneo. Para pôr um fim a essa escassez de moradia só existe um meio: eliminar totalmente a espoliação e a opressão da classe trabalhadora pela classe dominante.

A elaboração acima de Engels demonstra que, por meio dela, podemos verificar a atualidade do tema, principalmente, quanto à escassez e as precárias condições de moradia que até hoje atingem a classe trabalhadora. Nesse sentido, observa-se que, no século XIX, e ainda em nosso tempo, que essa questão permanece insolúvel e não somente porque há insuficiência de soluções para a pluralidade e a complexidade de elementos que compõem a moradia.

Retomando as condições de moradia no século XIX, temos que, mesmo quando na construção e entrega da habitação, o fato ocorreu sem levar em conta uma concepção mais ampla de moradia, portanto, que não se restringem à casa, pois deveria levar em conta aspectos como saneamento básico, serviços públicos e privados, acessibilidade, relações de vizinhança e sentido comunitário.

A propósito dessa discussão, destacando os aspectos relatados anteriormente, podemos relacioná-los às categorias família, luta de classes e propriedade privada, pois, para atender as mínimas condições necessárias para sobrevivência da classe trabalhadora, o atendimento aos serviços mencionados anteriormente era necessário para atender as necessidades básicas de sobrevivência da classe trabalhadora.

Isto posto, as necessidades e a falta de suprimento destas se atravessam de modo a constituir um processo de formação humana no qual Engels destaca o protagonismo da classe trabalhadora, em meio à industrialização e urbanização da principal região estudada por ele, Manchester/Inglaterra.

Por conseguinte, podemos inferir que, no artigo sobre a situação dos trabalhadores, Engels realiza uma densa análise pautada em uma reflexão crítica e científica, perfazendo, assim, um desenho do trabalho da classe proletária na Inglaterra e, por isso, o trabalho é debatido a partir das mudanças após o processo de industrialização da cidade, como consta:

Em resumo, essa é a história da indústria inglesa nos últimos sessenta anos uma história que não tem equivalente nos anais da humanidade. Há sessenta ou oitenta anos, a Inglaterra era um país como todos os outros, com pequenas cidades, indústrias diminutas e elementares e uma população rural dispersa, mas relativamente importante; agora, é um país ímpar, com uma capital de 2,5 milhões de habitantes, imensas cidades industriais, uma indústria que fornece produtos para o mundo todo e que fabrica quase tudo com a ajuda das máquinas mais complexas, com uma população densa, laboriosa e inteligente, cujas duas terças partes estão ocupadas na indústria e constituem classes completamente diversas das anteriores. Agora, a Inglaterra é uma nação em tudo diferente, com outros costumes e com necessidades novas. A revolução industrial teve para a Inglaterra a mesma importância que a revolução política teve para a França e a filosófica para a Alemanha, e a distância que separa a Inglaterra de 1760 da Inglaterra de 1844 é pelo menos tão grande quanto aquela que separa a França do Antigo Regime da França da Revolução de Julho. O fruto mais importante dessa revolução industrial, porém, é o proletariado inglês (Engels, 2010, p. 58-59).

Os impactos da revolução industrial à sociedade inglesa são equiparados aos causados pela revolução política na França e a filosófica na Alemanha, colocando como protagonista na Inglaterra o proletariado. Isso porque, na perspectiva engelsiana, a manifestação madura do operariado inglês, como uma classe, serviu para despertar e catalisar

as inquietações e expectativas que nosso pesquisador revolucionário nutria para a elaboração de uma teoria crítica à sociedade econômica, cultural e política de seu tempo.

Desse modo, o desenvolvimento das atividades na cidade leva a população a sair do campo para a cidade, ou seja, o nível intelectual e moral de uma população rural passa a ser influenciado pelo conhecimento que deveria ser adquirido para encontrar atividades laborais na cidade.

As palavras de Engels são contundentes neste sentido, ao anunciar que *até o momento em que as máquinas os despojaram de seu ganha-pão, obrigando-os a procurar trabalho na cidade*, portanto, o conhecimento, por exemplo, de manuseio das máquinas adquirido por esses trabalhadores, foi imposto pela condição de sobrevivência, e, assim podemos observar que

É fácil adivinhar o caráter moral e intelectual dessa classe. Afastados das cidades, nelas praticamente não entravam porque entregavam, mediante o pagamento de seu trabalho, o fio e o tecido a agentes itinerantes, de modo que, velhos moradores das proximidades das cidades, nunca haviam ido a elas, até o momento em que as máquinas os despojaram de seu ganha-pão, obrigando-os a procurar trabalho na cidade. Seu nível intelectual e moral era o da gente do campo, à qual, de resto, estavam geral e diretamente ligados através de seus pequenos arrendamentos. [...] Em suma, os trabalhadores industriais ingleses dessa época viviam e pensavam como se vive e se pensa ainda aqui e acolá na Alemanha, isolados e retirados, sem vida intelectual e levando uma existência sem sobressaltos. Raramente sabiam ler e, menos ainda, escrever, iam regularmente à igreja, não faziam política, não conspiravam, não refletiam, apreciavam atividades físicas, escutavam com a tradicional devoção a leitura da Bíblia e, em sua singela humildade, tinham boas relações com as classes mais altas da sociedade (Engels, 2010, p. 46-47).

Logo, o conhecimento do saber manusear as máquinas surge do entendimento do trabalho como atividade para sua sobrevivência, sem a necessidade de reflexão sobre sua condição de vida ou de classe. Como descreve Engels, os trabalhadores sequer sabiam ler e escrever, mas tinham boa relação com as classes mais altas e devoção religiosa, portanto, hábitos aparentemente de conformismo de sua situação de classe, em condição miserável, diga-se de passagem.

Nesse contexto na cidade, novos hábitos irão se construir e essa população passa a aprender novas formas de se movimentar, pois o trabalhador rural teve que se constituir em operariado, ou seja,

A história da classe operária na Inglaterra inicia-se na segunda metade do século passado, com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas a processar o algodão. Tais invenções, como se sabe, desencadearam uma revolução industrial que, simultaneamente, transformou a sociedade burguesa em seu conjunto - revolução cujo significado histórico só agora começa a ser reconhecido.

A Inglaterra constitui o terreno clássico dessa revolução, que foi tanto mais grandiosa quanto mais silenciosamente se realizou. É por isso que a Inglaterra é também o país clássico para o desenvolvimento do principal resultado dessa revolução: o proletariado. Somente na Inglaterra o proletariado pode ser estudado em todos os seus aspectos e relações (Engels, 2010, p. 45).

Sobre as relações que foram se estabelecendo, temos a classe trabalhadora das fábricas, o proletariado, que foi se forjando nas condições de exploração observadas por Engels e, posteriormente, também presencialmente por Marx, pois, tanto em Londres como em Manchester, as ruas se abarrotavam de pessoas e, em concordância com Mary Gabriel, o que prevalecia era a degradação da humanidade, porque, para os ricos, era como se os pobres não existissem e fossem apenas objetos da exploração, ou seja, “The poor stole what they could from the rich, and the rich stole what they could from the working poor-one act called crime, the other, industry”¹⁶ (Gabriel, 1976, p. 89).

As bases do movimento operário se assentavam na insatisfação de pessoas que além de trabalharem excessivas horas viviam em cortiços abarrotados, passando fome, em vielas úmidas, vestidas de farrapos e em meio à fumaça. Estas, entre outras condições, fomentaram as bases da revolução social, pois, ao se dar início à expansão e ao papel propulsor do proletariado, posteriormente enfatizado no Manifesto Comunista (1848), a situação de penúria imposta à classe trabalhadora como condição da revolução industrial leva à formação do movimento revolucionário cartista, conforme Engels (2010, p. 273; 274) nos expõe:

Finalmente, uma observação: os operários fabris, em particular aqueles dos distritos onde se processa o algodão, constituem o núcleo do movimento operário. O Lancashire, especialmente Manchester, é a sede das associações operárias mais fortes, o centro do cartismo e a região onde se conta o maior número de socialistas. Quanto mais o sistema fabril penetra num ramo de trabalho, tanto mais ativamente os operários participam do movimento; quanto mais agudo se torna o contraste entre operários e capitalistas, tanto mais desenvolvida, tanto mais aguçada se torna a consciência proletária no operário. Os pequenos patrões de Birmingham também sofrem com as crises, como os operários, mas encontram-se numa incômoda posição intermediária entre o cartismo proletário e o radicalismo dos merceeiros. Mas, em geral, todos os operários da indústria estão hoje ganhos para uma ou outra forma de resistência ao capital e à burguesia e são unânimes acerca de que, enquanto *working men* [homens trabalhadores] - título do qual se orgulham e vocativo utilizado usualmente nas reuniões cartistas -, constituem uma classe específica, com princípios e interesses e concepções próprios, em confronto com todos os proprietários; e, ao mesmo tempo, estão conscientes de que neles residem a força e a capacidade de desenvolvimento da nação.

¹⁶ “Os pobres roubavam o que podiam dos ricos, e os ricos roubavam o que podiam dos trabalhadores pobres – um ato era chamado de crime, o outro, de indústria.” (tradução nossa)

A passagem acima destaca o estado de consciência de classe no qual o movimento operário se encontrava, condição essencial para ebulição de uma revolução social, e, analisando a narrativa, temos que Engels, ainda assim, depõe a respeito do Estado e da educação quanto ao caráter formativo dos operários, educação que se restringia a um precário nível de instrução, compensado pela iniciativa da classe em complementar seu entendimento do mundo rumo ao desvelamento de sua realidade oprimida, posto que, uma vez consciente de que sua situação opressora é circunstancial, o operário poderá lutar pela transformação de sua realidade juntamente com outros que se sentiam explorados.

Nesse ínterim, a classe trabalhadora da Inglaterra, conforme nota Engels, conhecia os interesses nacionais e da burguesia em mantê-lo com baixa instrução, bem como dominavam noções econômicas importantes para conhecimento em valorar no quanto eram exploradores no exercício de suas atividades laborativas, como podemos observar:

Está visto o que a burguesia e o Estado fizeram pela instrução e pela educação da classe operária. Felizmente, as condições em que vive essa classe são tais que proporcionam uma educação prática que tanto substitui o ensino escolar ineficiente quanto torna inócuo o efeito pernicioso das confusas ideias religiosas em que está mergulhada, cultura prática que coloca os trabalhadores à frente do movimento nacional na Inglaterra. A necessidade leva o homem a inventar e, mais importante, a pensar e a agir. O operário inglês, que lê mal e escreve pior, sabe bem, no entanto, quais são seus interesses e os interesses nacionais, sabe quais são os interesses particulares da burguesia e o que tem a esperar dela. Se não sabe escrever, sabe falar, e falar em público; se não conhece operações aritméticas, sabe o bastante de noções econômicas para refutar e desmascarar um burguês que defende a abolição das leis sobre os cereais; e se, para ele, apesar dos esforços dos clérigos, as questões celestiais permanecem obscuras, estão esclarecidas as questões práticas dos problemas terrenos, políticos e sociais (Engels, 2010, p. 153).

Aqui podemos afirmar a atualidade da citação ao dialogar com a opressão, tão atual neste quanto em Freire (2014, p. 51), frente a necessidade de uma educação para o desvelamento do real, “[...] transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens”; acrescentamos também mulheres, bem como sobre a relação entre opressor e oprimido, burguesia e classe trabalhadora.

Para fundamentar sua posição, retomamos o percurso de Engels como militante e pesquisador ao deixar Manchester no final de agosto de 1844, mas que, ainda assim, resolve antes passar em Paris, quando encontra Marx. Este encontro foi decisivo na parceria formalizada entre os dois pensadores revolucionários e comunistas, o que, segundo Hunt (2010, p. 137): “[...] depois de dez dias encharcados de cerveja, os dois criaram um laço emocional e ideológico que duraria a vida toda”.

Mayer (2021, p. 61) relata que o encontro ocorreu no *Café de la Régence*, estendido até a casa de Marx e, na altura desse relato, o biógrafo, de forma ímpar, descreve a personalidade de ambos: “Se o espírito ativo e persistente de Engels era como a torrente da montanha, Marx era como a tempestade que golpeia sem prestar atenção se destrói ou edifica”.

A parceria entre Marx e Engels rendeu frutos promissores, sendo o primeiro *A Crítica da Crítica: contra Bruno Bauer e consortes* (1845), ou *A sagrada família*, que torna público o rompimento dos revolucionários com o grupo dos Livres de Berlim, considerado por eles movido por teorias abstratas, especulativas e desvinculadas da realidade social. A ruptura se deu por meio de uma crítica demolidora das ideias de seus partícipes e, nesse sentido, se firma o compromisso de Engels e Marx em posicionarem-se junto à classe proletária, clarificando, assim, a concepção teórico-metodológica adotada do materialismo dialético.

Nesse sentido, algumas questões foram enfrentadas e debatidas nas falas em público de Engels, tais como a inevitabilidade do conflito de classe dentro do sistema capitalista, quanto à necessidade da eliminação da competição, do capital e do trabalho. Em concordância com Hunt (2010, p. 144), torna-se importante destacar algumas medidas que corroborariam ao futuro comunista, segundo: “[...] educação infantil universal, seguida pela reorganização do sistema de assistência social aos pobres e uma tributação progressiva do capital”.

Na sequência, pouco tempo depois desse encontro entre os pensadores revolucionários, Engels segue em viagem da Bélgica à Inglaterra, com objetivo de estudos, pois ele, como homem prático, queria colocar seu parceiro diante do proletariado e suas condições de vida. Torna-se importante considerar que as viagens de Engels foram de suma importância para pesquisa e difusão dos conhecimentos desenvolvidos pelos parceiros, tanto no aspecto de formulação quanto de questionamento das teorias desenvolvidas pelos filósofos alemães, bem como da concepção materialista da história, sociedade e cultura.

Em abril 1845, Engels se encaminha para Bélgica, a fim de encontrar-se com Marx em Bruxelas, onde se instalam em apartamentos vizinhos com suas respectivas companheiras, período ímpar na vida de Engels, porque pôde se dedicar inteiramente ao socialismo. Em outras palavras, os socialistas debatiam temas que balizaram a crítica ao materialismo do pensamento de Feuerbach e que culminaram na elaboração do materialismo dialético e no comunismo, a partir da maturação no processo de ruptura do pensamento idealista ao materialismo.

Esse debate nos remete à elaboração da obra *A ideologia Alemã*, que foi engavetada e veio a público apenas em 1932, lançando luzes sobre o motor histórico das importantes mudanças, a luta de classes, retroalimentado pela competição e concentração da propriedade privada. Neste ponto, em específico, cabe ressaltar as *Teses sobre Feuerbach*, que destacam a necessidade de não apenas interpretar o mundo, mas transformá-lo.

Engels e Marx, na obra citada, lançam a público a crítica social por eles desenvolvida, na qual nosso pensador se destaca com as contribuições de seu pioneirismo na apreensão da organização da sociedade burguesa, quanto ao significado da propriedade privada, da revolução industrial, do ciclo periódico de crises econômicas e da centralidade do protagonismo do proletariado para a futura revolução social.

Ademais, salientamos a cofundação do materialismo dialético em seus fundamentos teórico-filosóficos e metodológicos, demarcando uma nova apreensão do real a partir da história, da sociedade e da cultura, ou seja, uma concepção materialista da história cujas primeiras formulações sistemáticas ocorreram de 1844 a 1846, conforme objetam que a

produção material da vida imediata e em conceber a forma de intercâmbio conectada a esse modo de produção e por ele engendrada [...] como o fundamento de toda a história, [...] explicando a partir dela o conjunto das diferentes criações teóricas e formas da consciência religião, filosofia, moral etc. etc. e em seguir o seu processo de nascimento a partir dessas criações, o que então torna possível, naturalmente, que a coisa seja apresentada em sua totalidade (assim como a ação recíproca entre esses diferentes aspectos). Ela não tem necessidade, como na concepção idealista da história, de procurar uma categoria em cada período, mas sim de permanecer constantemente sobre o solo da história real; não de explicar a práxis partindo da ideia, mas de explicar as formações ideais a partir da práxis material (Marx; Engels, 2007, p. 42-43).

Logo, podemos inferir que esta concepção adveio da necessidade de estabelecer sob novos parâmetros a compreensão da história da sociedade e de sua interação com a natureza, tendo, por sua vez, como ponto de partida a práxis, pois, como vimos, Engels desde sua escolarização, já demonstrava gosto pela leitura e escrita, bem como pendor para as ciências econômicas e jurídicas, a partir da observação dos contrastes sociais. Quando se deu sua passagem de escrita literária para social e política, como ponto de inflexão, temos atualmente o que entendemos como tema colonialista, pois tratava do impacto da invasão do povo ocidental à população originária, no caso o povo beduíno. De escrita literária evolui para jornalística social, cultural e política, disso podemos aduzir que a formação política de Engels

foi forjada a partir do autodidatismo, marcado por seu posicionamento de classe, que divergia de sua práxis de origem.¹⁷

Em meio a pesquisas de campo, leituras filosóficas e participação em movimentos de grupo de intelectuais, a preocupação de Engels com o processo de formação humana foi ganhando tônica. Ao mudar o foco para a dimensão histórica da constituição da formação dos sujeitos, Engels passou a destrinchar o fenômeno social da formação humana no contexto da luta de classes em toda a sua complexidade, sendo de suma importância investigar as condições materiais nas quais ele se desenvolveu. Logo, a reconstituição histórica dos diferentes processos de formação humana dos sujeitos é tomada como recurso metodológico indispensável, bem como os primeiros traços do materialismo dialético sobremaneira presente, tanto em sua análise sobre a economia política quanto nas pesquisas sobre a classe trabalhadora da Inglaterra.

Para aprofundarmos e acompanharmos esse devir de F. Engels, seguiremos com a tratativa intitulada *A formação do último Engels: contribuição de Engels para uma teoria do gênero humano*, na qual se identificam aspectos que se consolidam a partir de 1848.

¹⁷ Sobre esse tema adotamos a concepção que a escravização foi um processo atípico da formação do proletariado clássico do período de acumulação primitiva do capital.

3 A FORMAÇÃO DO ÚLTIMO ENGELS: CONTRIBUIÇÃO DE ENGELS PARA UMA TEORIA DO GÊNERO HUMANO

“[...] toda a história da humanidade tem sido a história da luta de classes, conflitos entre explorados e exploradores, entre as classes dominadas e as dominantes; que a história dessas lutas de classes se constitui de uma série de etapas, atingindo hoje um ponto em que a classe oprimida e explorada - o proletariado - não pode mais libertar-se da classe que explora e oprime - a burguesia - sem que, ao mesmo tempo, liberte, de uma vez por todas, toda a sociedade da exploração, da opressão, do sistema de classes e da luta entre elas” (Marx; Engels, 2005, p. 77-78).

A passagem acima consta no Prefácio à edição inglesa de 1888, do Manifesto Comunista, escrito por Friedrich Engels e firma o ponto evocado para iniciarmos esta seção, momento em que Engels e Marx escrevem e publicam juntos a obra, posto que, segundo eles, ao proletariado caberia a tarefa de libertar-se e, assim, libertar as demais classes da luta entre elas, uma vez que Engels, em suas viagens, pôde constatar a necessidade de implantação de alguns elementos centrais da luta pelos interesses do proletariado que eram de abolir a propriedade privada e o reconhecimento da revolução como meio para se atingir o comunismo.

Em 1847, Engels se torna membro da Liga dos Justos, quando, em junho do mesmo ano, ocorre o congresso da Liga, em Londres, para o qual Marx e Engels foram convidados. Durante o congresso, seus delegados acordaram em rebatizar a *Liga dos Justos* como *Liga dos Comunistas*, substituindo o lema *Todos os homens são irmãos* por *Trabalhadores do mundo inteiro, uni-vos!*

Apesar de Engels e Marx terem relutado em entrar para a organização da Liga, era imprescindível mobilizar esforços para a revolução e movidos por esse objetivo de instruir a classe trabalhadora e erguer mecanismos para enfrentar a burguesia, Engels acabou ficando encarregado

[...] de fazer o esboço do “catecismo revolucionário” da liga, que apresentaria sua postura político-filosófica. O resultado foi o “Rascunho de uma Profissão de Fé Comunista”, cujo título já revelava a mistura de fervor religioso e envolvimento pessoal que marcaram o início do movimento comunista” (Hunt, 2010, p. 165, grifos do autor).

O mencionado rascunho com vinte e quatro perguntas tinha seu corpo atravessado pela interpretação materialista da história e da sociedade, pois a fatualidade da revolução dependia da disjunção entre relações de propriedade e o modo de produção, além da superestrutura política e social estar de acordo com a base econômica.

Noutras palavras, o esforço teórico de Engels, em outubro de 1847, como forma de preparar o documento para o segundo congresso da Liga, que recebeu o nome de

Princípios do Comunismo (1914), contando com vinte e quatro perguntas e respostas que estabeleceram ênfase no materialismo, apelo à solidariedade e revolução proletária.

Até 1914, o texto *Princípios* permaneceu inédito, mas, em linhas gerais, sabemos que este serviu como base para a confecção do *Manifesto do Partido Comunista*, finalizado em janeiro de 1848. Assim, podemos inferir que Engels, além de antecipar questões aprofundadas no *Manifesto*, também teve a compreensão do capitalismo moderno, como se vê na constatação do proletariado como classe opositora ao capitalismo e em sua tentativa de síntese da filosofia alemã e da economia política, também, quando na aceitação do comunismo como exigência prática da unificação internacional. Sobre esse assunto, Hunt (2010, p. 153) afirma:

De 1845 até as revoluções de 1848, Marx e Engels foram inabaláveis em seu apoio ao sistema (pela força, se preciso) de poder burguês e da democracia liberal como um estágio intermediário que levaria ao comunismo. Não poderia haver uma ditadura do proletariado da noite para o dia; a situação exigia, ao contrário, um longo processo de engajamento político e compromisso com uma revolução democrática burguesa.

Nessa concepção, Marx e Engels pontuavam que, para se chegar ao comunismo, a sociedade teria que passar por um processo metódico e rigoroso, que dependia da tomada de consciência e das ações históricas do proletariado a partir de seu papel de acabar com as relações capitalistas, mas, em discordância com Hunt (2010), não podemos declarar que Engels e Marx apoiaram o sistema de poder burguês, até mesmo porque seria contraditório ao que pleitearam.

Há, portanto, no *Manifesto Comunista* a preocupação educativa do proletariado, o que nos interessa ressaltar aqui, a décima medida que ressalta a necessidade para a classe trabalhadora da educação pública e gratuita, da abolição do trabalho infantil e da combinação da educação com a produção material como processo social. Ademais, ele preocupa-se também com a influência e controle da classe dominante, pois:

O palavrório burguês sobre a família e a educação, sobre a santa relação de pai e filho, torna-se ainda mais nojento na medida em que, pela ação da indústria moderna, todos os laços familiares entre os proletários são destruídos e seus filhos transformados em simples artigos de comércio e instrumentos de trabalho (Marx; Engels, 2017. p. 36).

Dessa forma, ambos pretendiam demonstrar como as condições materiais, sociais e históricas influenciam o desenvolvimento humano dentro de uma estrutura social e econômica. Em maior diálogo, temos a fragilização das relações sociais nas famílias da classe

trabalhadora ao ser tratada pela burguesia como artigos ou instrumentos de trabalho, portanto, mediações usadas pela burguesia para exploração e obtenção de mais dividendos.

Retomando o passo, temos que, no período de 1848-1849, Marx assume como redator-chefe na Nova Gazeta Renana e, em 1850, Engels participa das insurreições, em Elberfeld e Baden, exilando-se em Londres, após a derrota da Suíça e da França. Em Londres, nosso militante, por um ano, colaborou com Marx nas atividades políticas do reconstituído Comitê Central da Liga Comunista.

Seguindo com a análise, cabe notar que, a toda e qualquer oportunidade, Engels utilizava de sua oratória, pois, além de útil aos gracejos em suas conquistas amorosas, também foi importante para disseminação dos objetivos a serem alcançados rumo ao comunismo, tais como assegurar os interesses do proletariado, abolição da propriedade privada e a não aceitação de outros meios que não os da força para a conquista da revolução. No texto final do Manifesto, alguns trechos exaltados de Engels foram suprimidos por decisão de Engels e Marx, a exemplo dos planos de formação de comunas agroindustriais e as alusões ao fim do casamento.

Uma questão que merece observação foi a experiência pessoal de Engels nas revoluções de 1848-49, na ação militar atuando na linha de frente, assim como sua participação, posteriormente, nas barricadas de Elberfeld, partindo de um programa de ação que constava de organização política, propaganda e insurreição militar. Contudo, a virada que a Europa não conseguiu dar relegou uma série de derrotas. Sobre sua retirada de combate, indicamos o registro na edição n. 300, de 17/05/1849, do Nova Gazeta Renana:

Na manhã do dia 14. quando Engels acompanhava o comandante-em-chefe Mirbach à convocação geral em Engelnberg, o sr. Höchster, também do Comitê de Segurança Pública, veio até ele e declarou: Embora nada houvesse a dizer contra seu comportamento, mesmo assim a burguesia de Elberfeld estava alarmada no mais alto grau com sua presença, ela temia que a qualquer momento ele fosse proclamar a república vermelha, e era desejo geral que se afastasse.

Engels declarou que não pretendia nem se impor, nem abandonar covardemente seu posto, e exigia, pois de outro modo não poderia se comprometer com tal coisa, que esse desejo lhe fosse transmitido preto no branco, assinado por todo o Comitê de Segurança Pública.

O sr. Höchster levou a questão ao Comitê de Segurança Pública e ainda no mesmo dia foi tomada a seguinte decisão:

"Solicita-se ao cidadão Friedrich Engels, de Barmen, ultimamente residente em Colonia, com pleno reconhecimento de sua atividade desenvolvida até o momento nesta cidade, deixar ainda hoje os arredores desta comunidade, uma vez que sua presença poderia dar ensejo a mal-entendidos sobre o caráter do movimento" (Engels, 2020a, p. 783).

Além da frustração pessoal e reavaliação ideológica, a situação impôs à sociedade alta nos preços dos cereais, depressão econômica e fome como ponto culminante na Prússia, cujos detalhes constam impressos no texto *As Guerras Camponesas na Alemanha* (1848), portanto, uma das revoluções de março mais sangrentas da Europa. Em resumo, Engels passou a desvendar a estrutura política da Alemanha atrasada e feudal, bem como as estruturas políticas e religiosas daquele tempo como resultantes do estágio de desenvolvimento feudal agricultor e atrasado industrialmente.

Perfazendo um balanço comparativo entre as derrotas de 1525 e 1848-49, que levou Engels ao estudo da guerra como sua segunda área de pesquisa, como interesse de estudo sobre a ciência militar, convém avaliar quesitos como a função de liderança, a natureza da estratégia, o papel da topografia, da tecnologia e do moral do exército e, postas suas assertivas avaliações, foi que recebeu o carinhoso apelido de *General*¹⁸. Um exemplo que mostra a dedicação dele à temática militar que resultou em sessenta artigos sobre a guerra franco-prussiana, publicados entre julho de 1870 e fevereiro de 1871, no *The Pall Mall Gazette*.

A violência permeia o processo das guerras camponesas, o que para Engels representa um ato político, mas que não tem a capacidade de se sobrepor à dimensão econômica, ao contrário, está a serviço dela, por isso que, ao longo da história, a violência foi utilizada sistematicamente para sustentar e transicionar sistemas socioeconômicos.

Vale ressaltar, ainda, que a violência pode ser usada para fins de natureza diversa, além da econômica, podendo, inclusive, ser usada na forma de ameaça pela classe dominante, para esta assegurar sua posição ou alcançar seus objetivos. Pode ser, ademais, teologicamente legitimada, como no caso fez a Igreja Católica para justificar a manutenção da ordem feudal, ou como fez Münzer para justificar o fim da sociedade feudal.

Tendo em vista, sobretudo, a sua abordagem materialista da ciência militar - para Engels a guerra era mais um componente da superestrutura, tal como religião, política, direito ou a cultura - foi que Engels logo percebeu que a Alemanha não estava pronta para uma revolução proletária e, nesse tempo, tanto ele quanto Marx já estavam perdendo as esperanças na ocorrência e êxito da revolução.

¹⁸ Muitas e muitas vezes, Engels fez pesquisas profundas e relevantes, e foi, por isso, que ganhou o apelido com o qual a família de Marx o tratava "general de exército", ou simplesmente "General". O apelido pegou instantaneamente e logo foi adotado pela fraternidade socialista mais ampla, pois não captava só o domínio que Engels tinha da política militar, mas também sua resistência física, autodisciplina admirável, confiabilidade pessoal, sensatez estratégica (Hunt, 2010, p. 251).

Depois de 28 anos militando na causa da revolução e do comunismo, segundo Hunt (2010), o nosso revolucionário estava farto da vida insurgente e, então, apela para uma escapada para as riquezas sexuais e gastronômicas da França rural, auxiliado pelo dinheiro que a mãe lhe enviava secretamente, fatos registrados em um diário de viagem.

Por hora, vale tomar nota da reflexão feita por Marx e Engels como saldo dessa década de safra ruim na qual os burgueses convenceram os operários a percorrer o caminho da insurreição e os abandonaram na mesma hora que surgiu a oportunidade da contrarrevolução, tratadas nas palavras de Hunt (2010, p. 202) como momento no qual: “Marx e Engels perceberam que o modelo de dois passos — uma revolução democrática burguesa seguida depois por uma revolução proletária - era algo que eles precisavam repensar em sua totalidade. E agora tinham tempo para isso”; tanto que, em novembro de 1850, Marx resolve desfazer a insistência de alguns companheiros por uma revolução independente.

Partindo desta reflexão, temos em “*As guerras camponesas na Alemanha (1850)*” a análise do papel central do campesinato nas lutas, no qual o elemento religioso se apresenta como subterfúgio para o levante de um movimento em defesa dos direitos das pessoas, pois para os camponeses e a massa pobre os fenômenos religiosos apenas poderiam ser completamente entendidos se relacionados às lutas de classes, ou seja, as condições socioeconômicas criaram correspondências entre as convicções revolucionárias e uma determinada narrativa religiosa.

Nesse sentido, Engels busca dentro de uma perspectiva dialética compreender o fenômeno sociorreligioso, ou seja, como fenômeno histórico em constante movimento de forças de múltiplos interesses de classe, desmistificando a visão da religião como circunscrita a movimentos conservadores e/ou reacionários, assim como o distanciamento entre religião e política.

Visando à fundamentação do tema, Engels parte da obra “*História da Grande Guerra Camponesa*”, de Wilhelm Zimmerman, tomando como ponto de partida os relatos e a documentação compilada por Zimmerman. Engels se empenhou em analisar e interpretar as informações coletadas, apontando as limitações e potencialidades do trabalho de seu antecessor, a exemplo do fato deste não compreender a luta política e religiosa como luta de classes.

O método dialético aplicado por Engels acompanhou os processos múltiplos que relacionaram religião e política, de modo a compreender se essas duas configurações sociais se influenciam reciprocamente, mas tendo a noção que a religião não está na base condicional a forjar as guerras camponesas, pois, para Engels, os historiadores alemães - inclusive

Zimmerman - estão equivocados ao interpretar as guerras como conflitos com base fundamentalmente religiosa, posto que, nas palavras dele, “se tratava, sobretudo, de interesses materiais e de classe muito positivos e essas guerras foram lutas de classe [...] a se esconderem sob uma capa” (Engels, 2010a, p. 72). A partir dessa constatação, podemos inferir que Engels discorda de Zimmerman quanto à tese defendida por este de que os conflitos camponeses se restringiam a motivações religiosas.

Assim, podemos vislumbrar o amadurecimento das reflexões de Engels sobre a realidade, ao observarmos que, anteriormente, suas considerações relacionavam teologia e moralidade. Já nesse período de conflitos, lança-se uma nova abordagem sobre o fenômeno religioso. Tendo tais aspectos em conta, Engels faz a regressão dos fatos e coloca em paralelo dois temas, a saber: a situação política alemã, em 1525, após a Grande Guerra Camponesa (1476-1517), e o contexto revolucionário de 1848 a 1850. Portanto, do contexto de oposição entre a representação da Igreja Católica e o Protestantismo, tendo neste segundo a subdivisão entre os liderados por Martinho Lutero e os liderados por Thomas Münzer.

Sob um contexto no qual faziam oposição à Igreja e às instituições feudais, que constituía o campo reacionário e representava os interesses do alto clero, da alta nobreza e patriciado da cidade, temos: os luteranos, moderados e reformadores, representando a burguesia e a pequena nobreza, e os anabatistas, liderados por Münzer, na vertente revolucionária composta por camponeses, plebeus e o nascente proletariado. Nesse sentido, Lutero pleiteava mudanças de caráter doutrinário, de reforma nos preceitos doutrinários, enquanto Münzer tinha ambições para além das questões teológicas e doutrinárias, posto que sua radicalidade se orientava no sentido de transformar as estruturas sociais.

Com a finalidade de alargar nossa compreensão, dadas as devidas proporções, podemos, a partir de Engels, comparar o grupo liderado por Lutero ao dos liberais burgueses de 1848-1849, indicando-os como os reacionários. Em oposição a este, temos os camponeses e a massa pobre liderada por Munzer, que, por sua vez, pode ser comparada à classe trabalhadora operária e que seria o grupo de revolucionários.

Desta digressão histórica, cabe mencionar o contraponto entre o caráter reformista dos seguidores de Lutero e o viés revolucionário dos seguidores de Munzer, os anabatistas¹⁹, em busca do direito de usufruir das benesses da vida após a morte aqui mesmo na terra. Logo, podemos inferir que Engels não analisa a religião a partir de categorias metafísicas, estáticas, universais ou abstratas, mas por meio de uma perspectiva sócio-histórica, inclusive do

¹⁹ Defendiam que o batismo não deveria ser imposto na infância humana, mas ser oportunizado como escolha do indivíduo em sua maturidade.

cristianismo, tema recuperado e aprofundado, posteriormente, a fim de compreender origem, desenvolvimento e expansão, principalmente sobre o cristianismo primitivo, ou seja, da ideologia defendida pelos primeiros cristãos dos séculos I e II, com propostas políticas e teológicas na composição de uma doutrina revolucionária e afrontadora da dominação romana, bem como de reafirmação da religião como elemento de força revolucionária. Como exemplos de textos que retomaram a temática posteriormente temos: *Bruno Bauer e o início do cristianismo* (1882), *O livro das revelações* (1883) e *Contribuição à história do cristianismo primitivo* (1895).

Partindo do que Engels nos revelou, podemos entender que limitar os processos ocorridos naquele tempo ao confronto entre as ideias que representavam a Igreja Católica e as de Martinho Lutero, que, por sua vez, representava a burguesia, resultaria numa compreensão rasa da luta de classes, pois as duas representações citadas já detinham privilégios e disputavam o poder. Enquanto isso, uma terceira classe coexistia e lutava por atendimento de suas necessidades básicas, que era a massa pobre e o campesinato.

Sobre essa percepção da religião como potencial de atividade a desenvolver elementos revolucionários, o estudioso nos caracteriza um cenário diferente do habitual até então, pois a religiosidade defendida pela igreja católica defendia a manutenção do *status quo*, ou seja, com argumentos junto à classe oprimida de que estes são servos de Deus e do senhor feudal e fazendo promessas de vida plena após a morte. Isso diverge da proposta de Munzer, que defendia oportunizar melhores condições de vida no plano material, ideologia, por sua vez, extraída de sua apropriação dos escritos bíblicos traduzidos por Lutero.

Vale ressaltar que o tema da religião não se restringe a esta fase da escrita de Engels, posto que ao final de sua vida escreve “*O Cristianismo Primitivo* (1969)”, publicado originalmente no jornal “*Neue Zeit*”, em duas partes, com o título “*Contribuição à História do Cristianismo Primitivo*” (1894-1895), do qual podemos destacar o trecho: “Oferece-nos a história do cristianismo primitivo, pontos notáveis de contacto com a do movimento proletário moderno” (Engels, 1969, p. 9).

Algumas questões são levantadas, dentre elas a luta de classes e as condições de vida das famílias menos favorecidas, aspectos destacados tanto nas *Guerras Camponesas* quanto no *Cristianismo Primitivo*, tais como:

[...] Que remédio ficava então aos servos e oprimidos, aos empobrecidos? Que solução comum para estes grupos humanos diversos, de interesses distintos ou opostos? Precisavam, não obstante, encontrar uma saída, porquanto um grande movimento revolucionário arrastava a todos (Engels, 1969, p. 37).

Como se pode observar na citação, a inquietação de Engels está evocada pela forma injusta e desigual que ocorria o processo de formação humana como um todo e a indiferença na distribuição do produto do trabalho, bem como da necessidade de um grande movimento revolucionário para a conquista da almejada transformação social.

Além disso, o pensador destaca o gigantesco poder de Roma e a desesperada resistência das pequenas tribos e cidades, no sentido de que o ideal transcendental de vida comunitária no além trouxe uma saída religiosa que concedia igualdade de almas no céu, mas que carregou consequências práticas na terra. Isso porque o ideal pleiteado germinou esperanças e aglutinou intenções comuns de diversos grupos, como comerciantes, camponeses e escravos. Leandro Konder, no Apêndice da obra supracitada, com título “*Cristo Existiu?*”, destaca:

[...] Um exemplo de tais consequências práticas está na conclusão antiescravagista a que chegou um pregador sensível à pressão simultânea decorrente da lógica interna do cristianismo e dos anseios de justiça das massas populares: São Gregório de Nissa. São Gregório observou que “comprar seres humanos é mercadejar com a imagem de Deus” (Engels, 1969, p. 70).

Por este viés, podemos analisar as contradições do próprio sistema feudal que o levariam à ruína, sendo que dos seus escombros se levantaria o sistema capitalista.

Retomando as Guerras Camponesas, torna-se importante apontar o apogeu da análise de Engels, quando destaca o período de 1848-1849, principalmente ao desnudar a intencionalidade reacionária dos luteranos, já que, ao representarem os interesses da burguesia, tencionava o poder apenas com o objetivo de tomar posse dele; diferente dos anabatistas, grupo de revolucionários que buscavam a transformação social a partir da distribuição igualitária dos recursos e bens de produção, logo, da propriedade privada.

Seguindo esta reflexão, Engels analisa a pauta de superação do privilégio de classe reivindicada tanto pela burguesia quanto pelo campesinato, considerando, portanto, sua análise acerca do fenômeno religioso do protestantismo, partindo de duas vertentes distintas de interesses: a representação dos interesses da burguesia ascendente personificada por Lutero e a dos interesses das massas camponesas por Münzer.

Em outras palavras, na aparência temos em destaque a religião, mas na essência temos as disputas da luta entre as classes, aglutinando as famílias conforme os interesses de cada classe. Engels identifica e analisa o papel dos revolucionários e da religião em seu substrato político como movimento de contestação da ordem vigente, atuando, inclusive, como colaborador na sociologia da religião.

Segundo Michael Löwy²⁰, as correntes religiosas foram analisadas por Engels como fenômeno social historicamente construído, cujos elementos sociais de aproximação tinham afinidade de sentido, posto que cada classe social interpretava sua religião em função de sua posição social.

Logo, neste meio de embate entre católicos, luteranos e anabatistas, podemos verificar que mais se trata de uma disputa voltada aos interesses materiais e de classe do que de uma guerra religiosa. Nesse embate, os anabatistas defendiam o modo de produção por meio da propriedade social, portanto, divergindo do interesse das outras duas correntes (católicos e luteranos) que defendiam a produção por meio da propriedade privada. Ainda sobre esta temática da propriedade, Engels (2010, p. 48) nos elucida:

Os operários industriais só podem libertar-se transformando os capitais da burguesia, isto é, as matérias-primas, as máquinas, os instrumentos e os meios de vida necessários para a produção em propriedade social, ou seja, em propriedade sua e utilizada por eles em comum. Do mesmo modo, os operários agrícolas só podem libertar-se da sua espantosa miséria se, em primeiro lugar, a terra - seu principal objeto de trabalho - for arrancada à propriedade privada dos grandes camponeses e dos ainda maiores senhores feudais e convertida em propriedade social, cultivada coletivamente por cooperativas de operários agrícolas.

Nosso pensador faz uma comparação entre a sociedade feudal e a industrial, mais especificamente a questão da propriedade privada dos meios de produção no meio rural e urbano. Também pauta a condição privada dos meios que tornam tanto a produção como o consumo isolados, individualizados, características radiculares do sistema capitalista.

Dando seguimento, podemos compreender que o protestantismo luteranista serviu apenas de ferramenta ao capitalismo e à burguesia para romper em definitivo com o feudalismo, por isso que Engels faz um paralelo entre as revoluções de 1848-1850 e de 1524-1525, nas quais constaram derrota e repressão aos vencidos, à classe camponesa e ainda destaca a exploração e a falta de valorização de seu trabalho, conforme aduz:

A maior tentativa revolucionária do povo alemão terminou por a derrota vergonhosa e uma repressão redobrada. Mas não foi a repressão do movimento o que em longo prazo fez piorar a situação da classe camponesa, pois antes da guerra, a nobreza, os príncipes e os padres já roubavam aos seus vassalos tudo o que era possível roubar-lhes; naquela época, a participação do camponês alemão nos produtos do trabalho, como a do proletário dos nossos dias, limitava-se ao mínimo dos meios de subsistência, indispensável à sua própria manutenção e à reprodução da classe camponesa. De maneira geral já não era possível uma maior exploração. Muitos camponeses acomodados estavam arruinados, um grande número de vassalos fora obrigado a passar à servidão, grandes extensões de terra comunal tinham sido confiscadas e, devido à destruição das suas casas, à devastação dos seus campos e à

²⁰ Pensador brasileiro, relevante estudioso do marxismo, radicado na França, onde trabalhou como diretor de pesquisas do Centre National de la Recherche Scientifique.

desordem geral, muitos camponeses tinham sido lançados para a estrada, no meio dos vagabundos ou entre os plebeus das cidades. Mas as guerras e as devastações eram fenômenos muito correntes naquela época e o nível de vida da maioria dos camponeses estava tão baixo que a sua situação já não podia piorar devido aos novos aumentos de impostos (Engels, 2010, p. 153-154).

O lastro do conhecimento que atravessa essa obra é velado pela forma superficial que os elementos litúrgicos, simbólicos ou mitológicos do fenômeno religioso são transmitidos, pois estes aspectos camuflavam as intenções e especificidades políticas de cada força religiosa e classe social vinculada a cada uma delas.

O relato religioso de profundo alcance político, captado na passagem adiante, traz a socialização do conhecimento da Bíblia como desmistificador, posto que

Com a sua tradução da Bíblia, Lutero tinha dado um instrumento poderoso ao movimento plebeu. Na Bíblia tinha oposto o cristianismo simples dos primeiros séculos ao cristianismo feudal da época; frente à sociedade em decomposição, tinha descrito uma sociedade que desconhecia a hierarquia feudal, complexa e artificial. Esse instrumento fora empregado a fundo pelos camponeses contra os príncipes, a nobreza e os curas. Agora, Lutero voltou-o contra eles e tirou da mesma Bíblia a apologia das autoridades instituídas pela graça de Deus, como nenhum laiaio da monarquia absoluta o fez alguma vez. A Bíblia serviu para justificar a monarquia pela graça de Deus, a obediência passiva e até a servidão. Foi a negação não só da sublevação camponesa como até da rebeldia do próprio Lutero contra a autoridade espiritual e secular; a traição em benefício dos príncipes, não só da rebeldia popular como até do movimento burguês. Não há necessidade de recordar a burguesia que ultimamente nos deu novos exemplos dessa traição do seu próprio passado. A Lutero, reformador burguês, oponhamos Münzer, revolucionário plebeu (Engels, 2010a, p. 81).

Cumprе ressaltar a divulgação dos conhecimentos sobre a concepção extraída da Bíblia que divergia da difundida pela aristocracia religiosa (sacerdotes, escribas e doutores da lei) e que servia de justificativa para submeter os camponeses a trabalharem duramente na economia extrativa para sustentar a ociosa aristocracia.

Até então havia a valorização da ameaça e da punição e a nova concepção de sociedade propagava que a vida humana está acima de qualquer lei e, portanto, lançou ideias de um novo tipo de organização social, desmistificando o direito de propriedade e valorizando a socialização dos bens gerados pela natureza e produzidos pelo trabalho humano.

Urge esclarecer, entretanto, que isso ocorreu diante do movimento liderado por Lutero e ao puxado do Münzer, pois, para Engels, revolucionário apenas seria o cristianismo münzeriano, tendo em vista que não era fonte de alienação e nem de enganação, como depois se mostrou o luteranismo a favor dos interesses da burguesia, continuando a espoliação da classe menos favorecida.

A fim de dessacralizar as instituições que afiançavam as injustiças, a proposta de Münzer buscou fornecer elementos para compreensão das mazelas provocadas pelas estruturas sociais, se tornando, dessa forma, uma teologia a serviço da transformação social, conforme nos apresenta:

Esse programa exigia o estabelecimento imediato do reino de Deus, da era milenar de felicidade tantas vezes anunciada, pela redução da Igreja à sua origem e a supressão de todas as instituições que se encontrassem em oposição com esse cristianismo que se dizia primitivo e que na realidade era essencialmente moderno. [...] Com esses fins, fundar-se-ia uma liga que abarcaria não só toda a Alemanha, como ainda toda a cristandade; os príncipes e grandes senhores seriam convidados a submeterem-se a ela, e, se se negassem, a liga destroná-los-ia com armas na mão ou matá-los-ia na primeira ocasião. Münzer começou imediatamente a organizar esta liga. As suas pregações tomaram um caráter mais violento e revolucionário; com a mesma paixão que mostrava ao condenar o clero, clamava agora contra os príncipes, a nobreza e os patrícios e descrevia com cores sombrias a opressão presente, comparando-a com o quadro fantástico do seu reino milenário de igualdade social republicana. Além disso, publicava repetidos panfletos revolucionários e enviava emissários a todo o lado, enquanto ele próprio organizava a liga de *Alstedt* e arredores (Engels, 2010a, p. 83-84).

A passagem nos elucida a compreensão e necessidade de transformações radicais na estrutura classista, que oprimia o campesinato, como viável, mesmo que se preciso fosse o uso da violência. Aqui, Engels destaca pontos importantes da leitura dele e de Marx sobre a revolução. No sistema capitalista, a burguesia não entregará o poder de bom grado e, se necessário, a classe trabalhadora teria de usar da força.

Para aprofundar o estudo da temática, Engels avalia o papel do Estado, no texto “*As guerras camponesas na Alemanha (1850)*”, partindo de uma análise social da gestão política do movimento de 1848, também disserta sobre o assunto a partir de um estudo histórico sobre a revolução camponesa fracassada no início do século XVI, bem como sobre a campanha para uma constituição imperial - uma curta guerra revolucionária na Alemanha no verão de 1849, da qual o próprio participou.

Nosso pesquisador revolucionário transformou ambos os estudos numa amostra do tipo de análise de estruturas sociais economicamente determinadas na Alemanha dos séculos XVI e XIX, mediante a combinação de uma pesquisa detalhada sobre formas políticas existentes e as ideias dominantes da época.

Paralelamente, Marx trabalhou na análise histórica dos acontecimentos na França, desde a Revolução de fevereiro de 1848 até a queda da Segunda República, com o golpe de Estado de Luís Bonaparte, em dezembro de 1851; afinal, para ambos era importante poder clarificar de maneira consistente as derrotas históricas.

Sobre as razões que levaram a luta a assumir uma feição religiosa, temos as propostas de extinção do Estado, da propriedade privada e das classes sociais, caracterizadas como atinentes à sociedade prometida em documentos bíblicos a dever se cumprir nas vivências de seu tempo, tal como nos ilustrado a seguir:

Mas, segundo Münzer, esse reino de Deus significava uma sociedade sem diferenças de classe, sem propriedade privada e sem poder estatal independente e estranho aos membros da sociedade. Todos os poderes existentes que não se adaptassem à revolução seriam destruídos, os trabalhos e os bens seriam comuns e estabelecer-se-ia a igualdade completa (Engels, 2010a, p. 83).

As anotações de Engels que mais se aproximam da educação na obra supracitada fazem referência às condições materiais e intelectuais, bem como mentais e morais necessárias para uma grande revolução social. Ele redigiu os seguintes textos em 1850 no “exílio” inglês: *Guerras Camponesas na Alemanha*, bem como a descrição do processo revolucionário de 1848, como também *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*, em 1894.

Ainda assim, retoma a discussão tratada em “*Contribuição à História do Cristianismo Primitivo*”, ao questionar o fato de que as transformações sociais eram postergadas para depois da morte, numa visão escatológica que se transformaria hegemônica no catolicismo e, posteriormente, no protestantismo.

Nessa lógica, temos uma proposta que, na aparência, se apresenta como pensamento religioso, mas que, na essência, faz a defesa de uma doutrina política revolucionária, conforme apresentado abaixo:

A sua doutrina política deriva diretamente do seu pensamento religioso revolucionário e antecipava-se à situação social e política da sua época, tal como a sua teologia se antecipava às ideias e conceitos correntes. Se a filosofia religiosa de Münzer se aproximava do ateísmo, o seu programa político tinha afinidades com o comunismo; muitas seitas comunistas modernas em vésperas da revolução de fevereiro não dispunham de um arsenal teórico tão rico como "os de Münzer" no século XVI (Engels, 2010a, p. 83).

É oportuno anotar que, retomando as circunstâncias da escrita de Engels, este passava por pressões financeiras devido à carência de recurso dele (sem o apoio do pai) e de Marx, no que resolve aceitar a investida do pai e participar da empresa da família em Manchester, local onde passaria os dezenove anos seguintes, e sua irmã Marie foi a mediadora nesse processo de reaproximação dele com a família.

Assim, no período de 1850-70, Engels passou a dedicar-se ao desgastante e exaustivo trabalho na gerência dos interesses familiares no setor do algodão, e, como se pode notar, ele teve que abdicar de grande parte de suas atividades de investigação intelectual,

ativismo político e de colaboração com Marx, para, por meio dessas atividades laborativas industriais, manter as bases financeiras²¹ de ambos revolucionários.

Partindo do que nos foi revelado, Engels retoma os negócios em novembro de 1850, por perceber a necessidade financeira de Marx e, principalmente, para que este pudesse dar continuidade ao trabalho revolucionário planejado por eles, a escrita d'O *Capital*. Neste momento, fica marcante a divisão de trabalho entre eles na qual Marx ficou responsável pela produção da substancial obra sobre a economia política e a dinâmica do capitalismo, enquanto Engels se ocuparia com os temas diversos, urgentes e polêmicos a serem analisados através do materialismo dialético, de forma rápida e com efeito imediato.

Outro biógrafo que define bem essa fase da vida de nosso revolucionário é Hunt (2010, p. 229), ao pontuar que: “pois Engels levava uma espécie de vida dupla: de dia era um respeitável barão algodoeiro, um membro de casaca da classe média alta; à noite, o socialista revolucionário, um discípulo fervoroso das classes menos favorecidas [...] lançando Engels numa espiral de doença, depressão e colapso nervoso”.

A partir desse movimento de duas vidas, Engels, em 1854, passou a manter duas residências, sendo a oficial no número cinco da *Walmer Street*, com a finalidade de receber a correspondência e os sócios comerciais (vida pública) e a outra vivendo com as irmãs Burns (vida privada).

Outro ponto importante é que, além da colaboração financeira em prol da causa política de ambos, outros assuntos também ficaram a cargo de Engels a partir de 1851, tais como a paternidade do filho bastardo de Marx (situação revelada apenas no leito de morte de Engels para Eleanor, a filha do amigo) e o compromisso²² de escrever artigos para o companheiro enviar ao jornal *New York Daily Tribune*, sobre questões inglesas e europeias, já que ele tinha dificuldades com a língua inglesa, com destaque para os múltiplos fascículos sobre 1848/49, *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*, além de outro contrato de contribuição para *The New American Cyclopaedia*, em 1857.

²¹ Engels viveu a maior parte de sua permanência em Manchester numa casa avarandada, na periferia da cidade, em companhia de Mary Burns, jovem irlandesa de origem operária que ele conhecera quando de sua primeira visita a Manchester. Nessa casa passava suas noites livres e os fins de semana de escritor revolucionário. Contudo, mantinha também aposentos de solteiro no centro da cidade, onde se reunia com seus amigos do mundo dos negócios. Engels sabia divertir-se e gostava de beber: a adolescente Eleanor Marx fez uma descrição de como, em visita a Manchester durante uma onda de calor, "as mulheres passaram o dia deitadas no chão, tomando cerveja, clarete, etc." e de como Engels as encontrou, ao voltar do trabalho, "estendidas no chão, sem espartilhos ou calçados, somente com uma saia, uma blusa de algodão e nada mais". Engels voltou de uma festa, "bêbado como geléia" e pelo menos um dos seus amigos "ficou tão tocado que foi preciso fazer uma cama para ele na casa" (McLellan, 1977, p. 18).

²² O compromisso de Engels na escrita dos artigos se encontra registrado em cartas trocadas por ele e Marx, com acesso confirmado em Mayer (2020) e Hunt (2010) apud Marx-Engels Collected Works (Nova York, 1975-2005, vol. 38).

Dentre os posicionamentos marcantes de Engels, cabe mencionar o momento no qual abandonou a noção dos povos originários como a-históricos²³, portanto, da colonização como ferramenta de impulsão para a modernização destes, adotando o princípio da resistência colonial, pois, ao invés de ser uma força de modernização, o colonialismo se efetivou como via para a hegemonia burguesa. À medida que verificou as condições de exploração a que estes povos estavam sendo submetidos, e nesse sentido passa a adotar a posição de apoio à resistência colonial, como no caso do apoio dele aos chineses na luta contra os ingleses, quando na Segunda Guerra do Ópio (1860).

Vale ressaltar, ainda, a habilidade e prosperidade dele nos negócios comerciais, o que, inclusive, o levou a tornar-se membro da Bolsa de Valores, em 1853, e, no período de 1864-1865, sócio da Ermen & Engels e membro da Associação Internacional de Trabalhadores (AIT), na qual revela, ao menos parcialmente, o processo de aburguesamento do proletariado inglês, a ponto de que, em 1863, considerou que a energia revolucionária destes havia evaporado de vez.

Os dois amigos escreviam um para o outro quase que diariamente, bem como trocavam cartas com companheiros envolvidos com a causa, dos temas abordados iam desde relatos das crises financeiras da família Marx às oscilações do mercado internacional capitalista, e Engels, de crise em crise, observava ansioso pelo momento de exaustão da classe operária e eclosão da revolução; contudo, em vez de rebelião, os braços fabris aceitavam os caprichos do mercado. Das informações coletadas nos chamou atenção a carta de Marx a J. A Weydemeyer, em 1852, acerca das novidades sobre a anatomia econômica e a luta de classes, conforme exposto a seguir:

O que eu trouxe de novo é: 1) demonstrar que a existência das classes não está vinculada mais que a fases históricas determinadas do desenvolvimento da produção; 2) que a luta de classes leva necessariamente à ditadura do proletariado; 3) que esta mesma ditadura não representa mais que uma transição no sentido da abolição de todas as classes e de uma sociedade sem classes. Ignorantes tolos, como Heinzen, que não só negam a luta de classes, mas a própria existência destas classes, mostram tão somente que, apesar de todo o seu palavreiro sanguinolento, de seus latidos que querem fazer-se passar por declarações humanistas, apoiam as condições sociais nas quais a burguesia robustece seu domínio para o resultado final, para o nada mais além (*nec plus ultra*) da história - provam que não são mais que servidores da burguesia, servidão tanto mais repugnante quanto menos esses cretinos compreendem a magnitude e a necessidade passageira deste mesmo regime burguês [...] (Marx, 2020, p. 90).

²³ Segundo Hunt (2010), constam essas informações em cartas Marx-Engels Collected Works (Nova York, 1975-2005, vol. 24).

Em julho de 1857, Engels sofreu um colapso total e com o falecimento do pai, em março de 1860, teve que regressar a Barmen, quando seus irmãos, Rudolf e Hermann, se aproveitando da vulnerabilidade física e emocional (diante da desolação da mãe), por sua vez, o ludibriam excluindo Engels do lucrativo negócio familiar, fato no qual este aceita um acordo injusto em que cedia todos os direitos ao componente alemão de Ermen & Engels.

Posteriormente, em janeiro de 1864, falece inesperadamente Mary Burns, companheira de Engels por quase 20 anos. Segundo ele, em carta ao amigo Marx, a sensação que tinha era como se estivesse enterrando o último vestígio de sua mocidade. O fato passou corrido na carta de resposta de Marx, com poucas linhas sobre o assunto em contraponto a uma larga escrita sobre seus problemas financeiros, dado que Marx insistia em manter um status de vida social que não condizia com sua renda.

Segundo Hunt (2010, p. 257), depois de um hiato de cinco dias sem resposta, Engels lamentou a insensibilidade do amigo, “[...] Talvez por nunca ter aceitado Mary como uma igual socialmente ou como companheira digna do General, Marx achou que sua morte tinha pouca importância”. O breve rompimento da amizade foi cessado após um envergonhado e raro pedido de desculpas de Marx, que Engels aceitou de bom grado.

Nos anos vindouros, nosso revolucionário continua com suas pesquisas e estudos voltados para temas como política e questões militares. Vale destacar que ele foi eleito para o Conselho Geral da Internacional, sendo levado em conta sua expertise na área das ciências militares, avaliando os processos ocorridos em tempo, com a publicação de cerca de sessenta artigos publicados na *Pall Mall Gazette*, o que confirma ainda mais a nomeação do apelido de *General*, conferido ao nosso revolucionário.

Nesse tempo, ainda com a saúde debilitada, sua recuperação se deu principalmente pela companhia da irmã de Mary, Lizzy Burns, posto que, segundo Mayer (2020), suas relações se tornaram íntimas, tendo em vista que era comum na era vitoriana um homem passar da esposa falecida para a irmã solteirona, aproximação esta que levou nosso pesquisador a visitar a Irlanda, em 1856, com Mary, e, em 1869, com Lizzy, e, ainda, em planejar escrever a história da Irlanda. O enlace afetivo de Engels e Lizzy foi confirmado por meio do registro em cartas trocadas entre Marx e Engels, em outubro de 1864, pois ele se sentia muito bem na companhia de Lizzy e das filhas de Marx, com destaque para Tussy (apelido de Eleanor), tal como registra Hunt (2010, p. 259):

Engels adorava esse ambiente solto, boêmio, dominado pelas mulheres e muitas vezes sentiu-se felicíssimo entre as várias filhas de Marx - participou de seus casamentos, encorajou seu jornalismo, deleitava-se com seus jogos de palavras filosófico-intelectuais e pôs seus retratos em lugares de honra na "cornija da lareira".

Só seu afeto explica a capacidade da jovem Jenny Marx em arrancar de Engels seus segredos mais bem guardados no jogo de salão extremamente popular de meados da era vitoriana chamado "Confissões"²⁴.

Retomando o passo da caminhada de atividades intelectuais, profissionais e pessoais, como ápice desses tempos, em 14 de setembro de 1867, ocorreu a publicação do primeiro volume de *O Capital*, em Hamburgo, sendo que Marx dedicou a obra a Wilhelm Wolf, falecido em 1864. Este marco foi muito importante para Engels, dada a condição de trabalho a que teve que se submeter para financiar a causa. Para ele, a situação era desmoralizante e de empenho de tempo desperdiçado, pois preferiria estar atuando na linha de frente e de combate ao sistema. Mesmo assim, podemos considerar que ele teve forte participação por meio de contribuições acerca do funcionamento real do capital e do trabalho, revisões, esclarecimentos e redações complementares. Mayer (2020, p. 167) nos traz uma fala muito pertinente de Marx para Engels sobre esse momento:

Sem você eu não poderia ter completado o livro, e garanto que sempre foi uma carga para minha consciência pensar que você, principalmente por minha causa, estava desperdiçando seus brilhantes poderes em uma rotina de negócios, e tinha que compartilhar à força todas as minhas pequenas misérias.

Ainda sobre a obra magna, várias interpretações foram surgindo, inclusive a acusação de Engels ter contribuído para a disseminação de múltiplas interpretações, dentre estas destacam-se ser apontado como vulgarizador e de transformador da teoria revolucionária em doutrina. Nesse contexto, alguns nomes incorporam as intenções citadas como Maximilien Rubel e Michael Heinrich, que atribuem a ele como o ideólogo da II Internacional, positivista, contribuinte para o empobrecimento teórico utilizado no stalinismo, além de provocador de dubiedades interpretativas na composição e divulgação de *O Capital II e III*.

Engels acreditava que somente as lutas sociais organizadas, embasadas por uma teoria revolucionária, poderiam mudar o curso da história. No tocante a este ponto, a emergente preocupação de nosso militante era não permitir que o silêncio esvaziasse o debate e divulgação d'*O Capital*, sentimento que o envolveu até seus últimos dias de vida. Sobre esse mérito, nos chamam a atenção as capacidades como didatismo e concisão que Engels teve que utilizar como recursos necessários para tornar os textos palatáveis aos leitores de todas as áreas, um tempo em que eles não eram considerados na academia científica e em que o objetivo norteador não era forjar carreiras, mas revolucionários formados por uma teoria revolucionária a fomentarem as lutas sociais organizadas imprescindíveis para a

²⁴ Hunt (2010) *apud* Marx-Engels Collected Works (Nova York, 1975-2005, vol. 43, p. 541).

transformação social; nesse sentido, ele abriu sua caderneta de contatos para promover a cobertura da obra, contudo, ainda assim, posteriormente, os escritos de Marx foram evocados para justificar os mais terríveis ataques ao materialismo dialético.

Retomando o tempo da publicação do volume I de *O Capital*, com a concordância dos dois amigos, começaram uma empreitada de divulgação e como estratégia conseguiram que o livro fosse denunciado e, a partir disso, criaram uma tempestade jornalística em que Engels escreveu vários artigos de forma a propagar as ideias, por meio da elaboração e publicação de uma resenha atrás da outra para a imprensa inglesa, americana e europeia, por meio dos seguintes jornais: *Die Zukunft*, *Staatsanzeiger für Württemberg* e *Beobachter, Demokratisches Wochenblatt*.

Percebe-se a cooperação que em vários momentos durante os quarenta anos de parceria dos pensadores e militantes marca a história de Marx e Engels. Outro fato marcante ocorre no verão de 1869, com o fim do contrato de negócios de Engels, ao que Marx denominava de *O Cativo egípcio*; por outras palavras, ele passa de barão do algodão para rentista, pois, ao se aposentar, passa a fazer investimentos em ações que recebera da Ermen & Engels.

Logo, a contradição permanecia, mesmo após seu último dia na fábrica, participando da roda seleta de acionistas e capitalistas colonialistas no maior palco de financiamento e investimento internacional; compensada apenas por meio do uso que Engels atribuía aos dividendos adquiridos, para a finalidade de manutenção pessoal, da causa socialista, do partido, dos companheiros e dos entes queridos (família Marx).

Como sublinhamos anteriormente, após dezoito anos de atividades no cargo de negócios comerciais, no dia primeiro de julho de 1869, Engels, aos 49 anos, anuncia a Marx que se sentia animado, ativo e alegre, pois antes temia chegar em sua aposentadoria com os talentos enferrujados e sem fertilidade, dado o largo tempo decorrido no exercício de uma atividade que não expressava sua natureza real.

No fim do verão, em 20 de setembro de 1870, Engels e Lizzy se transladam para Londres, alugando a casa 122, na *Regent's Park Road*, próximo à moradia de Marx, a quem diariamente Engels fazia visitas e, segundo descrição de Hunt (2010, p. 274):

A casa de quatro andares do número 122 da Regent's Park Road permanece de pé até hoje e tem uma placa azul do Greater London Council descreve Engels como um anódino "filósofo político". O edifício foi como tido em prédio de apartamentos na década de 1960, mas se caminhamos sua volta ainda podemos ter uma ideia de sua aparência nos anos 1870, com a cozinha e o banheiro no porão, e uma copa e uma sala de jantar no prime andar, separadas por portas duplas. O segundo andar - que a maioria dos vitorianos teria usado como sala de visita foi transformado no vasto

gabinete de Engels, um cômodo bem arejado e bem iluminado com assoalho de pinho norueguês polido, prateleiras de livros que chegavam ao teto, uma lareira que dominava todo o ambiente e janelas francesas bem altas que davam para o burburinho da rua.

Na nova casa em Londres, nosso revolucionário vivia abertamente com Lizzy e mantinha seu gabinete recebendo diariamente revistas e jornais em todas as línguas europeias, tendo em vista sua profunda facilidade para línguas. Com a exceção dos domingos, todos os dias os amigos se encontravam para discutir sobre os mais diversos temas, pois aos domingos Engels abria as portas para receber a todos para conversar e ouvir canções folclóricas alemãs em volta do piano, até duas ou três horas madrugada.

No decorrer deste percurso, além de ocorrer a consolidação teórico-política do posicionamento como comunista, também esteve atravessado por uma formação militante e de embates intelectuais e de trincheira de guerra. Nesse sentido, podemos destacar como marcante o compromisso firmado entre Marx e Engels, reverberado na elaboração das obras *A ideologia alemã* (1845-1846, Bruxelas), na qual formularam a concepção materialista da história e o *Manifesto do Partido Comunista* (1848, Londres), documento histórico que encarnou o primeiro programa político de teor revolucionário direcionado ao operariado europeu.

Outro ponto de inflexão nas ponderações de Engels se expressa com êxito na obra *As guerras camponesas na Alemanha*, em que, para desconstruir a imagem mental de que a religião para a formação humana seja necessariamente reacionária e alienadora da realidade social, a percepção desta como fenômeno histórico em constante movimento, ou seja, que se transforma ininterruptamente, desperta a atenção de nosso socialista revolucionário. Com isso, ele alarga a compreensão de ópio do povo, trazida por Marx em período oportuno na introdução da obra *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel* (1843), para compreender a religião dentro do processo de formação humana como uma das maneiras de entender o mundo e se posicionar diante dele.

Para tanto, cada classe social se vincula a determinada narrativa, que, por sua vez, se aproxima destes por afinidade e interesses específicos a comporem a visão de mundo de cada grupo. Nesse sentido, utiliza a figura do pastor radical protestante Thomas Münzer e seu viés revolucionário para representar o que seria a visão de mundo de um grupo liderado por ele, filiado a uma proposta que seria um esboço do comunismo, por assim dizer.

O período posterior ao das revoluções, com destaque para França examinada por Marx, na obra *As lutas de classes na França*, foi de profunda reflexão, porque ambos

entendiam que a vitória comunista seria alcançada e, ante a derrota, o nível de compreensão do processo ganhou maturidade. A seguir, na tratativa intitulada *Engels: contribuições para a formação humana*, analisaremos na escrita de F. Engels a compreensão madura da categoria formação humana.

4 ENGELS: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO HUMANA

“A Revolução apenas se “frustrou” para a massa, que não possuía na “ideia” política a ideia de seu interesse real, cujo verdadeiro princípio vital não coincidia, portanto, com o princípio vital da Revolução [...] Não porque a massa se “entusiasmou” e se “interessou” pela Revolução, mas porque a maior parte dela, aquela que era distinta da burguesia, não possuía no princípio da Revolução seu interesse real, seu princípio revolucionário próprio e peculiar, mas apenas uma “ideia”, quer dizer, apenas um objeto de entusiasmo momentâneo e uma exaltação meramente aparente” (Marx; Engels, 2011, p. 99).

Iniciamos esta seção com a passagem em epígrafe, a qual nos coloca diante de um tema abordado por Engels, em parceria a Marx, que, por sua vez, nos leva a um objetivo comum aos materialistas dialéticos: a revolução. Em largas linhas, temos o enfrentamento ao debate sobre a emancipação política e a emancipação humana. A primeira menção ao termo revolução faz referência à Revolução Burguesa, que pode ser considerada como emancipação política, mas que detém o limite de não atender aos interesses da massa, já que não aduz o significado mais amplo de revolução, portanto, em atender o princípio vital a que se serve das condições reais de emancipação da sociedade.

Temos em questão, na Revolução de 1789, a emancipação da classe burguesa, com a ação histórica limitada em lograr êxito em seus interesses, não às motivações do conjunto da sociedade. A massa de miseráveis, distinta da burguesia, ao observar seus interesses frustrados, ao invés de mover-se pelo princípio revolucionário, passa a se mover pelo desejo da rasa ideia de um objeto que não logra sua emancipação, pois, já nos anunciavam os autores d’ *A ideologia alemã*, que a estreiteza da revolução burguesa reside em se restringir à emancipação puramente política, em face da necessidade histórica da universalidade da revolução proletária que levaria emancipação humana, ou seja, de toda a sociedade.

Movidos pela percepção da necessidade histórica da revolução, em sua acepção mais ampla, tendo como objetivo o alcance de todos a plena formação humana, retomemos a trajetória de Friedrich Engels, que, durante o período de 1873-1883, trabalhava, mas com interrupções, em seus estudos das ciências naturais modernas e da teoria da ciência, pois se encontrava deveras influenciado e entusiasmado com as grandes descobertas de seu tempo, como no caso da biologia evolutiva de Darwin, sobre a qual debateu com Marx, em 1859, categorizando como nunca dantes havia sido feita tão grandiosa demonstração da evolução histórica na Natureza, o que resultou na escrita do texto *Papel do Trabalho na transformação*

do macaco em homem (1876), como parte da obra *Dialética da Natureza* (1883)²⁵, onde desenvolve a tese da evolução humana a partir do trabalho.

As leis do movimento de Newton também impulsionavam seu esforço de pesquisador militante, ao ligar os extraordinários avanços científicos da teoria atômica, biologia celular e da energia física aos achados conquistados por ele e Marx, conforme expõe Hunt (2010, p. 318):

Da mesma forma, a dialética ajudou na hora de explicar a transição histórica do feudalismo para a era burguesa e desta para a revolução proletária. Agora Engels achava que ele também havia descoberto indícios do método hegeliano nos processos recém-revelados das ciências físicas e naturais. Como materialista e ateu, Engels tomou como ponto de partida a presença da matéria, que existia independentemente da consciência humana e é anterior a esta. Em contraste com os materialistas mecânicos do século XVIII, que tinham uma visão estática da natureza e da humanidade, Engels considerava a matéria algo que se encontrava num estado hegeliano permanente de mudança e transformação.

Nestas incursões, produziu muitas anotações e pequenos ensaios que representavam suas investigações nas ciências física, química e matemática, quanto aos avanços que estavam acontecendo na Inglaterra, França e Alemanha, que, mais tarde, se converteram na obra *Dialética da Natureza* (1883), pois mesmo tendo sido redigida entre 1872 e 1883, apenas em 1927 foram publicadas pelo Instituto Marx-Engels de Moscou, demonstrando uma visão totalizadora do mundo físico e natural, governado por leis da natureza, Engels se baseou em três áreas de investigação científica, a saber, conservação da energia, estrutura celular e evolução darwinista, sobretudo, a partir dos postulados hegelianos das leis: da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa (transformação da mudança quantitativa em qualitativa), da interpenetração dos opostos (luta dos opostos) e da lei da negação (negação da negação).

Em “*A dialética da natureza*” (1883), há a aglutinação das anotações deixadas por Engels no período de 1873-1882, mas que vieram ao lume apenas em 1925. Destacamos, para o prosseguimento de nossa argumentação, a contextualização e a reafirmação do materialismo dialético elaborado por Marx e Engels, posto que, ao pensarem a dialética como uma lei geral do desenvolvimento, concluíram que tanto a natureza quanto a sociedade estão atravessadas

²⁵ Os temas que relacionam às condições teórico-científicas e o materialismo dialético, tais como a descoberta da célula, a transformação da energia e o darwinismo, serão abordados na seção seguinte, quando na abordagem da obra supra.

pela dialética. Portanto, podemos afirmar que os pensadores anteciparam conceitos utilizados na modernidade como a “*teoria do caos ou da complexidade*”²⁶.

Em seu tempo, Engels e Marx estabeleceram a relação de influência do materialismo dialético nas ciências naturais, por sua vez, indo de encontro a concepções ligadas a um possível determinismo naturalista, cuja crença fazia a defesa de que o ser humano não teria a capacidade de reagir sobre a natureza e construir novas condições de existência.

Sobre esse ponto em especial, temos a não determinação do fim da história e, principalmente, o questionamento do sistema capitalista como ponto alto do desenvolvimento humano, colocando em *xequê* a estruturação da família patriarcal e da luta de classes como relações humanas naturais, perpétuas e indissolúveis na sociedade.

No bojo dos estudos realizados por Engels, outros pontos também importantes cabem ser mencionados como a comprovação do entendimento do ser humano como dependente das outras instâncias naturais (mineral, vegetal, animal), logo, não alheio a elas; em outras palavras, que o ser humano faz parte da natureza, logo, a ela não são estranhos²⁷.

Acerca disso, cabe pontuar a assertividade engelsiana, ao tratar do tema do ser humano ser parte da natureza, não anterior a ela e nem que esta se desenvolveu a partir do surgimento da vida humana, tendo em vista a evolução da ciência moderna e o combate às ideologias da práxis²⁸, que levam em conta a existência do real após o advento da evolução da espécie humana.

Engels se empenhou em fundamentar a dialética materialista para que pudesse servir também como ferramenta de enfrentamento ao materialismo vulgar/mecanicista disseminado no século XIX. E foi com esse intuito que ele passou oito anos se dedicando aos estudos das ciências naturais.

Além do mais, teve que se desdobrar em duas missões, na fundamentação do materialismo dialético aplicado às descobertas científicas, bem como dar conta da difusão do marxismo junto ao público mais amplo, posto que utilizou do recurso de sua erudição e eloquência, discursando em suas viagens e na escrita de textos para ampla circulação.

²⁶ Segundo Lorenz (1993), um dos fundadores desta perspectiva, em *A essência do caos*, sugere que a teoria do caos constitui um super sistema teórico baseado, principalmente, nos conceitos de não-linearidade, complexidade e fractalidade.

²⁷ Certa passagem de Barata-Moura, em *Dialética Marxista* (2010, p. 18), nos atualiza a termo: “Daqui a indispensabilidade constatada (e constatável) de a dialética, de a compreensão dialética da realidade objectiva (natural e social) e dos seus processos [...]”. Visto deste prisma, a passagem se mostra como mais um indicador da relevância desta obra de Engels para a ciência moderna.

²⁸ Tema debatido por Barata-Moura, em sua obra *Ontologias da práxis e idealismo* (1986), e aprofundado por Sousa Junior, em *Práxis, Ontologia e formação humana* (2021).

Enquanto isso, Marx cuidou mais diretamente do núcleo racional da nova concepção de mundo.

Nessa empreitada, Engels passou a se deter na valorização das descobertas das ciências naturais do século XIX, propondo uma crítica ao parcelamento do conhecimento, que, por sua vez, dificulta a apreensão da realidade efetiva em sua unicidade, conexões e movimentos.

Com o novo paradigma do materialismo dialético, Engels pode atravessar uma série de disciplinas científicas, visitando suas potencialidades e agregando a elas uma crítica social, daí suas incursões em áreas como da física, química, biologia evolucionista e antropologia, ampliando o contato com a cultura científica de seu tempo. Logo, Engels fez esse mergulho nas ciências, porque ele acreditava que elas forneciam elementos para o fortalecimento de sua visão de mundo.

Com efeito, nesse período, novas descobertas e disciplinas científicas vieram à tona, desafiando a visão estanque e parcelar da ciência anterior, e dentre estas, Engels reservou particular atenção à descoberta da célula, à transformação da energia e à teoria da evolução, o que promoveu um diálogo entre a natureza e o social, a totalidade e a unicidade, por meio das leis da dialética, como poderemos confirmar a seguir:

Portanto, é da história da natureza e da história da sociedade humana que são abstraídas as leis da dialética. Estas são apenas as leis mais gerais dessas duas fases do desenvolvimento histórico, como do próprio pensamento. Elas se reduzem, mais precisamente, sobretudo a três:

- A lei da conversão de quantidade em qualidade e vice-versa;
- A lei da interpenetração dos opostos;
- A lei da negação da negação (Engels, 2020, p. 111).

Quanto às leis citadas, podemos inferir na esteira de Engels que a fixação dos seres humanos, ao deixarem de ser nômades e de viver restritos à busca por alimento mediante a caça e a coleta, passando, posteriormente, a criar animais e plantar; isso representa bem o processo de formação humana que imbrica as três leis citadas.

A composição dos primeiros agrupamentos humanos, por pessoas que se aproximaram por afinidades ou objetivos levou à ampliação da qualidade na produção dos víveres, gerando concomitantemente um aumento da quantidade.

Quanto à categoria família e o processo de formação humana, ao analisarmos o texto com título “*O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*”, presente na obra em pauta, Engels aborda a evolução anátomo-fisiológica dos pré-hominídeos na contribuição do trabalho e no desenvolvimento da linguagem na formação dos primeiros

agrupamentos humanos. Posteriormente, se configurariam em núcleos de famílias, um trecho desse processo pode ser identificado na passagem a seguir:

Bem mais importante é o efeito retroativo direto e comprovável da evolução da mão sobre o restante do organismo. Como já foi dito, nossos ancestrais símiescos eram sociáveis; evidentemente é impossível derivar o homem, o mais sociável de todos os animais, de um ancestral mais próximo não sociável. O domínio sobre a natureza que começou com o aprimoramento da mão, com o trabalho, ampliou o campo visual do ser humano a cada novo progresso. Nos objetos da natureza ele descobria continuamente novas propriedades até ali desconhecidas. Em contrapartida, o aprimoramento do trabalho necessariamente contribuiu para estreitar os laços entre os membros da sociedade, na medida em que multiplicou os casos de apoio mútuo, de cooperação, e proporcionou uma clara consciência da utilidade dessa cooperação para cada indivíduo. Em suma, os humanos em formação chegaram ao ponto de terem algo a dizer uns aos outros. A necessidade criou um órgão para isso: a laringe pouco evoluída do macaco foi mudando de forma de maneira lenta, mas segura, passando da modulação para uma modulação cada vez mais desenvolvida, e os órgãos da boca aprenderam aos poucos a articular uma letra após a outra (Engels, 2020, p. 341).

Desse modo, o texto ressalta a evolução anatômica, por meio do refinamento dos membros e órgãos humanos, como a mão e o campo visual, até a cooperação no trabalho. Nesse período, a cooperação se constituía elemento de sobrevivência e a competição ainda não constituía o caráter de luta de classes, tal como conhecemos hoje. O que podemos depreender disso é que Engels, a partir do materialismo dialético e atravessado pelas contribuições de Darwin, analisou o complexo processo de transformações biológicas da evolução adaptativa dos órgãos e do código de comunicação que se tornava consciente.

Retomando a lei da conversão de quantidade em qualidade e vice-versa e seguindo com o efeito da qualidade para quantidade, as relações sociais passaram a vigor por meio da troca de produtos, da acumulação, do cercamento da produção e dos meios utilizados para produzir.

Posto isso, como consequência, houve a formação da propriedade privada e a desigual acumulação, por sua vez, advinda da propriedade passada de geração a geração. Em vista da citada acumulação desigual de bens é que surgem as classes sociais, ou seja, a luta de contrários ou a lei da interpenetração dos opostos dos que tinham e os que não detinham meios nem bens de produção, consolidando a luta de classes.

Sobre a lei de negação da negação, conforme tomamos nota anteriormente, a cada mudança de sistema de produção, a organização social anterior é negada, pois no bojo de sua constituição já se apresentam elementos que concorrem entre si, negam-se mutuamente. Por exemplo, temos como base de sustentação do sistema capitalista a produção realizada pela classe operária, de quem se obtém a mais-valia, ou seja, a classe que sustenta o sistema é a

que menos se favorece dele, e, sendo maioria, esta tem o potencial de derrubar o sistema vigente. Assim sendo, a classe trabalhadora emerge como sujeito do próximo salto de negação da negação, do capitalismo ao comunismo.

Da dialeticidade engelsiana podemos entender que a história da natureza e da sociedade estão interrelacionadas, já que o próprio homem faz parte da natureza e é um produto tardio de um longo desenvolvimento histórico, de transformação e desenvolvimento. Tendo isto em vista, podemos compreender, seguindo a dialeticidade engelsiana que a humanidade não pode desprender-se da sua condição de animal, mesmo que altamente inteligente, após todo o seu desenvolvimento científico e cultural, e é por isso que “[...] ter enunciado pela primeira vez uma lei geral do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento em sua forma universalmente válida permanecerá para sempre um feito de alcance histórico-mundial” (Engels, 2020, p. 117).

Como observa Engels, temos o desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento, o que nos remete à possibilidade de transformação e à transitoriedade das formas de nos organizarmos, aspectos estes analisados e registrados na obra, que, por sua vez, discorre sobre a categoria trabalho e o processo de formação humana, sobre esse assunto podemos destacar o texto “*O papel do trabalho na hominização do macaco*”, em que o trabalho é contextualizado como imprescindível ao processo de desenvolvimento humano, conforme elucidado a seguir:

Assim, a mão não é só o órgão do trabalho, ela é também o produto dele. Só através do trabalho, através da adaptação a operações sempre novas através da transmissão hereditária do formato específico adquirido nesse processo, dos músculos, dos tendões e, em períodos mais longos, também dos ossos, e através da aplicação sempre renovada desse refinamento herdado a novas operações cada vez mais complexas, a mão humana atingiu o alto grau de perfeição que lhe permitiu tirar da cartela os quadros de Rafael, as estátuas de Thorvaldsen, a música de Paganini (Engels, 2020, p. 340).

Engels ressalta também, além da mão, como órgão que ao longo das ações do trabalho humano passa a se refinar, os pés em referência à caminhada evolutiva e social. A partir da posição bípede, o cérebro, ao ampliar sua capacidade por meio do consumo da proteína da carne, do aparelho fonador no aperfeiçoamento da linguagem, bem como do olho humano, que mesmo não tendo a capacidade da águia ao vislumbrar em longo alcance, fomenta nas pessoas o olhar consciente, propositivo de intenções, projetos e teleologia.

Nesse pressuposto, a compreensão do processo de formação humana, a partir do materialismo dialético, pode promover a ampliação no entendimento das ciências naturais. Isso porque coube a Engels edificar as bases filosóficas, epistemológicas e científicas do

materialismo dialético às descobertas científicas de seu tempo, sobretudo enquanto Marx escrevia a obra-mestra de “*O Capital*”. Engels avaliou a ciência da época, sua história, seu lugar na conjuntura social e política do período e, sobretudo, os argumentos filosóficos necessários à revolução científica necessária à revolução socialista.

O pesquisador revolucionário começou a trabalhar nesse projeto em 1873, porém nunca teve chance de concluí-lo, primeiro, porque teve que intervir na polêmica contra Dühring, e, depois, porque, com a morte de Marx, esforçou-se na finalização dos volumes dois e três da referida obra; afinal, somente a dialética materialista compreenderia o método geral de explicação dos processos evolucionários orgânicos e inorgânicos da natureza, principalmente ao propor uma abordagem sintética do conhecimento.

O retorno para Hegel e sua filosofia da natureza reflete não uma tentativa de reabilitação da filosofia da natureza, com suas construções forçadas e apriorísticas, algo que Engels renega, mas, sim, algo que, deparando-se com processos na natureza que lhe apareciam enquanto dialéticos, era prudente voltar criticamente às elaborações filosóficas de Hegel em torno da fundamentação de uma dialética natural.

Nesse processo, podemos identificar a oposição ao pensamento metafísico perante o pensamento dialético, enfrentamento realizado por Engels em sua maturidade. Este leva em conta que o pensamento dialético concebe as coisas como processos e que estas coisas são, de fato, processos, porque

A dialética dita objetiva domina toda a natureza, e a assim chamada dialética subjetiva, que é o pensamento dialético, constitui mero reflexo do movimento que vigora em toda parte na natureza em oposições que justamente condicionam a vida da natureza por meio do seu conflito permanente e de sua dissolução final uma na outra, ou então em uma forma mais elevada (Engels, 2020, p. 119).

Dessa maneira, o que temos em nossa mente são apenas impressões humanas captadas da realidade, jamais como está apresentada no concreto. Sobre nossa habilidade de interpretar e transformar essa realidade é que podemos mover ações a favor de um movimento revolucionário e na produção social que as transformações mais profundas devem ser executadas, pois

E isso não poderá ser diferente enquanto exatamente a atividade histórica mais essencial dos humanos, aquela que os alçou da animalidade à humanidade, aquela que constituía base material de suas outras atividades, a saber, a produção que visa suprir suas necessidades vitais, ou seja, hoje em dia a produção social, estiver sujeita às vicissitudes de interferências não intencionais de forças sem controle e cumprir sua finalidade apenas excepcionalmente, realizando com muito mais frequência exatamente o seu oposto. [...] Somente uma organização consciente da produção social, na qual se produz e se distribui de acordo com um plano, poderá alçar os humanos também em termos sociais acima do resto do mundo animal, como a

produção em geral fez com os humanos em termos específicos. O desenvolvimento histórico torna tal organização diariamente mais incontornável, mas também diariamente mais possível. A partir dela se datará uma era histórica em que os próprios humanos e com eles todos os ramos de sua atividade, principalmente também a ciência da natureza, receberão um impulso que porá em densas sombras tudo o que se conseguiu até agora (Engels, 2020, p. 54-55).

O desenvolvimento da tecnologia e o aprimoramento do conhecimento humano ainda não conquistaram a distribuição equitativa de sua riqueza e, para ampliar e aprofundar o processo formativo humano, seguimos para o estudo da próxima obra *Anti-Dühring* (1878), que, diferente de *Dialética da Natureza* (1883), teve sua publicação sob a supervisão de Marx e Engels.

Ainda assim, Engels nos apresenta a luta de classes e a agudização desta na sociedade capitalista, pois nesta o Estado surge como mais uma ferramenta de garantia da exploração da classe oprimida, conforme esclarece a seguir.

Porém todas as formas mais elevadas da produção promoveram a divisão da população em diversas classes e, desse modo, ao antagonismo entre classes dominantes e classes oprimidas; desse modo, porém, o interesse das classes dominantes se tornou o elemento impulsionador da produção, na medida em que esta não se resumiu à satisfação das necessidades mais elementares da vida dos oprimidos. Isso chegou a sua consecução mais completa no modo de produção capitalista ora dominante na Europa ocidental. Os capitalistas individuais que dominam a produção e o intercâmbio só conseguem preocupar-se com o efeito útil mais imediato de suas ações. E até mesmo esse efeito útil - na medida em que se trata do proveito do artigo produzido ou trocado - passa inteiramente para o segundo plano; o lucro que se obterá com a venda torna-se a única mola propulsora (Engels, 2020, p. 350).

Em acordo com esse embasamento, o legado educativo da obra se torna emblemático ao extrapolar os conhecimentos do campo da política e da economia, pois repousa suas bases em uma abordagem da natureza e da ciência em suas transformações e evolução histórica. Nesse sentido, o ser humano figura como único animal que se questiona sobre sua significação no mundo e, por isso, se lança à necessidade de explicar o sentido de sua existência.

Tal legado é, posteriormente, incorporado por Vladimir Lênin, em obras como *Materialismo e empiriocriticismo* (1909), ao refletir acerca da recepção positiva das ideias de Engels e prosseguindo com os estudos, mais tarde publicados nos *Cadernos Filosóficos* (1916), sinalizando a existência de importantes desenvolvimentos e reflexões, quanto à natureza das teorias científicas e da teoria do conhecimento.

Nessa linha de pensamento, temos Engels na defesa de que existe uma infinidade de camadas na natureza governadas por suas próprias leis naturais, e que essas camadas se transformam mutuamente, que a natureza está evoluindo, portanto:

A matéria se move num ciclo perpétuo, um ciclo que decerto se completa a intervalos de tempo para os quais os nossos anos terrenos já não constituem medida suficiente, um ciclo em que o tempo de desenvolvimento máximo, ou seja, o tempo da vida orgânica e especialmente o da vida de entes conscientes de si e da natureza, tem uma dimensão tão reduzida quanto a do espaço em que a vida e a autoconsciência se impuseram; um ciclo em que todo e qualquer modo de existência finita da matéria, seja ela o Sol ou a nebulosa, um animal individual ou uma espécie animal, uma combinação química ou uma dissociação química, é igualmente transitório e não há nada eterno, a não ser a matéria em eterna mutação, em eterno movimento e as leis segundo as quais ela se movimenta e se modifica. Porém, por mais frequente e implacável que seja o cumprimento desse ciclo no tempo e no espaço; independentemente de quantos milhões de sóis e terras surjam e desapareçam; independentemente de quanto tempo demore para que em um único planeta de um único sistema solar se produzam as condições para a vida orgânica; não importando quantas miríades de seres orgânicos tenham de surgir e perecer previamente até que se desenvolvam dentre eles animais com cérebro capaz de pensar e encontrem por um breve intervalo de tempo condições favoráveis à vida, para em seguida também serem exterminados sem piedade, a despeito disso tudo, temos a certeza de que a matéria permanecerá a mesma em todas as suas transformações, nenhum dos seus atributos jamais poderá se perder e, por conseguinte, com a mesma ferrenha necessidade com que exterminará da Terra seu supremo florescimento, o espírito pensante, em outro lugar e em outro tempo, voltará a regenerá-lo (Engels, 2020, p. 58-59).

Em consequência disso, temos o desenvolvimento dos capítulos da obra que fundamentam os estágios: fenomenológico, em que fenômenos naturais são descritos para o que eles são; estágio substancialista: na investigação da estrutura do objeto material.

Como guia básico para toda uma geração de marxistas, temos a obra contra o intelectual socialista Eugen Dühring, com o título *Herr Eugen Dühring's Revolution in Science* (A revolução científica de Herr Eugen Dühring), que se tornaria mais popularmente conhecida como *Anti-Dühring* (1878). O livro conta com um capítulo sobre economia, escrito por Marx, fato que valida o entendimento de que ambos aprovaram o texto, em contradição ao que alguns contraditores de Engels relatam de que a obra vai de encontro às concepções de Marx e que na época este não se encontrava em plena capacidade mental, e, em agosto de 1859, Terrell Carver acusa Engels de inventar a “dialética” e reduzir o método de Marx à dialética hegeliana aplicada.

Estas distorcidas interpretações constam registradas nos seguintes textos Carver: *Engels* (1981) e *Marx and Engels: Their Intellectual Relationship* (1983), mas que podem ser refutadas acessando a obra *Capital*, tomo 1, onde, ao longo da obra, podemos facilmente detectar elementos em consonância com os apontamentos de Engels em obras como *Esboço*

para uma crítica da economia política (1843) e *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), tais como a centralidade do protagonismo do proletariado como sujeitos da revolução, bem como as contradições da economia política e da propriedade privada.

Podemos considerar “*Anti-Dühring*” (1877) como a síntese da visão compartilhada de Marx e Engels, pois, conforme ressaltamos na seção anterior, a obra foi redigida com objetivo de contrapor as ideias propagadas pelo intelectual socialista Eugen Dühring, na escrita de “*A revolução científica de Herr Eugen Dühring*”. Cabe mencionar que, nesse momento histórico, Engels pausa suas pesquisas e produções sobre a natureza e sua prova dialética para investir nesta empreitada as formulações de Dühring.

A obra de Engels alberga elementos filosóficos da economia política e do socialismo, podendo, assim, ser considerada como teoria social, que em sua criticidade analisa a dinâmica da sociedade burguesa de seu tempo e a supera. É sabido que Engels lançou mão de uma crítica sistemática a Dühring, estudando a fundo os grossos volumes publicados (1875-76), que são *Curso de Filosofia como Estrita Cosmovisão Científica e Modo de Vida*, e a *História Crítica de Economia Nacional e o Socialismo*, e *Curso de Economia Nacional e Social*.

Como ferramenta de enfrentamento às ideias propagadas, mesmo com as discussões conturbadas que antecederam, Engels produziu artigos registrando suas críticas em forma de publicações no jornal *Vorwärts* (periódico de Leipzig, órgão central do Partido Operário Socialista da Alemanha), entre 3 de janeiro de 1877 e 7 de julho de 1878, em princípio, para efeito de oposição ao programa político gradualista proposto por ele e rebatendo ataques que este impetrava; ao longo do tempo, a cativante explanação de Engels acabou se transformando em uma defesa mais ampla do método dialético e da perspectiva comunista mundial, ou seja, um mergulho na ciência do marxismo, num percurso da ciência para a história ao moderno antagonismo de classe.

Logo, podemos inferir que o *Anti-Dühring* (1877) foi publicado pela primeira vez em fascículos no *Vorwärts* do Partido Social Democrata Alemão, entre setembro de 1876 e junho de 1878. *A revolução da ciência segundo o sr. Eugen Dühring*, ou simplesmente *Anti-Dühring*, sai em brochura separada pela primeira vez em 1878, às vésperas da promulgação por Otto von Bismarck (1815-1898) das leis antissocialistas.

O conhecimento de mundo exposto no *Anti-Dühring* articula a realidade como um todo processual e histórico estruturado, demonstrando que a natureza tem uma história e que, para compreendê-la, precisamos apreendê-la enquanto processo que se desenrola ao longo do tempo. É o que se depreende da concordância de Marx e Engels em “*A Ideologia alemã*”, na

qual fica clara uma concepção unitária da ciência, em que a história da natureza e a história de homens e mulheres se condicionam reciprocamente, tal como nos ilustra o seguinte trecho:

Conhecemos uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser examinada de dois lados, dividida em história da natureza e história dos homens. Os dois lados não podem, no entanto, ser separados, enquanto existirem homens, história da natureza e história dos homens-se condicionarão reciprocamente. A história da natureza, a assim chamada ciência natural, não nos diz respeito aqui; mas, quanto à história dos homens, será preciso examiná-la, pois quase toda a ideologia se reduz ou a uma concepção distorcida dessa história ou a uma abstração total dela (Marx; Engels, 2007, p. 87).

Nesse contexto, Engels desenvolve uma dialética natural de contornos ontológicos, pondo em debate dois pontos importantes a saber: a causalidade e a casualidade. Na primeira, temos a motivação humana de transformar e controlar a realidade natural por meio do trabalho e na segunda temos o acaso como lei de movimento universal que age sobre a natureza e a humanidade, mas que os homens e mulheres não podem controlar. Logo, os entrecioques das inúmeras vontades individuais e ações individuais acarretam uma situação que é completamente análoga à dominante na natureza sem consciência.

Constam-se que filósofos precursores da dialética já compreendiam o caráter fundamental do movimento e de todos os processos de mudança da natureza e da história, porém consideravam que tais mudanças seriam manifestações de uma razão metafísica e o materialismo mecanicista também ignorava a relevância prática do conhecimento, bem como a relação das ciências com as condições sociais, como também a repercussão da ciência na transformação da sociedade. Sobre esse assunto, cabe citar que:

Quando a sociedade tomar posse dos meios de produção, será eliminada a produção de mercadorias e, desse modo, o produto deixará de dominar os produtores. A anarquia na produção social será substituída pela organização consciente e planejada. Cessará a luta pela existência (individual). Só depois que isso acontecer, o ser humano se despedirá, em certo sentido, definitivamente do reino animal, abandonará as condições animais de existência e ingressará em condições realmente humanas. O âmbito das condições de vida que envolvem os seres humanos, que até agora os dominaram, passarão para o domínio e o controle deles, que pela primeira vez se tornarão senhores reais e conscientes da natureza, porque (e à medida que) passam a ser senhores de sua própria socialização. (Engels, 2015, p. 318).

Vale destacar que as implicações políticas do materialismo dialético ganharam uma seção exclusiva, que mais tarde foi revisada e publicada separadamente por Engels, levando o seguinte nome: *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (1880). Nessa cartilha, oriunda da ideia de Paul Lafargue (genro de Marx), se concentrava o socialismo como ciência e o esclarecimento sobre a visão equivocada dos utopistas ao entenderem o

socialismo como uma verdade eterna sobre a condição humana, o que, nas palavras de Hunt (2010, p. 331):

Superando de longe *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* ou *As guerras camponesas na Alemanha*, ou até os seus escritos militares, *Do socialismo utópico ao socialismo científico* foi o maior best seller de Engels. Ele o descrevia orgulhosamente como um texto que havia causado "uma impressão tremenda" na França. [...] Combinado com *Anti-Dühring*, *Do socialismo* foi crucial para dar direção ao comunismo continental os social-democratas da França, Alemanha, Itália e Inglaterra finalmente tinham um guia abrangente para o marxismo.

Em outros termos, parte em combate ao socialismo utópico defendido por Dühring, material extraído do *Anti-Dühring*. Este texto, por meio do materialismo dialético, nos auxilia na compreensão do processo de formação humana ao longo do desenvolvimento da produção na sociedade, tal como exposto:

Em todas as sociedades que passam por um desenvolvimento natural da produção-e a atual figura entre elas-, não são os produtores que dominam os meios de produção, mas os meios de produção que dominam os produtores. Nesse tipo de sociedade, cada nova alavanca da produção necessariamente se converte num novo meio de subjugação do produtor pelo meio de produção. Isso vale sobretudo para a alavanca da produção que, até a introdução da grande indústria, foi de longe a mais poderosa: a divisão do trabalho. A primeira grande divisão do trabalho, a divisão entre cidade e campo, já condenou a população do campo a uma estupidez milenar e os cidadãos à servidão, cada um deles com seu trabalho manual individual. Ela aniquilou o fundamento do desenvolvimento espiritual de uns e do desenvolvimento físico de outros (Engels, 2015, p. 326).

Além disso, o *Anti-Dühring* denuncia o efetivo papel do Estado na Idade Moderna, como organização, que, de modo ofensivo ou defensivo, portanto, de coação ou negociação, busca conservar o poder nas mãos da classe dominante, para manter o *status quo*, conforme nos informa o seguinte excerto:

E o Estado moderno, por sua vez, é apenas a organização que a sociedade burguesa monta para sustentar as condições exteriores gerais do modo de produção capitalista contra ataques tanto dos trabalhadores como de capitalistas individuais. O Estado moderno, qualquer que seja sua forma, é, portanto, uma máquina essencialmente capitalista, é o Estado dos capitalistas, é o capitalista global ideal. Quanto maior é o número de forças produtivas que ele assume como sua propriedade, mais ele se torna um capitalista global real, maior é o número de cidadãos do Estado que ele espolia. Os trabalhadores permanecem trabalhadores assalariados, proletários. A relação com o capital não é revogada; ao contrário, é levada ao extremo. Só que, chegando ao extremo, ela sofre uma reversão. A propriedade estatal das forças produtivas não é a solução do conflito, mas abriga em si o meio formal, o manejo da solução (Engels, 2015, p. 314-315).

Neste ponto essencial, Engels traz à tona os tipos de relações de produção que levaram à formação de sistemas de sociedade, atravessados pela luta de classes, à divisão do trabalho e à incompatibilidade entre a produção e o acesso.

Conforme aprofunda o autor, evidencia-se a condenação da população do campo a uma estupidificação milenar e os cidadãos à servidão, cada um deles com seu trabalho manual individual, isto é, a perda da integralidade na formação humana. Isso porque, foi de divisão em divisão que a propriedade privada se evidenciou como marco inicial. Desse modo, a constituição das famílias seguiu o mesmo projeto de interesses segregacionistas, ou seja, com o objetivo de manutenção do sistema.

Ainda sobre a mesma obra quanto à educação, F. Engels pontua a função da escola pública universal, de partilha dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade para todos sem distinção em que faz a crítica à proposição de Dühring por uma sociedade “socialitária” na qual o mesmo não elabora formas viáveis de sua efetivação, assim exposto:

A escola pública universal oferece "tudo o que por si só e em princípio possa ter algum atrativo para o ser humano", portanto principalmente "os fundamentos e principais resultados de todas as ciências que tangem as visões de mundo e de vida". Ela ensina, assim, sobretudo a matemática, e de tal maneira que "a esfera de todos os conceitos e meios fundamentais", que vai da simples conta e soma até o cálculo integral, seja "totalmente abrangida". Mas isso não significa que a intenção dessa escola seja realmente diferenciar e integrar. Pelo contrário. Ela pretende, muito antes, ensinar elementos totalmente novos da matemática geral, que contém embrionariamente tanto a matemática elementar costumeira como a matemática superior. Embora o sr. Dühring afirme que já tem "em seus traços principais esquematicamente diante dos olhos" o "conteúdo dos manuais" dessa escola do futuro, infelizmente, até o momento, ele não conseguiu descobrir esses "elementos da matemática geral", e aquilo que ele não é capaz de realizar "de fato só pode ser esperado das forças livres e intensificadas da nova condição da sociedade" (Engels, 2015, p. 352-353).

As leis do seu fazer social, com que até agora se defrontavam como leis naturais estranhas, que os dominavam, passarão a ser empregadas e, assim, dominadas pelos seres humanos com pleno conhecimento de causa. A própria socialização dos seres humanos, até agora vista como outorgada pela natureza e pela história, passará a ser ato livre deles. As potências objetivas [e estranhas] que até agora governaram a história passarão a ser controladas pelos próprios seres humanos. Só a partir desse momento os seres humanos farão sua história com plena consciência; só a partir desse momento as causas sociais postas em movimento por eles terão, de modo preponderante e em medida crescente, os efeitos que desejam. É o salto da humanidade do reino da necessidade para o reino da liberdade (Engels, 2015, p. 318-319).

Engels, no Anti-Dühring, nos explana sobre o momento em que causalidade e casualidade se consorciaram, para que a vida humana valha mais que a propriedade privada, por

meio do salto da humanidade e da necessidade para a liberdade, ou seja, da sociedade de acumulação para a sociedade da partilha.

Para tanto, substanciais transformações serão fundamentais no âmbito do trabalho, segundo o pensador, *na colocação do modo de produção, de apropriação e de troca em consonância com o caráter social dos meios de produção*. Significa, primeiramente, nos comprometermos com a luta de todos os movimentos sociais que almejam uma sociedade na qual não haja ninguém desprovido de direitos fundamentais, como alimentação, saúde e educação, logo

Essa revolução do modo de produção efetuou-se num meio social baseado na divisão do trabalho no interior da sociedade. A divisão do trabalho na sociedade transforma os produtos dos produtores individuais em mercadorias, cuja compra e venda cria o vínculo social entre esses produtores.

Essa solução só pode residir no reconhecimento efetivo da natureza social das forças produtivas modernas, ou seja, na colocação do modo de produção, de apropriação e de troca em consonância com o caráter social dos meios de produção. E a única maneira de isso acontecer é a sociedade tomar posse abertamente e sem rodeios das forças produtivas que escapam para outro controle além do seu. Desse modo, o caráter social dos meios de produção e dos produtos, que hoje se volta contra os próprios produtores, que quebra periodicamente o modo de produção e de troca e só consegue se impor violenta e destrutivamente como lei natural que atua de maneira cega, será validado de forma plenamente consciente pelos produtores, convertendo-se de causa de perturbação e ruína periódica na mais poderosa alavanca da própria produção. Desse modo, a anarquia social da produção é substituída por uma regulação socialmente planejada da produção, de acordo com as carências tanto do conjunto como de cada indivíduo (Engels, 2015, p. 305-306; 315).

Isso porque, a revolução no modo de produção reivindicada por Engels tinha o objetivo de substituir a anarquia social da produção que não atendia as necessidades com equidade para todos, pela regulação socialmente planejada da produção no que passaria a priorizar a partilha dos bens.

Ainda assim, cabe retomar os argumentos dos detratores de Engels alegando que a obra nunca foi realmente marxismo, dentre eles destacam-se György Lukács, Jean-Paul Sartre, Louis Althusser e Norma Levine, segundo eles, Engels foi o primeiro a se desviar do marxismo por meio do idealismo hegeliano.

Quanto aos fatos, cabe mencionar que não constam registros de insatisfação de Marx acerca da popularização realizada por Engels, nem evidências do confronto entre as defesas dos revolucionários, o que, segundo Moraes (2021), pode ser explicado como uma volatilização do marxismo, reduzindo-o a uma teoria das relações intersubjetivas; no caso de Sartre, por meio da aproximação ao existencialismo, buscou desqualificar a dialética da natureza de Engels. A partir de Lukács, Tertulian buscou distinguir o pensamento ontológico de Marx da interpretação de Engels, acusando-o pela deformação staliniana do marxismo e

também pela hostilidade de Tertulian expressa na obsessão deste em separar o homem da animalidade, cancelando a dialética materialista.

Cabe também mencionar que, dentre os vários aspectos trabalhados no livro, temos a retomada de temas jurídicos atravessados pelas questões da engenharia urbana, conforme tratados em textos anteriores: *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* (1845) e *Para a questão da habitação* (1872), *Socialismo Jurídico* (1877), além do prefácio escrito por Engels na edição de 1895 da obra: *As lutas de classe em França de 1848 a 1850*, publicado após o falecimento dele. Ademais, sobre este último, destacamos o quanto ficou comprometida a versão editada que fora publicada na época, pois de forma tendenciosa coloca Engels em uma posição de reformista que abrisse mão da revolução como meio de transformação da realidade.

Outras obras tiveram merecido destaque ao entendimento que a natureza também tem sua história atravessada pela dialética, resultado dos estudos de Engels sobre as ciências da natureza a partir das chamadas três leis ontológicas do real, por sua vez, previamente expostas no *Anti-Dühring* e, postumamente, lançadas na *Dialética da Natureza*, atestando a constante tensão entre os elementos intrinsecamente contrários e indissociáveis na Natureza, levando em conta a relação unitária e oposta que compõe a essência da existência de qualquer objeto, conceito ou categoria.

Retomando a formação de Engels, podemos destacar que ele teve um percurso em sua juventude com forte influência emocional dos românticos. Na meia idade, os anos foram consagrados à ciência, à tecnologia e aos conhecimentos úteis. Sobre essa passagem da juventude à maturidade, no outono de 1873, sua mãe falece, cortando seu último laço de afeto com a família ascendente, e, ainda em setembro de 1878, morre sua companheira, Lizzy Burns, momento em que Engels atende ao derradeiro pedido da amada casando-se com a católica irlandesa em seu leito de morte. Uma expressão de Mayer (2020, p. 199) identifica bem esse momento de Engels, ao incorporar uma posição mais cautelosa e de redução de sua sagacidade juvenil:

Não podemos saber o que ele, então com 59 anos, sentiu ao perdê-la. Engels ainda estava no auge da vida; e sua vida ganhara riqueza e significado pelas inúmeras tarefas e planos com os quais a preencheria. Ele estava envolvido demais com os conflitos do mundo para se permitir ceder à melancolia duradoura pela perda de sua companheira. No entanto, a morte de Lizzy foi um momento decisivo de sua vida privada. Significou uma mudança que ele deve ter sentido sem traí-la. O meio-dia de sua vida acabara e o pôr do sol estava se aproximando.

Outros acontecimentos difíceis acompanharam esse período, como o falecimento de Jenny, em 2 de dezembro de 1881, esposa de Marx, acometida por um câncer, para quem

Engels escreveu um obituário, publicado no *Sozialdemokrat*. Enquanto isso, o próprio Marx estava constantemente doente (pleurisia e bronquite devastadoras), e quinze meses depois da morte da esposa veio a falecer, em 14 de março de 1883, em Londres. Para ele, Engels fez o discurso do funeral em inglês, em que “[...] jurou a si mesmo preservar e continuar o trabalho científico e político de seu amigo enquanto tivesse forças. Em vista dessa tarefa, abandonou silenciosamente o próprio trabalho com o qual estava envolvido” (Mayer, 2020, p. 204).

Cabe aqui acrescentar que, para retomar aspectos de sua vida privada, após o falecimento de Lizzy, Helene Demuth assumiu como governanta da casa de Engels até 4 de novembro de 1890, quando faleceu e foi enterrada ao lado de Karl e Jenny Marx. Ainda segundo Mayer (2020, p. 235): “Engels exclamou com lágrimas nos olhos: “Houve luz solar em minha casa até agora, e agora há escuridão!”. O vazio que Engels lamentou foi preenchido mediante o aceite de Luise Kautsky de estar em sua companhia.

Essa luz representava não tão somente a presença de Helene, mas advinha também da recepção em casa dos amigos, pois: “La casa de Engels se transformó en un centro de correspondencia mundial, encuentro de revolucionarios peregrinos y mesa redonda de política, en especial los domingos, con invitados rotativos y circunstanciales”²⁹ (Varela, 2020a, p. 11).

A saúde de Engels também não estava boa, pois a partir da década de 1880, com os olhos enfraquecendo, começou a sofrer de conjuntivite e miopia, evoluindo para oftalmia crônica, em 1887, o que restringiu seriamente a sua capacidade de ler com qualquer outra coisa além da luz natural. Para diminuir a tensão, Engels foi obrigado a iniciar uma nova geração de “decifradores” nos mistérios hieroglíficos da caligrafia de Marx, eram eles Karl Kaustsky e Eduard Bernstein, e, finalmente, empregar um datilógrafo socialista alemão, Oskar Eisengarten, para o qual fazia ditados.

Além das pressões financeiras impostas por familiares próximos a ele, inclusive da parte de Burns e das filhas de Marx, ainda assim, mesmo com a saúde frágil conseguiu se deter na sistematização dos escritos deixados pelo amigo. Após o falecimento de Marx, Engels se dedica incansavelmente às funções de publicar o material deixado de forma inconclusa, bem como a tarefa de educação socialista por meio da difusão, defesa e aconselhamento político junto aos vinculados à causa comunista. Sobre essa empreitada de dar forma aos esboços deixados por Marx na edição dos demais volumes do *Capital*, em concordância, McLellan (1977, p. 21) aponta:

²⁹ “A casa de Engels tornou-se um centro de correspondência global, um ponto de encontro para peregrinos revolucionários e uma mesa-redonda política, especialmente aos domingos, com convidados rotativos e ocasionais.” (tradução nossa)

Engels era a única pessoa capaz de decifrar as ilegíveis hieróglifos de Marx; e, apesar de seu crescente problema de visão, ele conseguiu completar o volume II, ditando-o a uma secretária até 1885. O volume III, mais fragmentário, revelou-se bem mais difícil e terminou por tomar-lhe dez anos de trabalho. Antes de sua morte, Engels iniciou Kautsky e Eduard Bernstein, os dois principais intelectuais do Partido, nos mistérios da caligrafia de Marx e coube a Kautsky coordenar, mais tarde, a edição de Teorias de Mais-Valia, também conhecido como o volume IV de O Capital.

Com efeito, nas publicações, Engels colocou as descobertas feitas por ele e Marx no status de outras aquisições importantíssimas para a sociedade, tais como a biologia evolutiva de Darwin e as leis do movimento de Newton, associando o materialismo dialético aos rigores científicos de seu tempo, ao levar a cabo seu empenho em elevar o marxismo a uma das filosofias políticas mais persuasivas e influentes da história humana.

Entre as pilhas de cartas, rabiscos e ensaios inacabados que Engels trouxe do gabinete de Marx estava um conjunto de anotações que despertou particularmente o seu interesse. Eram resquícios de uma sinopse feita por Marx no início da década de 1880, sobre a obra de Lewis Henry Morgan, intitulada *Ancient Society, or, Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization (A sociedade antiga, ou Pesquisas sobre as linhas do progresso humano da selvageria à barbárie e à civilização - 1877)*.

O referido texto fazia referência à sociedade pré-histórica, a fim de rastrear a evolução da organização social humana, desde seu estado primitivo até a modernidade. O estudo fazia referência à confederação de tribos iroquesas do norte do estado de Nova York, mapeando o impacto do desenvolvimento tecnológico e da mudança dos conceitos de direitos de propriedade sobre a estrutura tribal e familiar.

Logo, com base nos estudos feitos por Marx, especificamente quanto ao progresso da selvageria para a barbárie, Engels advogava que as sociedades humanas primitivas não se baseavam no patriarcado, mas sim num sistema de relações sexuais comunais, ou seja, a posse coletiva dos bens era de ambos os sexos de onde emergiram as primeiras reminiscências fundacionais do feminismo socialista.

A partir do estudo das eras de *gens, tribos e vida comunal*, Engels pode conectar as pesquisas de Morgan com a interpretação materialista da história de Marx e dele, quando na análise que depreendeu pode sistematizar a passagem inexorável das tribos consanguíneas para uma família patriarcal, monogâmica ou nuclear, pretensão confirmada pela carta emitida por ele a Karl Kautsky em 1884, atenção ao trecho:

Para a nossa concepção geral, o livro terá, creio eu, uma importância particular. Morgan nos permite apresentar pontos de vista completamente novos ao nos oferecer, com a pré-história, uma base que realmente faltava até agora. Quaisquer dúvidas sobre tal ou qual ponto da história primitiva e dos "selvagens" que se possa ter tido (tu inclusive), o caso fica resolvido no essencial com a gens e a história primitiva se clarifica. Eis por que convém elaborar seriamente a coisa, pensá-la, apresentar seus prós e seus contras e tratá-la sem levar em conta a lei antissocialista (Marx, 2020, p. 376).

Temas expostos no texto *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*- publicado apenas em 1884- reconsideram as possibilidades políticas do comunismo primitivo e de que a primeira oposição de classe da história humana seria oriunda ao desenvolvimento do antagonismo³⁰ entre homem e mulher no casamento monogâmico, o que analogamente se equipara, respectivamente, ao jugo entre o burguês e o proletário, no qual, no âmbito familiar, o primeiro seria o homem e o segundo a mulher, mas que despertou a sanha de alguns críticos, conforme argumenta Hunt (2010, p. 347):

Mais recentemente, a obra de Engels foi criticada, principalmente por antropólogos, por não reconhecer o domínio masculino nas sociedades primitivas e pelas suposições implícitas - que comprometem seu texto - sobre a divisão de trabalho entre homens e mulheres como algo inato e não um construto social. Além disso, uma nova onda feminista criticou Engels por não reconhecer os desejos sexuais femininos como distintos do processo reprodutivo, por definir as mulheres como pessoas que anseiam naturalmente por um casamento permanente e, o mais importante, por não "tratar seriamente as questões de sexualidade, ideologia, domesticidade ou da divisão de trabalho e poder entre mulheres e homens em geral.

Mesmo com as ressalvas levantadas, cabe considerar o inusitado desenvolvimento de Engels sobre o assunto, principalmente ao se envolver em vários debates de projetos para proibir a prostituição, advertir sobre a frágil situação social das mulheres e a hipocrisia do casamento, quanto ao tratamento das diferenças de gênero como fatores produzidos economicamente e não determinados biologicamente, já que o patriarcado era mais uma função da sociedade burguesa de classes e ambos precisavam ser destruídos.

Retomando Anti-Dühring, Engels faz referência à primeira divisão de atividades humanas, a divisão por gênero, em que Engels eleva a divisão à condição social, como objeto tratado na seção III do livro. Nas demais seções, constam aspectos gerais da filosofia e da economia política, sendo que esta última fora escrita por Marx e as outras revisadas por ele.

Registre-se, desse modo, que para Engels o movimento constante da natureza é o modo de existir da matéria e ele não pode ser criado nem destruído. Ainda sobre esse

³⁰ O antagonismo entre homem e mulher posto no texto faz referência às novas relações sociais estabelecidas, na quais as mulheres de paritárias passam a ser propriedade do homem. Tais relações são melhor desenvolvidas na seção seguinte, ao se abordar a formação humana e os formatos de organizações sociais na obra *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*.

entendimento, o pensador ressalta o legado da teoria da evolução das espécies, deixado por Darwin, que, por sua vez, serviu como contributo à base científica da histórica luta de classes e constituição das sociedades, logo, das matrizes familiares. A seguir, Engels descreve a mencionada teoria:

Ora, visto que cada germe busca desenvolver-se, surge necessariamente uma luta pela existência que se manifesta não só como combate ou devoração direta, física, mas também como luta por espaço e luz, inclusive no caso das plantas. E é evidente que, nessa luta, quem tem as melhores perspectivas de chegar à maturidade e reproduzir-se são aqueles indivíduos que possuem alguma peculiaridade individual, por mais insignificante que seja, mas que representa uma vantagem na luta pela existência. Sendo assim, essas peculiaridades individuais tendem a tornar-se hereditárias e, ocorrendo em mais indivíduos da mesma espécie, tendem a intensificar-se na direção tomada mediante transmissão hereditária cumulativa; ao passo que os indivíduos que não possuem essa peculiaridade sucumbem mais facilmente na luta pela existência e desaparecem gradativamente. Desse modo, uma espécie se modifica pela seleção natural, mediante a sobrevivência do mais apto (Engels, 2015, p. 99).

Diante do exposto, podemos inferir que nosso pensador passa a elaborar reflexões sobre a hereditariedade genética até a apropriação da propriedade privada e a conservação da mesma, por meio da manutenção de laços familiares, concentrando propriedade e renda. Ao tempo que demonstra a negação do indicativo de perpetuidade da luta de classes, como *modus operandi* que caracteriza a luta pela vida no mundo biológico.

A contrapelo dessas ideias da luta de classes alinhada a luta biológica, se examinarmos com afinco, podemos observar que o corolário teórico-político da obra de Darwin pontua modificações, peculiaridades que podem surgir na natureza, alterando as espécies animais que alteram os modos de organização, que se transformam, se modificam historicamente.

Então, não faz sentido falar que o modo de produção capitalista é o modo de organização societal "natural" e perpétuo da humanidade, tal qual se usava de argumento para a defesa do modelo de economia política burguesa em seu tempo, pois, em sentido distinto, o que é natural é justamente que nada há que seja eterno.

Engels tinha consciência de que para a teoria marxista expandir-se-ia como corrente viável, do ponto de vista da transformação social e, precisaria aspirar a horizontes culturais mais amplos. Tendo em vista isto, seria insuficiente restringir-se à crítica da economia política, por mais decisivo que fosse esse empreendimento. Seria necessário promover uma sistematização da nova teoria, a viabilizando em linguagem mais acessível e relacionando as relevantes descobertas de seu tempo aos aspectos importantes que foram resgatados para a pesquisa social sobre a formação humana.

É importante pontuar que Engels, examinando a dialética que atravessa a peculiaridade citada por ele no trecho anterior, nos instiga a verificar a necessidade desta deixar de ser em favor da manutenção da concentração de renda e se tornar agente de produção dos escombros do velho regime, para que destes se origine uma nova sociedade, podendo, portanto, possibilitar a produção e apropriação social do trabalho.

Dito de outro modo, a escrita de “*A origem da família, da propriedade privada e do Estado*” (1884) considerou a divulgação da concepção materialista da história, portanto, da produção e reprodução da vida material, tendo como base as impressões registradas por Marx, sobre a obra “*A Sociedade Primitiva*” (1847), de Lewis Henry Morgan, quanto à etnologia americana, que, por sua vez, fora desenvolvida a partir dos achados de J. F. McLennan, como confirma Engels (2019, p. 26): “[...] Outro mérito de McLennan é ter identificado a ordem matrilinear de descendência como a original, embora mais tarde reconheça que Bachofen o havia precedido nesse ponto”.

Tendo tais aspectos em conta, Engels, a partir dos escritos deixados por Marx, na esteira de Morgan, desenvolveu uma análise sobre a ordem do desenvolvimento social, com parentesco matrilinear, na sequência tribo/gens/família. Para o sobredito autor, levando a história do desenvolvimento da família como processo histórico, a origem dos primeiros grupos matrilineares não se deu como instituição natural.

Um aspecto relevante a se sublinhar é que o pensador enfatiza as descobertas, as invenções e o desenvolvimento das ideias de governo, família e propriedade ao longo do progresso da sociedade, portanto, de estado selvagem, passando às relações de propriedade de coletivas para privadas. Tendo esta última levado à denominação de estado de civilização, pois fora atrelada a descobertas sociais relevantes.

Tendo tais aspectos em conta, Engels atribui ênfase aos aspectos técnicos para demarcação entre uma fase e outra, nas fases elencadas na obra: selvageria, barbárie e civilização. Pode-se observar, ao longo do processo histórico, a ocorrência da dissolução do modo de vida das comunidades originárias, assim como a elevação das mediações sociais entre as pessoas e as coisas.

Dentro dessa perspectiva, Engels ressalta dois elementos relevantes ao estado da ordem social, isto é, referente ao grau de desenvolvimento: o trabalho e a família. Com efeito, destaca a produção material através do trabalho de onde emergem os processos econômicos, em que Marx pode extrair a lei de mais-valor e, em paralelo, a formação da família e a evolução da espécie humana como resultado de suas relações com o meio, em paralelo à teoria exposta por Darwin. Por isso, Engels (2019, p. 29) faz a afirmação de que “A

redescoberta da *gens* matrilinear original como pré-estágio da *gens* patrilinear dos povos civilizados tem para a história primitiva a mesma importância que a teoria de Darwin para a biologia e a teoria do mais-valor de Marx para a economia política”.

Neste sentido, a obra realiza incursões em outras formas civilizatórias, que, por sua vez, anunciam processos de formação humana não ocidentais, ou seja, de comunidades originárias com destaque à matrilinearidade e ao matriarcado na fase primitiva da humanidade.

Esse fato revela elementos sociais importantes para a análise da categoria família dentro do processo de formação humana, como o surgimento da instituição jurídica do casamento a partir dos romanos e a tese de que a opressão da mulher está relacionada à emergência das classes sociais, desnaturalizando, então, posições e relações sociais até então dadas como postas, incontestáveis e imutáveis.

Da análise que Engels, ainda sobre a formação humana, a categoria propriedade privada se impõe, com o objetivo de manter-se independente da composição social ou forma de governo. Desse modo, Engels reforça argumentos trazidos por ele e Marx na obra “*Ideologia Alemã*”, sobretudo acerca da relação entre as bases materiais de existência, o aprimoramento da compleição corporal dos indivíduos, a divisão do trabalho e as relações de propriedade.

Dessas condições foi que emergiram os diferentes estágios de desenvolvimento da sociedade com os diversos tipos de propriedade, como a tribal, a comunal e a estatal da antiguidade. Atravessando a sociedade feudal, tivemos o surgimento das cidades e a combinação da propriedade corporativa. Mais à frente e até nossos dias, temos a propriedade privada capitalista.

Importa notar que, independentemente do formato de organização social, a prioridade reside na conquista da produção e reprodução da vida, tal como nos confirma o trecho do Prefácio do livro “*A origem da família, da propriedade privada e do Estado*”:

Segundo a concepção materialista, o fator que, em última análise, determina a história é este: a produção e reprodução da vida imediata. Ele próprio, porém, é de natureza dupla. [...] As instituições sociais em que os seres humanos de determinada época histórica e de determinado país vivem são condicionadas por duas espécies de produção: pelo estágio de desenvolvimento do trabalho, de um lado, e pelo da família, de outro (Engels, 2019, p. 19).

Desse modo, na passagem mencionada é atribuída ênfase à produção e à reprodução da vida, ao se relacionarem, respectivamente, ao desenvolvimento do trabalho e da família, já que, ao longo do processo de formação humana, os vínculos sociais foram se

estabelecendo conforme o surgimento de novas necessidades que, por sua vez, ampliaram a diversificação de atividades humanas no trabalho e para além dele.

Em contradição à evolução nos processos produtivos, o gozo das aquisições conquistadas passou a ser desigual, pois já na produção se presentificava a marca indelével da luta de classes. É importante pontuar que Engels trata esse assunto nesta obra dissertando sobre a etapa de civilização, ao questionar os discursos correntes do século XIX que se apoiavam em determinismos diversos, com o objetivo de sustentar ideologias basilares da ordem das coisas no capitalismo, como se existência e oposição de classes fossem algo da ordem natural, conforme aduz:

Dado que a base da civilização é a espoliação de uma classe por outra, todo o seu desenvolvimento transcorre em permanente contradição. Todo progresso da produção representa simultaneamente um retrocesso na situação da classe oprimida, isto é, da grande maioria. Todo benefício para uns é necessariamente um malefício para os outros, cada nova libertação de uma classe leva necessariamente a uma nova opressão da outra. A prova mais contundente é fornecida pela introdução da maquinaria, cujos efeitos são conhecidos hoje em todo o mundo. E, ao passo que entre os bárbaros, como vimos, praticamente ainda não se podia estabelecer uma diferença entre direitos e deveres, a civilização deixa claros a diferença e o antagonismo entre ambos até para o mais idiota, atribuindo a uma classe quase todos os direitos e à outra, em contrapartida, quase todos os deveres (Engels, 2019, p. 162-163).

Um dos pontos marcantes nesta obra é a tentativa de provar que a ordem social é distinta da ordem natural, ou seja, que a ordem social não é dada e não pode ser estudada ou justificada pela natureza ou pelas ciências naturais, desnaturalizando, assim, o modelo europeu como único e rompendo a ideia da família, da propriedade privada e do Estado de serem instituições naturais e imutáveis, pois, a priori, para a realista compreensão do processo de formação, Engels nos adverte a necessidade de ampliar nossa visão frente às diversas configurações de família, propriedade e Estado, a fim de não nos restringirmos ao “padrão europeu”.

Em continuidade a análise da obra, a categoria trabalho é abordada logo no prefácio da primeira edição de 1884, a partir de duas condicionantes principais, o estágio do desenvolvimento do trabalho e da família, por isso Engels (2019, p. 19-20) nos apresenta que:

Segundo a concepção materialista, o fator que, em última análise, determina a história é este: a produção e a reprodução da vida imediata. Ele próprio, porém, é de natureza dupla. Por um lado, a geração dos meios de subsistência, dos objetos destinados a alimentação, vestuário, habitação e das ferramentas requeridas para isso; por outro, a geração dos próprios seres humanos, a procriação do gênero. As instituições sociais em que os seres humanos de determinada época histórica e de determinado país vivem são condicionadas por duas espécies de produção: pelo estágio de desenvolvimento do trabalho de um lado, e pelo da família, de outro.

Quanto menos desenvolvido o trabalho, quanto mais limitada a quantidade de seus produtos e, portanto, de riqueza da sociedade, tanto mais a ordem social se mostrará dominada por laços consanguíneos.

A discussão elaborada trata-se das limitações da produção e reprodução da vida no âmbito agrário nos primeiros estágios de desenvolvimento e da marcada prevalência dos laços consanguíneos quando na produção e partilha dos bens produzidos. Dentre as atividades de trabalho desenvolvidas, Engels, na esteira de Morgan, destaca os estágios selvagem, barbárie e civilização, detalhados a seguir:

Provisoriamente podemos generalizar a subdivisão de Morgan da seguinte maneira; estado selvagem - época em que preponderou a apropriação de produtos naturais prontos; os produtos artificiais do ser humano são, em sua maior parte, ferramentas auxiliares dessa apropriação. Barbárie - época em que se consolidaram a pecuária e a agricultura, o aprendizado de métodos de produção intensificada de produtos naturais mediante a atividade humana. Civilização - época de aprendizado do processamento ulterior de produtos naturais, da indústria propriamente dita e da arte (Engels, 2019, p. 35).

Ainda sobre a evolução nos processos de uso e qualificação da produção e reprodução da vida, podemos afirmar que estas tornaram-se possíveis por meio do acúmulo do conhecimento e sucessivo progresso humano. Dentre as evidências que oportunizaram o progresso, temos invenções e descobertas no campo dos instrumentos de trabalho e manejo de produção, por meio da ampliação das fontes e de subsistência, tal como o advento da criação da flecha, da fusão do minério de ferro e depois com as diversas aplicabilidades deste. Descobertas que conduziram ao desenvolvimento da inteligência humana do selvagem ao bárbaro e deste ao homem civilizado, conforme descreve:

Os sistemas de parentesco e as formas de família recém-mencionados diferenciam-se dos sistemas ora vigentes pelo fato de cada criança ter vários pais e várias mães. Somos transpostos aqui para uma série de formas de família que contradizem diretamente a forma que até agora se costumava admitir como a única válida. A concepção tradicional tem conhecimento apenas do casamento monogâmico e, ao lado deste, da poligamia de um só homem e, ainda, no máximo, da poliandria de uma só mulher, mas silencia, como condiz ao filisteu moralizante, a respeito de a práxis ignorar, tácita mas desinibidamente, essa barreira interposta pela sociedade oficial. O estudo da Pré-História, em contraposição, confronta-nos com situações em que homens vivem em poligamia e suas mulheres vivem simultaneamente em poliandria e, em consequência, as crianças comuns são tidas como comuns a todos; essas situações, por sua vez, passaram por toda uma série de mudanças até sua dissolução final no casamento monogâmico. Essas mudanças estreitaram cada vez mais o círculo que envolve o laço matrimonial comum e que originalmente era muito vasto, até que, por fim, restou somente o par individual hoje predominante (Engels, 2019, p. 39).

Conforme exposto, temos evidências que comprovam a existência de outros formatos de constituição das famílias, bem como nas formas de organização e gerência das atividades, que, por sua vez, contradizem a versão europeia predominante de origem e processo de formação humana, por meio da formação monogâmica e patriarcal.

As descobertas no campo do gênero e da formação dos grupos familiares elevaram o nível da discussão sobre o processo de formação humana para além da economia. Diante do exposto, Engels adiciona mais elementos à estruturação social que compõem a base do antagonismo de classe, apresentando-os nesta passagem extraída do prefácio da primeira edição de 1884:

Entretanto, é sob essa estruturação social baseada em laços consanguíneos que se desenvolve gradativamente a produtividade do trabalho e, com ela, a propriedade privada e a troca, a diferenciação da riqueza, o aproveitamento da força de trabalho alheia e, desse modo, a base dos antagonismos de classe: novos elementos sociais que, no decurso das gerações, se esfalfam para adequar a antiga constituição social às novas condições até que, por fim, a incompatibilidade das duas acarreta uma revolução total (Engels, 2019, p. 20).

Isso porque da primeira divisão social do trabalho nasceu a primeira divisão social de classes, ou seja, entre exploradores e explorados. A produção se tornou cada vez mais especializada ao ponto de surgir uma classe que passou a se ocupar apenas da troca de produtos, os comerciantes, considerados por Engels aproveitadores, parasitas sociais. Essa situação de contrastes sociais fundaram as bases de iminência de uma revolução.

Ainda sobre o texto “*A origem da família, da propriedade privada e do Estado*” (1884), o autor aponta o Estado como poder que aparenta estar acima das classes que são divergentes, como se pode observar no trecho a seguir:

O Estado, portanto, de modo algum é um poder imposto de fora à sociedade; tampouco é "a efetividade da ideia ética", "a imagem e a efetividade da razão", como afirma Hegel. É, muito pelo contrário, um produto da sociedade em determinado estágio de desenvolvimento; é a admissão de que essa sociedade se enredou em uma contradição insolúvel consigo mesma, cindiu-se em antagonismos irreconciliáveis e é incapaz de resolvê-los. Porém, para que esses antagonismos, essas classes com interesses econômicos conflitantes, não consumam a sociedade e a si mesmos em uma luta infrutífera, tornou-se necessário um poder que aparentemente está acima da sociedade e visa abafar o conflito, mantê-lo dentro dos limites da "ordem"; e esse poder, que é oriundo da sociedade, mas colocou-se acima dela e tornou-se cada vez mais estranho a ela, é o Estado (Engels, 2019, p. 157).

Acerca da educação nos primeiros agrupamentos familiares, a parentalidade tinha confirmação por parte da mãe, mas sobre o pai todos homens do grupo exerciam a paternagem educativa das crianças, como confirma o trecho abaixo:

Em todas as formas de família grupal, não se sabe ao certo quem é o pai de uma criança, mas sabe-se bem quem é a mãe. Mesmo que esta considere suas todas as crianças da família e tenha obrigações de mãe para com todas elas, ela distingue das demais as crianças que ela própria gerou (Engels, 2019, p. 48).

Nas décadas seguintes, foram publicados os volumes II e III de *O Capital*, que ocorreram, respectivamente, em maio de 1885 e dezembro de 1894, sendo que em janeiro de 1895 começam os preparativos para edição das obras completas de Marx. Os estudos e a edição do material apenas eram interrompidos pelas viagens com fins de militância e aconselhamento político. Destacam-se as viagens aos EUA e Canadá (1888), para Alemanha, Suíça e Áustria, de agosto a setembro de 1893.

É importante pontuar, ainda, as críticas que sobrevieram às edições dos volumes II e III de *O Capital*, se referindo aos aditamentos e revisões feitas por Engels, que, como editor, deixou de seguir os critérios de uma edição científica, quando deveria ter posto seus “acrescentos” apenas no aparato crítico ou em forma de notas, não agregando diretamente ao texto.

Dentre os contraditores, importa citar a corrente de intelectuais do chamado *marxismo ocidental*³¹, que não leva em conta as condições inconclusas e esparsas as quais os escritos de Marx foram deixados e da necessidade urgente da publicação de um texto que revolucionasse a velha economia, como era do desejo de ambos e último pedido feito por Marx à Eleanor, que ficasse na incumbência de Engels a façanha, levando nosso revolucionário ao dilema:

[...] admitir abertamente que Marx não terminara de modo algum o segundo livro e, sobretudo, o terceiro, e tratar ele próprio de continuar as pesquisas marxianas; ou, por outro lado, agir "como se" e apresentar os resultados da pesquisa marxiana tão incompletos quanto ele os encontrara. O próprio Marx dissera explicitamente, numa carta em 1877, que os manuscritos existentes para os livros segundo e terceiro - assim como aquele para a "terceira parte, histórica" - estavam incompletos, "não preparados para a impressão". Tratava-se de manuscritos de pesquisa, na forma rude [...] que toda a pesquisa originalmente possui". Porém, Engels não poderia deixá-la nessa "forma rude" Ao menos ele deveria procurar publicá-la "numa forma em se que produza clara e plasticamente a linha inteira da argumentação". Com isso, ele admitiu, ao mesmo tempo que, nessa clareza da argumentação, não faltava de modo algum a "linha inteira" da exposição no manuscrito de Marx, mas antes ela permanecera confusa (Krätke, 2022, p. 98).

Infelizmente, os críticos de Engels ignoram as questões aqui pontuadas e optam por culpá-lo e obrigá-lo a carregar tudo o que não se encaixa em dado momento com o

³¹ Segundo Merleau-Ponty, em sua obra *As Aventuras da Dialética* (1955), a corrente tem como precursores o filósofo alemão Karl Korsch, com a obra *Marxismo e Filosofia* e o filósofo húngaro György Lukács, com *História e Consciência de Classe*, ambas publicadas em 1923.

discurso acadêmico de ocasião e, por isso, Engels considerou justificáveis extensas intervenções no texto marxiano disponível, e as reações após a publicação do livro terceiro, em 1894, mostram que ele não encobriu o caráter original como um “primeiro esboço”, nem o falseou.

Seguindo essa linha, o marxismo ocidental coloca Marx numa posição livre de impurezas, enquanto Engels em diversos aspectos é atacado, inclusive, acerca da exposição que fez sobre a noção de surgimento e desenvolvimento do Estado, que pode ser encontrada em obras como *Anti-Dühring* (1877), *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884) e *O papel da violência na história* (1888).

Nas citadas obras, Engels desenvolve a teoria de Estado, na qual, de forma assertiva, estabelece a origem do Estado e sua relação com as primeiras diferenças sociais nas sociedades igualitárias originárias, bem como expressa sua opinião sobre o Estado moderno como expressão de domínio de classe econômica e política, mas não restrita a uma máquina de domínio de uma classe sobre a outra, noutras palavras, o Estado, em suas funções, se coloca, em sua existência material, vinculado à relação entre classes por meio de sua organização de poder e de domínio.

Ainda sobre as contribuições feitas por Engels nos volumes II e III d’ *O Capital*, temos claro seu objetivo em tornar compreensíveis os textos deixados por Marx, seu amigo. Engels integrou notas de rodapé ao texto, seções refundidas e acrescentou subdivisões. Dentre as críticas levantadas pelos pesquisadores, uma se destaca: enquanto o manuscrito original de Marx se referia ao *abalo da produção capitalista*, Engels falou mais definidamente do *colapso do capitalismo*. Como consequência dessa interpretação, os marxistas do século XX passaram a procurar repetidamente os sinais de uma *crise* ou *falência sistêmica* do capitalismo, para anunciarem a aurora comunista. Essa busca, posteriormente, teve como consequência sua responsabilização pela ideologia oficial da União Soviética de Stalin. Contudo, se outros reinterpretaram a interpretação de Engels, isso é algo pelo que ele não pode ser intelectualmente responsável.

Acerca dessas questões práticas, Engels manteve reserva, nunca forçando sua opinião sobre os camaradas, mas não deixando de opinar, quando solicitado. Considerava sua principal missão de preservar e divulgar a pureza da teoria marxista onde ela possuísse adeptos, por meio do fornecimento de informações e conselhos especialmente aos líderes dos partidos continentais e nessa caminhada:

[...] conquistar o movimento da classe trabalhadora do mundo para as ideias, objetivos e métodos que Marx e ele consideravam ser o único meio possível de

abolir o proletariado, O antagonismo de classe, acreditava, só poderia ser dominado se os trabalhadores de todos os países estivessem decididos a moldar seu próprio destino e se organizassem como partidos políticos independentes, com base na luta de classes. Esse era o princípio subjacente a todos os conselhos que Engels deu aos vários partidos (Mayer, 2020, p. 215).

Nesse sentido, este texto emerge após vinte e cinco anos de esforços de Engels para dar a conhecer a nova interpretação materialista da história e da sociedade, com destaque à obra escrita por ele e Marx, em 1845-46 (“*A Ideologia Alemã*”). Por isso, em 1886, Engels tentou novamente esclarecer a que se referia com esta nova ciência da sociedade em “*Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*”.

Esse trabalho surge como uma espécie de testamento intelectual, no qual Engels revisita problemas relacionados à gênese do marxismo, ao pontuar o papel da filosofia hegeliana e ao situar a importância da dialética na teoria materialista da história. Cabe mencionar sobre “*Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*” (1886), no tocante à influência que a obra “*História da religião e filosofia na Alemanha*” (1834) teve sobre Engels na escrita de seu texto naquele momento histórico, portanto, do pensamento do escritor alemão Heinrich Heine (1797-1856), no sentido de explorar em Hegel o caráter revolucionário da dialética e conservador do sistema.

Acerca da questão da família, destaca a dialética resultante das múltiplas ações conscientes dos seres humanos que se firmam na história, bem como da vinculação (ou não) entre seus pares, argumentando que

Os humanos fazem sua história, como quer que ela resulte, tendo em vista que cada qual busca os próprios fins conscientemente desejados, e a resultante dessas muitas vontades que atuam em diversas direções e suas múltiplas incidências no mundo exterior é precisamente a história. Portanto, também importa o que esses muitos indivíduos querem (Engels, 2024, p. 74).

Desses processos, Engels reitera a tese do caráter dialético comum da natureza e da história, mas não as iguala. Isso porque a história do desenvolvimento da sociedade mostra-se diversa da Natureza, na proporção em que deixemos fora de consideração a retroação do homem sobre a Natureza, levando em conta que há puramente fatores cegos, desprovidos de consciência, que atuam uns sobre os outros e em cujo jogo é recíproco. Nisso, a lei universal do movimento se faz valer.

Logo, podemos entender que tudo o que acontece, tanto das inúmeras casualidades aparentes, ou seja, visíveis à superfície, como dos resultados finais, demonstram que há conformidade com as leis no interior dessas casualidades na natureza, porque nada acontece com objetivo consciente.

O ser humano, mesmo pertencendo à natureza, já que sua existência é posterior a ela, mantém dependência ontológica, sendo governado por leis internas universais ao estabelecer relação recíproca. Os agentes estão nitidamente dotados de consciência, porque são homens e mulheres que agem com reflexão, com objetivos, ou seja, nada acontece sem propósito.

Em outras palavras, podemos dizer que, mesmo o ser humano tendo sua intencionalidade e no conjunto de ações que ocorrem as transformações, aparentemente domina o acaso, já que, na maioria dos casos, os múltiplos objetivos almejados podem realizar vários movimentos, tais como entrecruzarem-se, contradizerem-se, e, de antemão, serem irrealizáveis ou terem meios insuficientes para serem realizados.

Desta panaceia de possibilidades, temos os choques das inúmeras ações individuais, que, por sua vez, conduzem a um estado que é totalmente análogo ao que domina na Natureza, anteriormente esclarecida como desprovida de consciência. Neste ponto, em específico, a dialética da natureza e da sociedade se comunicam, pois, mesmo as atitudes humanas sendo teleologicamente conscientes, os acontecimentos históricos aparecem, a grosso modo, igualmente dominados pela casualidade.

Outro ponto importante a destacar na obra parte de sua indagação de como teriam surgido as classes, à medida que em seu corpo conceitual não cabe mais adotar justificativas restritas à política. O pesquisador revolucionário atravessa questões até hoje polêmicas, como o uso da violência e da causalidade econômica, que têm como raiz a propriedade privada, conforme nos orienta a seguir:

Como, porém, haviam surgido essas classes? Enquanto à primeira vista ainda se podia atribuir a origem da grande propriedade fundiária, outrora feudal, a causas - pelo menos num primeiro momento políticas, à tomada de posse pela violência, no caso da burguesia e do proletariado não havia mais como fazer isso. Nesse caso, a origem e o desenvolvimento de duas grandes classes a partir de causas puramente econômicas estavam claros e palpavelmente manifestos. E estava igualmente claro que, na luta entre propriedade fundiária e burguesia, tanto quanto na luta entre burguesia e proletariado, se tratava em primeira linha de interesses econômicos, a cuja execução o poder político deveria servir como mero meio. Ambos, burguesia e proletariado, tinham surgido em consequência de uma mudança nas relações econômicas, mais exatamente, no modo de produção. A passagem, primeiro, do artesanato corporativo para a manufatura e depois, da manufatura para a grande indústria movida a vapor e máquinas havia desenvolvido essas duas classes (Engels, 2024, p. 77).

Nesse sentido, temos a violência e a política que emergem como meios de garantir a apropriação privada dos meios de produção ao longo dos tempos, desde o cindir das classes, pois tais fatores garantem os interesses da classe dominante, já que em “*Ludwig Feuerbach e*

o fim da filosofia clássica alemã” (1886), a categoria trabalho é abordada na formação humana marcada ao longo da história pela evolução da técnica. Isso desde as primeiras comunidades, em que a base era de subsistência, após a consagração do excedente de produção e da consolidação da propriedade privada. Ocorreu que as ferramentas de trabalho foram garantindo maior índice de produtividade.

Vemos, então, que todo esse processo de aperfeiçoamento produtivo, quando começa a produção de excedentes, torna-se o marco de novos processos de relações, pois têm-se a troca de "mercadorias", tendo por consequência a "coisificação" dos indivíduos menos favorecidos, que são, na maioria das vezes, transformados em escravos. As forças mentais separam-se das físicas, e os produtores são levemente dispensados das atividades laborais e passam a ter a possibilidade do ócio para desenvolvimento da ciência e do trabalho em benefício de sua classe, a classe dominante, conforme nos elucidava Engels, ao mostrar a chave para compreensão da formação humana no seguinte excerto:

A classe trabalhadora foi a única que preservou intacto o senso teórico alemão. Não há como extirpá-lo dali; ela não tem escrúpulos quanto à carreira, o resultado lucrativo, a proteção misericordiosa vinda de cima; pelo contrário, quanto mais inescrupuloso e imparcial for o procedimento da ciência, tanto mais ela estará em consonância com os interesses e as aspirações dos trabalhadores. A nova tendência, que identifiquei na história do desenvolvimento do trabalho a chave para a compreensão de toda a história da sociedade, voltou-se desde o início preferencialmente para a classe trabalhadora e teve aí a receptividade que ela não buscou nem esperou ter da ciência oficial. O movimento dos trabalhadores alemães é o herdeiro da filosofia clássica alemã (Engels, 2024, p. 87).

A evolução da ciência levou ao confronto com um novo modelo de sociedade, pois antes os conhecimentos eram passados de uma geração a outra e se destinavam a interesses comuns, ou seja, nas comunidades primitivas. Na passagem para a Idade Antiga, a aquisição do conhecimento passa a servir de meio para distinção social, quando se inaugura o antagonismo econômico da sociedade dividida em classes.

Desde então, os exploradores, detentores dos meios de produção e liberados do contato direto com o trabalho manual, passaram a dispor de tempo livre para aprimorar seus conhecimentos. Com o desenvolvimento dessa atividade mental, expandem-se as possibilidades de lucro e implementa-se a desigualdade na comunidade, que atravessa a sociedade da Antiguidade aos tempos atuais.

Acerca do desenvolvimento da ciência, Engels destaca a descoberta da célula para compreensão da lei universal de desenvolvimento dos seres vivos, a transformação da energia

como forma de manifestação do movimento universal e do processo de evolução da vida por meio da seleção natural, com destaque à contribuição de Darwin, tal como elucidado abaixo:

No entanto, trata-se sobretudo de três grandes descobertas que fizeram que o nosso conhecimento da interconexão dos processos naturais avançasse a passos de gigante: a primeira foi a descoberta da célula como a unidade, cuja multiplicação e diferenciação levam todos os corpos vegetais e animais a se desenvolverem, de modo que não só se soube que o desenvolvimento e o crescimento de todos os organismos superiores se dá de acordo com uma única lei universal mas também que, na capacidade de transformação da célula, foi indicado o caminho pelo qual os organismos modificam sua espécie e, assim, podem passar por um desenvolvimento que vai além do individual. - Em segundo lugar, a transformação da energia, mediante a qual nos foi demonstrado que todas as assim chamadas energias, atuantes em primeira linha na natureza inorgânica, ou seja, a energia mecânica e seu complemento, a assim chamada energia potencial, o calor, a radiação (luz ou então o calor radiante), a eletricidade, o magnetismo, a energia química, são distintas formas de manifestação do movimento universal que, em determinadas proporções, se transformam uma na outra, de tal maneira que, para compensar a quantidade de uma que desaparece, reaparece certa quantidade de outra, de modo que todo o movimento da natureza se reduz a esse incessante processo de transformação de uma forma [de energia] na outra. - Por fim, é a prova, desenvolvida em seu conjunto primeiro por Darwin, de que o acervo de produtos orgânicos da natureza que hoje nos rodeia, incluindo os humanos, é resultado de um longo processo de desenvolvimento a partir de poucos embriões unicelulares e de que estes, por sua vez, provieram do protoplasma ou da albumina surgidos pela via química (Engels, 2024, p. 71-72).

Engels destaca as descobertas na produção do conhecimento que colaboraram para a compreensão do mundo que, por sua vez, auxiliaram na evolução tecnológica, contudo passa a ser instrumento de dominação. O aspecto revolucionário cambiado para o conhecimento está na medida do entendimento capturado por Hegel e transformado ao materialismo por Engels e Marx, nas palavras de nosso revolucionário, está no que *o mundo deve ser concebido não como um complexo de coisas prontas, mas como um complexo de processos* e que se demonstra a seguir:

Assim o aspecto revolucionário da filosofia hegeliana foi retomado e simultaneamente liberto dos ornatos idealistas que haviam impedido Hegel de levá-lo a termo de modo coerente. A grande ideia fundamental, a de que o mundo deve ser concebido não como um complexo de coisas prontas, mas como um complexo de processos, nos quais tanto as coisas aparentemente estáveis quanto seus retratos ideais em nossa cabeça, os conceitos, passam por uma mudança ininterrupta na forma de devir e perecer, na qual, em meio a toda aparente contingência e apesar de toda retrocessão momentânea, acaba se impondo um desenvolvimento progressivo - essa grande ideia fundamental, sobretudo desde Hegel, passou a fazer parte da consciência comum de tal modo que, nessa generalidade, praticamente não é mais contestada (Engels, 2024, p. 70).

Na dinâmica da dialética de complexos que se apresenta, temos as motivações econômicas de busca por lucro, as quais, historicamente, da Idade Antiga para a Idade Média, levaram os donos de terras a verificar que o grande exército de escravos já não proporcionava

o lucro desejado, além de os custos para a manutenção dos cativos lentamente superarem os ganhos produtivos, dadas as inúmeras revoltas das massas escravizadas contra os opressores. Tais fatos levaram os donos de terras a endossar a adesão à nova relação social de produção: do trabalho escravo à servidão.

Até então, a Igreja Católica, aliada aos proprietários de terras, monopolizava o conhecimento, pois, unindo o poder sobrenatural ao econômico, mantinha os trabalhadores alienados e fazendo-os sentirem-se conformados e impotentes de transformarem sua realidade. Com o avanço da técnica, passa a florescer o comércio e uma nova classe surge com ele, no caso, a burguesia, e estes, para garantir seus direitos políticos e econômicos, se organizaram em associações corporativas.

Para manter seus negócios, a burguesia pressiona a Igreja Católica a descentralizar o domínio do conhecimento, contudo ainda permaneceu com teor sectário, isto é, sendo utilizada como meio de dominação, a fim de melhor entender as nuances dessa nova forma de organização social e os avanços científicos das descobertas elencados por Engels.

Dando prosseguimento à exposição, seguindo com a análise do texto “*Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*” (1886), que destaca sobre o papel do Estado em sua função política e de contenção de práticas dissidentes, ou seja, que possam ameaçar os interesses materiais da classe dominante/burguesia, tal como podemos observar no trecho a seguir:

Porém, se já em nossos tempos modernos, com seus gigantescos meios de produção e de transporte, o Estado não é um campo autônomo com desenvolvimento autônomo, mas tanto a sua existência quanto seu desenvolvimento devem ser explicados, em última instância, a partir das condições econômicas da vida da sociedade, isso deve valer muito mais para todas as épocas anteriores, nas quais a produção da vida material dos seres humanos ainda não era efetuada com esses profusos recursos auxiliares, ou seja, nas quais a necessidade dessa produção tinha de gerar uma dominação ainda maior sobre os seres humanos. Se ainda hoje, na época da grande indústria e das ferrovias, o Estado é, em grande parte, apenas o reflexo, em formato sintetizado, das necessidades econômicas da classe que domina a produção, ele necessariamente era isso tanto mais em uma época em que uma geração humana tinha de gastar uma parcela muito maior da totalidade do seu tempo de vida para satisfazer suas necessidades materiais e, em consequência, era bem mais dependente delas do que somos hoje. A investigação da história de épocas mais antigas confirma isso de modo abundante assim que aborda seriamente esse aspecto (Engels, 2024, p. 79-80).

De modo a deslindar o poder ideológico do Estado para domínio de uma classe sobre a outra, por meio de operações de difusão da ideologia dominante e a educação no sistema capitalista, não poderia ser diferente, mas que a partir da realidade, tal como nos traz o autor, *não se trata mais de idear nexos dentro da cabeça, mas se trata de descobri-los nos fatos*, extraído da passagem que informa:

Este texto não pode ser mais do que um esboço geral da concepção histórica marxiana com, no máximo, algumas ilustrações. A prova tem de ser apresentada com base na própria história, e, quanto a isso, certamente posso afirmar que ela já foi suficientemente exposta em outros escritos. Essa concepção, no entanto, põe fim à filosofia no âmbito da história, tanto quanto a concepção dialética da natureza torna tão desnecessária quanto impossível toda filosofia da natureza. Em toda parte, não se trata mais de idear nexos dentro da cabeça, mas se trata de descobri-los nos fatos. Então, para a filosofia, expulsa da natureza e da história, só resta o reino do puro pensamento, na medida em que ainda restam: a teoria das leis do próprio processo de pensamento, a lógica e a dialética (Engels, 2024, p. 86).

A educação por seu teor sectário, apanhado desde o cindir das classes, continuou a ser utilizada como meio de dominação, em que há perda dos valores humanos em troca de valores materiais, isto é, tudo passa a ser mercadoria. Assim como esta projeta em si todas as contradições fundamentais do sistema capitalista. Desse modo, a formação humana em Engels comporta uma plêiade de categorias que, de acordo com nossas pesquisas, as mencionadas aqui, notabilizaram-se pelo aprofundamento que o pensador atribuiu.

Retomando as peculiaridades da vida de Engels, temos que, aos setenta anos, se encontrava com a saúde precária, devido ao reumatismo, bronquite e dificuldade visual, por isso as recepções calorosas em sua casa transformaram-se em visitas ao seu leito onde passava semanas a fio. Mesmo assim, festejou seu aniversário e viajou, em 1888, aos Estados Unidos, onde observou o contraste entre a atual quietude da classe operária inglesa em contraposição ao vigor do movimento operário americano, mesmo atenuado pela falta de rigor teórico. Em Nova York, pode observar a velocidade e o tumulto da vida no Estado Unidos, segundo ele, o melhor lugar para a capital da produção capitalista, palco de manipulação da cultura de massa e do espetáculo tecnológico da cidade moderna.

Apenas em 4 de maio de 1890 houve o despertamento da classe operária inglesa, para Engels, significando que esta, se livrara da confusão liberal e redescobriria sua herança cartista e socialista, ou seja, as ideias socialistas de igualdade e consciência de classe estavam em pauta. Desse modo, cabe destacar o vigoroso engajamento de Engels em seus últimos anos de vida, no empenho em analisar e montar táticas para as questões intelectuais e organizacionais que o socialismo estava enfrentando, o desafio político da democracia social previdenciária e a estratégia sufragista dos partidos operários de massa, o que Hunt (2010, p. 357) resumiu como:

Do prático ao filosófico, em seus últimos dias o General sempre esteve pronto para auxiliar a causa. Seu profundo amor à vida era acompanhado pela convicção de que a história estava do seu lado, de que a marcha progressiva do socialismo era mais realizável do que nunca antes. Ele estava determinado a viver só mais alguns anos

para "dar uma espiada no novo século" e assistir ao triunfo marxista que ele havia transformado na obra de sua vida.

Por outras palavras, na década de 1890, a Regent's Park Road continuava sendo o centro do socialismo internacional, recebendo um número crescente de exilados, discípulos russos, em 1893, uma reunião de cúpula socialista anglo-franco-germânica. Nos últimos anos, Engels ficou aos cuidados de Louise Kautsky (ex-mulher de Karl Kautsky), logo após o falecimento de Nim (Helene Demuth), no dia 5 de novembro de 1890, último elo geracional com o casal Marx, pois Nim era a secretária da família.

Sobre a efervescência política do momento, nosso militante chega a admitir sua convicção diante da necessidade de um estágio democrático intermediário no caminho do socialismo, adequando sua estratégia política a uma era de democracia de massa, já que o capitalismo se mostrava mais resistente que Marx e Engels haviam imaginado, para Hunt (2010, p. 377): “A diferença de 1891 foi que Engels agora achava que os partidos socialistas democráticos podiam ir direto para o poder por meio das urnas, sem ter de suportar o interlúdio do governo burguês que havia parecido necessário nos dias reacionários, feudais de 1848”.

As mudanças nas circunstâncias levaram Engels a acreditar que a democracia, embora mais lenta e menos romântica que a revolução, poderia ser via de acesso, mas sempre defendendo o direito moral dos socialistas de usar a força. Nesse ínterim, sua voracidade pela leitura o levou até aos estudos sobre a história da Igreja Cristã primitiva nos últimos tempos do Império Romano, no que escreveu um texto sobre o livro das Revelações, segundo ele, no texto *Contribuição para a história do Cristianismo Primitivo* (1895). Engels retoma um ponto tocado em *As Guerras Camponesas na Alemanha* (1850), considerando que o cristianismo se apoderou das massas como o socialismo moderno, ou seja, a percepção das massas na transformação social, e chega até a, de certa forma, atribuir certo crédito ao evangelho social de Jesus.

Em meio aos debates e viagens, o ponto alto na jornada de Engels, após o falecimento de Marx, ocorre em 12 de agosto de 1892, em Zurique, quando, no congresso da Segunda Internacional, foi recebido por uma enxurrada de aplausos, mas mesmo assim sua humildade sobressai ao mencionar seu parceiro Marx.

Depois de Zurique, Engels passou por Viena e concluiu sua viagem em Berlim, quando, aos 73 anos, o jornal *Vorwärts* lançou uma nota recepcionando-o. Lá, com os companheiros pode discutir novas estratégias de luta, e, cético em relação ao sistema militar, se mostrava agora insistente quanto ao alistamento em massa, como instrumento democrático

ainda mais eficaz que o voto, dadas as acumuladas experiências e estudos sobre a ciência militar, que, segundo Krätke (2022, p. 54), partem do alistamento militar e atravessam “[...] desde as barricadas em Elberfeld e a insurreição em Baden até a sua fuga da polícia através da França e da Suíça”.

Com a saúde cada dia mais debilitada, em março de 1895, Engels foi diagnosticado, por Freyberger, com um câncer agressivo no esôfago e na laringe. No final de julho, seu estado se agravou, o que o levou a concluir seu espólio nos seguintes termos:

O espólio de Engels devia ser dividido em oito partes, com três para Laura Lafargue, três para Tussy e as duas restantes para Louise Freyberger. [...] O mais importante de tudo foi que Engels satisfizesse os desejos das filhas de Marx em relação aos papéis de seu pai: além de todos os seus manuscritos e correspondência familiar deverem ser entregues a Tussy na condição de sua executora literária, ele também deu ordens para que lhes fossem entregues todas as cartas enviadas a Marx que estavam em seu poder. Suas próprias cartas de correspondentes conhecidos deviam ser entregues a eles, e o resto, a seus executores literários, August Bebel e Eduard Bernstein. Além disso, Engels destinou mais £1 mil a Bebel e Paul Singer como fundo para ajudar os candidatos do SPD às eleições. Seu irmão Hermann recebeu um quadro a óleo do pai (Hunt, 2010, p. 388-389).

Em agosto, Engels ingeria apenas líquidos, perdendo e recuperando a consciência constantemente, e já não conseguia mais falar, mesmo assim conseguiu revelar a identidade do verdadeiro pai de Freddy Demuth, filho da governanta da família Marx, ou seja, declarou a Tussy a paternidade de Marx. E, por volta das 22h de 5 de agosto de 1895, o General havia falecido. O funeral não conseguiu se resumir a uma reunião íntima e privada, tal como o falecido almejava, pois, a notícia acabou vazando e quase oitenta pessoas compareceram, mas, conforme planejado, foi cremado e suas cinzas jogadas ao largo de Beachy Head. Ainda no funeral, um de seus sobrinhos, ao lado do caixão, exaltou o altruísmo e amabilidade do tio no trato com a família, mesmo com as divergências políticas. Seu testamento confirmava que:

Había expresado el "resuelto deseo" de que sus restos mortales fuesen incinerados y las cenizas lanzadas al mar lo antes posible. Esta determinación era no dejar ni una posibilidad de un "culto de héroes". Sus exequias debían ser estrictamente privadas y que sólo asistieran a ella su íntimo círculo personal y familiar. Al sencillo acto celebrado ante su cuerpo, antes de ser trasladado al crematorio de Woking (en la estación Westminster Bridge del South Western Railway) sólo asistieron unas ochenta personas. Pronunció unas palabras un sobrino de Engels; luego Samuel Moore en nombre de los amigos; Bebel en nombre del partido alemán y austriaco; Lafargue por el francés; Vera Zasulich y Stepniak; Valera por los italianos. Solamente los Aveling (Eduard y Eleonor Marx), el sastre Lessner y Bernstein acompañaron las cenizas hasta Eastbourne, su lugar en la costa preferido y, en una barca, a unas cinco millas marítimas de Beachy Head, arrojaron la urna al mar.

Según las biografías soviéticas, en un lugar cerca de Istborn. Era un día muy depresivo, plomizo y lluvioso ³²(Varela, 2020a, p. 18-19).

Desse modo, o corpo de Engels foi cremado e as cinzas jogadas ao mar, conforme havia pedido, pois segundo Mayer (2020, p. 291), “Somente os Aveling, Lessner e Bernstein viajaram para Eastbourne e, como Engels tinha pedido, jogaram sua urna no mar acerca de quilômetros de Beachy Head. Era um dia tempestuoso de outono”.

É assente o fato do quão é desafiador escrever sobre a vida de Engels, uma personalidade tão multifacetada e autodidata, contudo, por vezes, esquecido, subestimado ou criticado. Apesar de Engels manter-se movido por entusiasmos científicos, por sua crença no progresso racional e fervor pelo avanço tecnológico, nosso revolucionário sempre preservou elementos tanto da tradição do socialismo utópico (contraposto por ele e Marx) quanto da herança protestante, renegada ainda na adolescência, o que nos mostra também a atualidade do pensamento de Engels, no que podemos o considerar como homem de ação, já que não se contentava em apenas tomar ciência da ocorrência dos fenômenos. Levando sempre em conta que antes da argumentação há a ação, o que apurou, ao longo dos anos, sua sensibilidade para os pontos de tensão existentes nos movimentos históricos.

Lênin, por exemplo, na esteira de Engels considerava inconcebível compreender o marxismo e propô-lo sem levar em conta toda a obra de Engels. Para este entendimento, quem o auxiliou foi o exilado russo que era líder do grupo Emancipação do Trabalho, Georgi Plekhanov, pois este, muitas vezes, recorreu a Engels em busca de assessoria filosófica e estratégica sobre a maneira mais eficaz de implementar o marxismo em sua nação.

Outro ponto importante sobre Plekhanov é que este conseguiu assimilar de Engels a compreensão do marxismo como sistema teórico completo capaz de explicar a história, a ciência natural, a economia e, sobretudo, a ação política. Segundo Hunt (2010, p. 396):

Plekhanov foi o primeiro a definir a filosofia do marxismo como "materialismo dialético", termo com o qual designava uma visão de mundo rigorosa baseada na aplicação da dialética de Hegel por Marx e Engels. Com sua descrição minuciosa

³² Ele havia expressado o "desejo firme" de que seus restos mortais fossem cremados e as cinzas lançadas ao mar o mais breve possível. Essa determinação visava impedir qualquer possibilidade de um "culto aos heróis". Seu funeral seria estritamente privado, com a presença apenas de seu círculo pessoal e familiar mais próximo. A cerimônia simples realizada diante de seu corpo, antes de seu traslado para o crematório em Woking (na estação Westminster Bridge da South Western Railway), contou com a presença de apenas cerca de oitenta pessoas. Um sobrinho de Engels discursou; em seguida, Samuel Moore em nome de seus amigos; Bebel em nome dos partidos alemão e austríaco; Lafargue pelos franceses; Vera Zasulich e Stepniak; e Valera pelos italianos. Apenas os Avelings (Eduard e Eleanor Marx), o alfaiate Lessner e Bernstein acompanharam as cinzas até Eastbourne, seu local preferido no litoral, e, em um barco, a cerca de cinco milhas náuticas de Beachy Head, lançaram a urna ao mar. De acordo com biografias soviéticas, o evento ocorreu em algum lugar próximo a Istborn. Era um dia muito deprimente, nublado e chuvoso. (tradução nossa)

das contradições, mudança quantitativa e qualitativa e a negação da negação, o materialismo dialético parecia oferecer um mapa político claro para os revolucionários russos.

Em contraponto ao esclarecido, o marxismo passou a ser utilizado de forma doutrinária e dogmática por Stalin. De forma distorcida, passou a servir de ferramenta de terrorismo e controle total, tendo como documento norteador o *Short Course*. Logo, não podemos culpabilizar Marx e Engels pelos feitos de agentes históricos que posteriormente agiram em nome deles, e, por isso, podemos admitir que:

Há um vasto fosso filosófico entre o "engelismo" e o stalinismo, entre uma visão aberta, crítica e humana do socialismo científico e um socialismo científico destituído de qualquer preceito ético. Como afirma o filósofo John O'Neill, o socialismo de Engels não tem uma ligação necessária com o marxismo estatal do século XX, uma vez que o vínculo depende da adoção, por Engels, de uma concepção dogmática da ciência comprometida a certeza metodológica" e a "ortodoxia doutrinária" - e Engels repudiou ambas quando se tratava de investigação científica e materialismo dialético (Hunt, 2010, p. 402).

Importa, aqui, mencionar as evidências de posturas opostas às usadas durante o stalinismo, pois Engels, ao longo de sua história de vida, sempre instigou a mudança, a transformação, questionamento e o repensar de ideias, buscando conhecer novas tendências, ao contrário da rigidez e ortodoxia defendida por Stalin.

Nesse campo de imputação a Engels a classificação de revisionista, cabe o esclarecimento expresso nas cartas de Eleanor ou Tussy (filha caçula de Marx) sobre a situação em que ficou o legado de Engels e Marx:

No fim de sua vida, foi Bernstein quem inquietou Eleanor que via, com melancolia, a subida das águas do "revisionismo". Apesar de manter a confiança total no homem e na sua lealdade – Ede é um amigo fiel, nem um pouco dado a intrigas, Tussy deplora o pessimismo crítico ao qual ele se abandona, após a morte do General. "O *Vorwärts* cai cada vez mais sob a influência de Bernstein, e seus artigos desanimadores não são nem um pouco oportunos. Evidentemente, uma atitude crítica é necessária e útil. Mas, há momentos em que um pouco de entusiasmo, ainda que sem muito espírito crítico, tem mais valor. A posição de Bernstein é nefasta para o movimento (...) Sua atitude é indefensável (...). Infelizmente, agora que não temos mais o General, não há mais ninguém que possa ter influência sobre Bernstein e fazê-lo cair em si", escreve Eleanor em sua última carta em que tudo vacila. (Perrot, 2005, p. 75)

Comprovando assim a indisposição do grupo de "marxistas" levarem, na mesma sintonia de Engels e Marx, o engajamento revolucionário adiante após a morte destes, pois o que se confere são apenas lutas de frações de poder em torno da redação de jornais e das delegações de congressos deixando à deriva a formação e movimento revolucionária da classe trabalhadora.

Foi no início da década de 1920 que, com o chamado marxismo ocidental, Engels passou a ser alvo de críticas, como a de que foi responsável pela naturalização da história e do positivismo no marxismo. Tais alegações se sobressaíram em Lukács, com a obra *História e consciência de classe* e a de Korsch, com *Marxismo e filosofia*. As críticas focavam principalmente nas obras *Anti-Dühring* e *Dialética da natureza*, nas quais os citados filósofos se opunham à contribuição teórica de Lenin, Rosa e Bukharin, na II Internacional, que, por sua vez, apoiavam a cientificidade do marxismo em detrimento dos anteriores o marxismo aos limites da filosofia.

Vale destacar que, posteriormente, Lukács toma posição em acordo às descobertas de Engels e confirma a concordância de Marx diante dos achados importantes para a confirmação da dialética na natureza, por meio das cartas trocadas entre eles em dezembro 1859 e 1860, tal como ilustrado:

Eis o que Engels escreve a Marx: “Ademais, te direi que Darwin, que estou lendo no momento, é verdadeiramente magnífico [...] jamais havíamos assistido a uma tentativa tão grandiosa de demonstrar o desenvolvimento histórico da natureza, quanto mais não seja, com tanto êxito”. E Marx, por sua vez, em termos parecidos se expressa em carta a Engels: “Embora escrito em inglês tosco, este é o livro em que se encontram os fundamentos de nossa concepção no terreno da história natural” (Lukács, 2020, p. 591-592).

A passagem confirma a concordância entre Marx e Engels acerca da dialética da natureza e a relevância das descobertas de Darwin nesse sentido e, ainda assim, em divergência, outros pensadores imputam a Engels o chamado darwinismo social de uma sociologia evolucionista, determinista e que, por meio da legalidade natural, justifica a opressão, a desigualdade e a exploração, a fim de resignar as pessoas diante do destino capitalista, eliminando tanto o fator econômico e o social, como Mota (2021, p. 74) cita no artigo “[...] de Leszek Kolakowski «O marxismo de Marx, o marxismo de Engels» no qual afirma peremptoriamente que a obra de Engels seria totalmente adversa à de Marx”, no qual responsabiliza Engels pela ortodoxia stalinista, de ser mecanicista e evolucionista, sobretudo, de que haveriam diferenças abissais de Marx, sendo compreendido por Kolakowsky como humanista e praxológico, em detrimento de Engels cuja “[...] interpretação tecnológica do saber contra a epistemologia da práxis”.

Sobre os pontos nevrálgicos que emergem em comum entre os opositores, se coloca na incongruência de Marx, que, mesmo com escrita conjunta a Engels, não expôs tais diferenças, além da interpretação dos escritos de juventude de Marx, como se não houvesse outra natureza a não ser a submetida à práxis humana, o que nos leva a compreender, junto com Mota (2021), que tal entendimento delimita a concepção de Marx a um comunismo

normativo e utópico, que, na versão oposta de Sebastiano Timpanaro, se encaixa nas correntes idealistas do marxismo, consideradas por ele, bem como por Barata-Moura (1986) e Sousa Junior (2021), como correntes de deformação do marxismo, ao entenderam o pensamento como práxis.

Como evidências materiais de contraponto a esta visão equivocada dos autores mencionados, temos a composição extraída do *Anti-Dühring*, o texto *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (1886), além das correspondências trocadas com Bloch, Schmidt e Borgius, que, por sua vez, se opõem a esses rótulos simplificadores endereçados a Engels, ao convergirem aos argumentos usados por Marx na compreensão da unidade na diversidade, conforme nos aduz o texto d' *Una sola concepción científica de la naturaleza: la concepción materialista*:

Pero en esa misma época, la ciencia empírica tomó tal desarrollo y alcanzó tan brillantes resultados, que no sólo fue posible superar totalmente la unilateralidad mecanicista del siglo XVIII, sino también que la ciencia, mostrando en la naturaleza misma la presencia de conexiones entre los diversos campos de investigaciones (mecánica, física, química, biología, etc.), se transformó de ciencia empírica en ciencia teórica y, por la síntesis de los resultados alcanzados, en un sistema de conocimiento materialista de la naturaleza ³³(Justo, 2000, p. 174).

Posto que, ao todo interligado pertence a um sistema de conhecimento materialista da natureza em que seus elementos possuem autonomia relativa e determinação recíproca das estruturas e/ou ciências, a existência e papel do acaso histórico ao processo e da prioridade ontológica da práxis (como atividade material transformadora necessária ao humano para a sua evolução como ser diferenciado do meio desde os primórdios da existência humana).

Como reforço ao nosso argumento, tem-se as composições expressas em Lukács na obra *Para uma Ontologia do ser social* (1971), bem como em obra posterior tal como nos ilustra o trecho:

Vemos aqui a oposição aguda entre a influência progressista e a influência reacionária do darwinismo. Enquanto as descobertas de Darwin ajudaram Marx e Engels a compreender a natureza e a sociedade como um grande processo histórico unitário, o darwinismo social destrói teoricamente a concepção de uma história geral unitária da humanidade conquistada pela ciência burguesa progressista. (Lukács, 2020, p. 598).

³³ Mas, ao mesmo tempo, a ciência empírica passou por um desenvolvimento tão grande e alcançou resultados tão brilhantes que não só foi possível superar completamente a unilateralidade mecanicista do século XVIII, como também a ciência, demonstrando na própria natureza a presença de conexões entre os diversos campos de pesquisa (mecânica, física, química, biologia, etc.), transformou-se de ciência empírica em ciência teórica e, por meio da síntese dos resultados obtidos, em um sistema materialista de conhecimento da natureza. (tradução nossa)

Isto fortalece o entendimento da existência da natureza, independente do humano logo da filosofia, já que tudo é produto da natureza e esta não depende da representação da consciência humana para existir.

Em síntese, sua compreensão de mundo apreendia a partir da dialética a luta de classes global, bem como a necessidade do desaparecimento gradual do Estado, a liberação da humanidade para a formação de um suposto paraíso operário de transformações sociais, por meio de um movimento revolucionário que não se decreta, mas que a cada dia se torna necessário como forma de encontrar saída para o antagonismo e as contradições referidas. Ademais, promoveria a realização humana e o exercício pleno da sexualidade, que, certa vez, chamou, em *Anti-Dühring* (1877), de salto do reino da necessidade para o reino da liberdade.

5 A FORMAÇÃO HUMANA EM ENGELS

“[...] começa o desenvolvimento das forças humanas como um fim em si mesmo, o reino genuíno da liberdade, o qual só pode florescer tendo como base o reino da necessidade. E a condição fundamental desse desenvolvimento humano é a redução da jornada de trabalho” (Marx, 2008, p. 1083-1084).

A epígrafe acima dialoga e recorda os caminhos percorridos ao longo desta pesquisa, que se iniciaram com o projeto de dissertação de mestrado, cujo título continha “do reino da necessidade ao reino da liberdade”, citação extraída do Livro 3, d’ O Capital, elaborada por meio do poder de interpretação, compreensão e concisão de Friedrich Engels ante os manuscritos fragmentados deixados por Karl Marx.

A passagem “do reino da necessidade ao reino da liberdade” informa sobre o processo de formação humana que, por sua vez, atravessa as obras de Marx, Engels e seus intérpretes, conforme demonstrado ao concluirmos a escrita dissertativa naquele ano. Cabe ainda mencionar que durante a pesquisa dissertativa acentuaram-se as leituras das obras com assinatura exclusiva de Engels, embora saibamos da sintonia na escrita dos companheiros.

Perfazendo uma reflexão sobre o assunto temos que o trabalho por si só não é suficiente para conduzir homens e mulheres aos níveis mais elevados da condição humana livre e plena; ele é uma condição necessária, mas não suficiente. Isso ocorre porque a transformação radical da vida social não se realiza apenas por meio de alterações superficiais, mas exige a criação e o desenvolvimento do “reino da liberdade”, que só pode emergir a partir de mudanças concretas no “reino da necessidade”.

Essas mudanças incluem o desenvolvimento das forças produtivas, que serão capazes de reduzir objetivamente o tempo dedicado ao trabalho e a reorganizar as relações de produção, de modo a garantir condições de vida e trabalho dignas e compatíveis com a natureza humana; além disso, possibilitar a todos usufruir plenamente dos frutos da produção, bem como ampliar o tempo livre para o desenvolvimento humano.

A superação do “reino da necessidade” emerge, evidentemente, a partir do próprio reino da necessidade. No entanto, o que sustenta e impulsiona esse avanço rumo a uma nova forma de vida são sempre as atividades práticas e materiais de transformação, ou seja, continua sendo a práxis que move o desenvolvimento humano.

Com ênfase à elaboração citada em epígrafe, por sua vez extraída dos alfarrábios de Marx e aperfeiçoada por Engels, é que destacamos a expressão *desenvolvimento humano* e aqui nos alinhamos à visão materialista-dialética de Sousa Junior (2022, p. 107):

Entender o homem/mulher como ser que se faz a si mesmo como ser prático, pela sua práxis e que, nesse sentido, não é resultado nem de uma força divina superior, nem de meras determinações biológicas, representava nos tempos de Engels - e não menos hoje em dia - uma posição extremamente avançada tanto teórica quanto politicamente. [...] Sim, o trabalho é a práxis que realiza o metabolismo do homem/mulher com a exterioridade no qual se dá o desenvolvimento humano. Da mesma forma, Engels incorpora, porém avançando para além dela, a tese dos economistas clássicos, nomeadamente de Adam Smith, que postularam o trabalho e não mais a terra ou o entesouramento como o fundamento da riqueza econômica.

O desenvolvimento humano, aqui mencionado, corresponde à consequência das práticas concretas promotoras de transformações no mundo material sobre o qual se realiza o processo de autotransformação humana. Continuando com esse propósito de reflexão, temos que este corresponde ao processo de evolução humana no fazer-se humano, logo, vai de encontro às teorias que alegam serem naturalmente dados ou pré-existentes os reinos mineral, vegetal e hominal. Partindo desse pressuposto, podemos destacar a contribuição de Engels para a ciência, que traz o desenvolvimento humano como resultado de um processo evolutivo, partindo da dialética presente no reino natural e hominal, interpretando-a como processos de manifestações contínuas e evolutivas de necessidades, sendo que a cada saciamento emerge a liberdade presentificada na catarse do alcance, no suprimento da necessidade humana, e que por sua vez, passa pela mediação da práxis.

Segundo a perspectiva defendida por Friedrich Engels, em *Dialética da Natureza*, os fundamentos da dialética da natureza e aqui tomemos a natureza em seu sentido amplo, ou seja, que incorpora o ser humano, temos que esta apresenta três princípios fundamentais a saber: o primeiro afirma que mudanças quantitativas, quando acumuladas, podem gerar transformações qualitativas, e o inverso também pode ocorrer. O segundo destaca que todos os fenômenos envolvem forças opostas que se relacionam e, a partir dessa tensão, produzem movimento e transformação contínua. O terceiro indica que cada etapa do desenvolvimento supera a anterior, mas ao mesmo tempo cria novas contradições, dando continuidade ao processo.

Logo, a perspectiva dialética entende a realidade como uma totalidade concreta. Isso significa que os elementos que compõem o todo não existem de forma isolada, mas em constante relação entre si e com o conjunto. Assim, não é possível compreender o todo apenas analisando suas partes separadamente, pois o próprio todo se forma e se transforma por meio das relações entre essas partes.

Por isso, um princípio fundamental da dialética é que os fenômenos não devem ser analisados apenas de maneira isolada, mas dentro de sua totalidade. Essa abordagem busca responder como as coisas se constituem e se relacionam, partindo da ideia de que tudo está

conectado. Esse princípio, muitas vezes chamado de conexão universal, indica que há uma ação recíproca entre os elementos da realidade. Outro ponto importante é que tanto a afirmação quanto a negação são superadas em um processo contínuo, dando origem a uma síntese. Esse movimento é conhecido como negação da negação. Na realidade, isso pode ser observado em exemplos simples: a vida gera a morte, o calor só faz sentido em relação ao frio, e do antigo surge o novo.

Disso, podemos admitir que, na natureza, as mudanças qualitativas não acontecem de forma isolada, mas resultam do acréscimo ou da retirada de matéria ou movimento, ou seja, de alterações quantitativas. Além disso, a presença de contrários garante que a transformação seja constante e ininterrupta. Já a ideia da negação da negação mostra que cada síntese alcançada se torna ponto de partida para uma nova oposição, mantendo o desenvolvimento em curso.

Tocante ao primeiro fundamento, a reflexão feita foi acerca da transformação da realidade não como uma repetição contínua do mesmo. O novo surge a partir do acúmulo de mudanças quantitativas que, em determinado momento, provocando uma alteração qualitativa. Um exemplo clássico é o da água: ao ser aquecida, sua temperatura aumenta gradualmente (mudança quantitativa), até que atinge um ponto em que ocorre a ebulição, caracterizando uma mudança de estado (mudança qualitativa). Esse processo foi descrito por Friedrich Engels como a passagem da quantidade para a qualidade.

Sobre a unidade e luta de contrários, a mudança só é possível porque, em tudo o que existe há forças opostas atuando simultaneamente. Essas forças estão em relação de unidade e conflito, o que gera transformação. Essa contradição não é um erro lógico, mas uma característica real e presente em todos os fenômenos, sejam naturais, sociais ou do pensamento. Estudiosos posteriores aprofundaram essa ideia, mostrando que os opostos coexistem dentro de uma mesma estrutura e dependem um do outro para existir. Um exemplo clássico é a relação entre classes sociais em que grupos diferentes se definem mutuamente.

Por tudo isso podemos afirmar que esses princípios podem ser aplicados tanto à natureza quanto à sociedade e ao conhecimento humano. Por isso, a dialética materialista passou a ser entendida como um método amplo de interpretação da realidade, desenvolvido a partir das contribuições de autores como Karl Marx e Friedrich Engels. Seu estudo pode enfatizar a importância de se entender a dialética a partir de suas três dimensões: aplicada à natureza, à sociedade e ao próprio processo de conhecer, pois, articulando elementos objetivos e subjetivos em diferentes graus, podemos melhor compreender a totalidade.

Engels realizou essa travessia a fim de facilitar a compreensão dos leitores quanto ao processo de formação humana, iniciando do mais complexo, o sistema capitalista, ao mais simples, mas não menos importante, os primeiros hominídeos, portanto, do texto *Esboço de uma crítica da economia política* ao *Papel do Trabalho na transformação do macaco em homem*; este, como parte dos extratos de *Dialética da natureza*. Seus estudos pormenorizados deixaram marcas que até hoje registram um legado, citado por muitos autores de nosso tempo, com destaque aos temas da ciência e a dialética materialista ao desvelamento do processo de formação humana, contudo, um legado, muitas vezes, posto ao largo da história e declarado como segundo violino.

Nesse sentido, surgiu a emergência da escrita do projeto de tese colocando Friedrich Engels em seu merecido lugar, de mais que um segundo violino, e desta feita, evidenciar as contribuições deste para o tema da formação humana, posto que Engels deixou algo próprio, original, sobre a compreensão materialista-dialética da formação humana, tanto em sua produção singular quanto em elaboração conjunta com Karl Marx, de invectiva pessoal à dialética humana e da natureza, do conhecimento científico ao funcionamento do metabolismo natural, social, bem como da interrelação entre ambos. Logo, o passo adiante na dialética, dado por Engels, está na sua aquisição do status filosófico e científico.

Esse movimento dialético percebido na materialidade da vida foi refletido na mente de Engels e demonstrado por meio da representação através da linguagem. Produto desse trâmite foi a elaboração de suas obras, posto que, assumindo a dialético com enfoque materialista, não percorreu uma linearidade histórica, nem fechos circulares, mas assumiu uma aspiral dialética de compreensão do processo de formação humana, admitindo que, a cada volta, a vida foi sofrendo induções evolutivas.

Desse modo, podemos observar a evolução conceitual do autor quanto ao entendimento do funcionamento do sistema capitalista ao compararmos o *Esboço de uma crítica da economia política* ao *Anti-Dühring*, quanto ao esclarecimento do tipo de pesquisa a partir do materialismo dialético ao consultarmos *Do socialismo utópico ao socialismo científico* e *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*; do complexo ao elementar ao examinarmos: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* e *Papel do Trabalho na transformação do macaco em homem*.

Em relação às aquisições conceituais, adquiridas juntamente com Marx, que contribuíram fortemente para a compreensão dos fundamentos ontológicos do processo de

formação humana, temos a valorização da perspectiva histórico-social da práxis, especificamente do trabalho, como central à formação humana, que, por meio da produção de ferramentas, desenvolvimento da linguagem e reciprocidade social e intelectual na coletividade humana, teve como resultante a criação dos laços colaborativos entre os pares. Sobre as consequências do rebatimento do trabalho para o desenvolvimento do cérebro e da linguagem, podemos citar as afirmações de Engels, posteriormente recuperadas por Vygotsky (2008, p. 60):

Engels escreveu que o homem e os animais têm as mesmas formas de atividade intelectual, e que somente o seu grau de desenvolvimento difere: os animais são capazes apenas de raciocinar em um nível elementar, de analisar (quebrando um nó e um início de análise), de experimentar quando se deparam com um problema ou situação difícil. Alguns animais, como o papagaio, por exemplo, não só podem aprender a falar, mas também usar palavras que carecem de significado, em um sentido restrito: quando querem algo, usam as palavras como se fossem ser recompensados com um petisco; quando importunado, ele profere insultos mais fortes do que seu vocabulário. É desnecessário dizer que Engels não atribuiu aos animais a capacidade de pensar e falhar ao nível humano.

Desta feita, a passagem reforça a compreensão do processo de formação humana de forma ontológica, portanto, de hominização e humanização, pois, ao assumirmos tal encaminhamento, tomamos o trabalho como práxis fundante e, nesse sentido, endossamos a compreensão de Sousa Junior (2021, p. 229), que considera relevante a compreensão da centralidade da categoria práxis dentro da abordagem materialista dialética, com destaque às formulações de Kosik e do Lukács (maduro), frente ao reconhecimento da esfera social como criação da práxis humana, e, portanto, “[...] mediante realidades objetivas existentes, a práxis nada cria, apenas transforma”.

Assim, foi através do contato com o mundo prático, por meio das vivências humanas, que surgiu a necessidade de explicar as ocorrências reais e os sujeitos concretos imersos nestas, bem como as contradições que atravessavam os processos, enfim a objetividade humana em sua dinâmica dialética, o que despertou o interesse de pesquisa de Engels, pois, para ele, o trabalho cria o próprio ser humano ao tempo que cria um mundo de riquezas.

Seguindo com o estudo, ao retomarmos as contribuições do húngaro e do tcheco, na esteira de Marx e Engels, podemos compreender a materialidade em sua totalidade³⁴ como unidade de complexos que, a partir do metabolismo prático da humanidade com a materialidade anterior ao ser social (realidade natural) e da práxis frente a realidade humano-

³⁴ Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual um fator qualquer (classes de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido (Kosik, 1976, p. 44).

social, verificar a produção de novas materialidades pelo ser social. A propósito dessa discussão, Kosik (1976, p. 23) nos ilustra:

A diferença entre a realidade natural e a realidade humano-social está em que o homem pode mudar e transformar a natureza; enquanto pode mudar de modo *revolucionário* a realidade humano-social porque ele próprio é o produtor *desta última* realidade.

Por entendermos dessa maneira, cabe pontuarmos o trabalho como a práxis primeira que funda a existência humana e simboliza o marco de garantia desta, a partir do suprimento da primeira necessidade, ou seja, a sobrevivência. A partir deste ponto é que emergem novas necessidades de onde surgem outras atividades distintas da práxis primária, mas que são tão necessárias quanto ela ao desenvolvimento humano e dentre estas podemos destacar educação, política, economia etc.

Sobre a educação, entendida como formação humana em um sentido amplo, ou seja, que ultrapassa a mera instrução escolar, podemos afirmar que esta não se limita a ocorrer dentro de instituições específicas. Trata-se de um processo que se concretiza na própria práxis humana, por meio das diversas formas e expressando o desenvolvimento do ser humano no movimento prático de criação e produção de objetivações.

Com esse entendimento, podemos afirmar que o complexo da educação se desenvolve simultaneamente ao surgimento e à intensificação dos antagonismos de classe, sendo, na realidade, gerado por essas contradições. Logo, a educação, enquanto formação humana, constitui um elemento fundamental e inerente a toda práxis humana desde seus primórdios.

A partir dessa compreensão, torna-se indispensável reconhecer que a práxis constitui o fundamento de todo processo educativo, pois sem perder a noção de totalidade cabe saber que a práxis ocorre independentemente do contexto, seja no ambiente produtivo, na atuação política em partidos e sindicatos, nos movimentos sociais ou no espaço escolar, por exemplo.

Nesse sentido, podemos compreender o espraiamento de novas necessidades de realizações existenciais humanas que, por sua vez, já não são respondidas apenas pela práxis produtiva, mas pelo suprimento das novas necessidades que fazem surgir outras modalidades da práxis, para além da práxis laborativa. Segundo esse ponto de vista, nos colocamos alinhados com o pensamento de Sousa Junior (2021), ao examinar a práxis, incluindo o trabalho como mediação objetiva concreta que envolve o sujeito e a realidade objetiva externa, podendo ser natureza ou sociedade.

Dito isto, em concordância com Lukács (2018, p. 62), pontuamos a práxis laborativa como modelo de toda práxis social, ao considerarmos a práxis produtiva, ingrediente de mediação entre o ser humano e a natureza, conforme nos expõe o húngaro:

Mais importante, porém, é deixar claro o que distingue o trabalho nesse sentido das formas mais desenvolvidas da práxis social. Nesse sentido originário e mais restrito, o trabalho é um processo entre atividade humana e natureza: seus atos estão orientados para a transformação de objetos naturais em valores de uso. Nas formas ulteriores e mais desenvolvidas da práxis social, destaca-se em primeiro plano a ação sobre outros homens, cujo objetivo é, em última instância – mas somente em última instância –, uma mediação para a produção de valores de uso.

Assim sendo, se aprofundarmos o assunto da práxis social no processo de formação humana, podemos considerar que Engels, principalmente no último período de sua vida, se esforçou em difundir a dialética materialista e a nova concepção de história e sociedade com a finalidade de compreender o processo de formação humana, tal como afirma em seu texto *O papel do trabalho na hominização do macaco*, que

Em suma, o animal apenas *usa* a natureza exterior e, por sua simples presença, causa modificações nela; o ser humano a põe a serviço de seus fins por meio das modificações que introduz nela; ele a *domina*. E essa é a última diferença essencial entre o ser humano e os outros animais, e novamente é o trabalho que faz essa diferença (Engels, 2020, p. 347).

Nesse sentido, as pesquisas de Engels conquistaram avanços nas ciências humanas e da natureza em que podemos destacar *Anti-Dühring* e *Dialética da Natureza*³⁵ desde a descoberta da célula às pesquisas sobre magnetismo e eletricidade, além da teoria da evolução de Charles Darwin.

Em consonância com a passagem anterior de Engels, Lukács reforça a prioridade ontológica do trabalho e a importância das novas expressões da práxis junto ao processo de transformação da materialidade e autotransformação humana. Por entender dessa maneira, fazemos a defesa de que a materialidade existente é composta por esse conjunto de práticas humanas transformadoras a partir da relação dialética entre a vontade e as circunstâncias.

Acreditamos, por suposto, que compreender e explicar as questões reais e práticas, bem como as contradições vivenciadas pelos seres humanos que compõem essa totalidade material, representa um movimento necessário à autotransformação humana, pois nem toda atividade humana pode se definir como prática e materialmente transformadora. Apenas para ilustrar essa discussão, apresentamos um trecho de Lukács (2004, p. 81):

³⁵ Manuscritos elaborados entre 1878 e 1882, mas publicados apenas 1925, em russo e alemão, por David Riazanov.

El hecho de que aquí hayamos presentado al trabajo como forma originaria de la praxis, se corresponde plenamente con el espíritu de estas constataciones de Marx; incluso Engels ha visto, décadas más tarde, justamente en el trabajo el motor decisivo de la hominización del hombre.³⁶

A respeito dessa discussão, ainda sobre o surgimento da práxis e o processo de formação humana, temos, em Engels, que a garantida produção e reprodução da vida humana apenas é possível por meio das objetivações primárias oriundas da práxis produtiva (trabalho), sendo que, no decurso do tempo restante, surgem oportunidades à execução de outras expressões da práxis de cunho interativo, ou seja, não mais restrita à relação humano-natureza (sujeito/natureza), mas contando também com a relação entre os pares (sujeito/sujeito), ou seja, a práxis interativa entre os pares, tal como nos resenha Sousa Junior (2021, p. 416): “[...] todo trabalho é práxis, mas nem toda práxis é trabalho e nem todo saber ou conhecimento que se produz está diretamente vinculado à práxis produtiva”.

A propósito dessa questão, em diálogo com a perspectiva desenvolvida por Engels sobre o processo de formação humana, pontuamos que o conhecimento é adquirido por meio da práxis em suas diversas expressões da autotransformação humana, citada anteriormente, logo o mundo social foi se construindo, por sua vez, mediado pela capacidade e potencialidade humana criativa e autoprodutiva. Sendo assim, Engels assume a postura de realizar críticas aos preconceitos e idealismos que atravessavam a ciência de seu tempo, ao atribuírem os progressos da civilização exclusivamente à cabeça, ao desenvolvimento da atividade do cérebro, posto que Engels aventou nova possibilidade de entendimento não naturalista da formação humana.

Pela ação conjunta da mão, órgãos da fala e cérebro não só em cada indivíduo mas também na sociedade, os humanos se tornaram capazes de executar operações cada vez mais complexas, de propor-se e atingir metas cada vez mais elevadas. O próprio trabalho se modificou de geração em geração, tornando-se mais perfeito e mais multifacetado (Engels, 2020, p. 345).

Assumindo tal encaminhamento, Engels passou a compreender o movimento da atividade assentado em bases materialistas e entendido a partir de seu sentido objetivo, concreto e transformador. Portanto, não como algo constituído, mas em processo de construção e partindo desse pressuposto é que podemos nos apoiar em Barata-Moura (2010a, p. 10-11):

A partir da unidade material do real é igualmente possível pensar uma dialéctica, e

³⁶ O fato de termos apresentado aqui o trabalho como a forma original de práxis corresponde plenamente ao espírito dessas observações de Marx; mesmo Engels, décadas depois, viu no trabalho precisamente o motor decisivo da hominização do homem. (tradução nossa)

determinar dialecticamente todo um comportamento prático – materialmente transformador – dos homens e das classes sociais.

Foi esta a perspectiva fundamental por que Marx, Engels ou Lênine agarraram o legado filosófico hegeliano – criticando-o sem concessões nos seus pressupostos e nas suas implicações idealistas, mas também, do mesmo passo, valorizando-o e trabalhando-o no seu potencial de instrumento revelador e esclarecedor das vicissitudes retorsas do acontecer. Foi esta, pois, a direção materialista que eles imprimiram à dialética, na base de uma sua fundamentação e desenvolvimento igualmente materialistas.

Nesse sentido, a práxis e o materialismo dialético se entrelaçam para desvendar os liames do processo de formação humana, de modo que este legado engelsiano até nossos dias contribui junto aos estudos filosófico-antropológicos com viés de análise sócio-histórico. Logo Lênin reconheceu as descobertas de Engels para além de segundo violino, pois mesmo este tendo sido importante na parceria com Marx, Engels ainda foi responsável pela difusão e aplicação da dialética materialista aos campos da ciência e do conhecimento humano, conforme nos aduz Lênin (1979, p. 55-56):

Engels foi o mais notável sábio e educador do proletariado contemporâneo em todo o mundo civilizado. Desde o dia em que as circunstâncias juntaram Karl Marx e Friedrich Engels, a obra de toda a vida dos dois amigos tornou-se o fruto da sua atividade comum. Assim, para compreender o que Friedrich Engels fez pelo proletariado, é necessário ter-se uma ideia precisa do papel desempenhado pela doutrina e atividade de Marx no desenvolvimento do movimento operário contemporâneo.

Isso porque Engels desenvolveu e ampliou sua investigação sobre as ciências com objetivo de avançar na aplicação do materialismo dialético a pesquisas mais amplas como a natureza, a realidade e o próprio pensamento, dentro do processo de formação humana, o que nas palavras de Engels (1977) se assenta na necessidade da substituição do culto do homem abstrato pela ciência do homem real e de seu desenvolvimento histórico.

Desta feita nosso entendimento partiu do estudo da formação social considerada a “mais desenvolvida” (sociedade capitalista) para a forma “menos desenvolvida” (sociedades primitivas). Desse modo relacionando a práxis e a formação da sociedade podemos compreender que a práxis não é exclusividade de determinada classe ou modo de produção, mas condição para a existência humana e que analisando as atividades materiais transformadoras para além das que relacionam humano/natureza, ou seja, da práxis produtiva, podemos confrontá-la com outras modalidades de atividades que juntas compõem a totalidade.

Juntamente com tudo isso podemos verificar a evolução tecnocientífica e a agudização da luta de classes dentro da socialidade do capital, frente as contradições por sua vez trazidas pelo próprio sistema, mas que por meio delas vê-se a possibilidade de transformar essa realidade desigual. Nesse sentido a práxis revolucionária da classe trabalhadora, do

operariado, emerge como ingrediente essencial para a superação prática da realidade posta movidos por esse empreendimento reforçamos a palavra de ordem advinda dos revolucionários: “Proletários de todos os países, uni-vos!” (Marx; Engels, 2017, p. 66).

Engels, além de nos levar a conhecer essa jornada do processo de formação humana, ele nos apresenta, junto com Marx, a possibilidade da efetivação da práxis político-educativa-libertadora, que, por sua vez, irá promover a emancipação humana, pois, se esta não for educativa, não aventará a revolução. Engels e Marx defendem que o ser humano só alcança seu desenvolvimento completo quando deixa de viver em condições de alienação e quando desaparecerem os conflitos entre classes sociais, pois enquanto a sociedade continuar organizada com base na propriedade privada dos meios de produção, as pessoas não viverão plenamente sua humanidade.

Nesse contexto, a transformação do homem acontece por meio daquilo que Engels e Marx chamam de “práxis revolucionária”, ou seja, uma ação consciente e transformadora sobre a realidade, porque, ao agir sobre o mundo, o indivíduo também se transforma e, por isso, a educação não é algo que acontece de forma isolada. Logo, tanto quem ensina quanto quem aprende se desenvolvem juntos, por meio da práxis social e do trabalho. Assim, o indivíduo não nasce pronto, a pessoa se forma ao longo da vida, nas relações sociais e nas condições materiais em que vive.

O ser humano, ao produzir sua existência, se insere em relações sociais que não dependem apenas de sua vontade, mas também do modo como a sociedade está organizada economicamente. Essas relações formam a estrutura da sociedade e influenciam desde a política até as ideias e valores, pois suas ações estão ligadas à natureza, à sociedade e à história, ou seja, a formação humana ocorre em meio a contradições, já que, ao enfrentar e transformar a natureza, o ser humano cria cultura e se humaniza.

No início, homens, mulheres e natureza estão misturados e compondo a totalidade, mas, com o tempo, o ser humano passa a se diferenciar dela. Essa separação não acontece de forma tranquila, mas por meio de um conflito, e é, justamente, ao enfrentar e resolver esse conflito que o homem consegue dominar a natureza. Logo, é no conflito, na ação e na transformação da realidade que o ser humano se constrói.

Embora a natureza exista independentemente do ser humano, este não pode ser compreendido isolado da natureza. Existe uma relação de interdependência: o ser humano só se desenvolve porque interage com esse “outro”, que é a natureza, e é por meio da práxis, com destaque ao trabalho, que isso torna-se possível à medida que homens e mulheres transformam a natureza e criam um mundo humano, composto de objetos, cultura e

conhecimento. Ao produzir esse mundo, ele também se constrói como sujeito, ou seja, ao mesmo tempo em que transforma o ambiente ao seu redor, o homem transforma a si próprio.

Logo, o ser humano não pode se separar totalmente das coisas que produz. Mesmo quando parece se distanciar ou se opor a elas, essa relação continua existindo de forma dialética, ou seja, como uma relação de unidade e tensão ao mesmo tempo. Assim, homens e mulheres se tornam verdadeiramente humanos ao criarem um mundo que é resultado de sua ação, sem se confundir completamente com ele, mas também sem se desligar dele.

Além disso, é nessa relação de confronto com a natureza que o ser humano desenvolve suas capacidades, habilidades e sentidos. Ao transformar o mundo externo, ele também desenvolve suas forças internas. Logo, o conhecimento que temos da natureza não surge de forma passiva, mas é resultado dessa interação ativa numa espécie de luta contínua entre ser humano e mundo natural, ou seja, o texto sugere que há um processo duplo: ao mesmo tempo em que o homem humaniza a natureza (transformando-a por meio do trabalho), ele também se “naturaliza”, ou seja, se constitui como parte desse processo. Em outras palavras, homem e natureza se transformam mutuamente.

Agora, dando um salto, para chegarmos ao ponto mais tratado por Engels, em meio às transformações citadas, percebe-se que o capitalismo trouxe avanços importantes para a sociedade, principalmente porque ampliou a cooperação entre as pessoas e tornou a produção mais coletiva, pois, mesmo existindo exploração e alienação, esse sistema aumentou a interação social e influenciou profundamente a vida em sociedade.

Ao mesmo tempo, essa maior socialização criou as condições para que o próprio capitalismo seja superado. Nesse sistema, a riqueza aparece tanto na forma de mercadorias quanto como resultado do trabalho humano, o desenvolvimento da humanidade depende justamente de ampliar essa riqueza social, garantindo que todos tenham acesso aos bens e possam desenvolver suas capacidades. Por isso, o trabalho, especialmente na relação com a natureza, tem um papel educativo, pois contribui para o crescimento humano.

Retomando o passo é que evocamos a pertinência da práxis político-educativa frente ao processo de formação humana, tendo em vista que desde *Princípios do Comunismo* atravessando o *Manifesto Comunista* e a *Crítica ao Programa de Gotha*, a educação esteve fortemente presente, tanto na escrita de Engels quanto de Marx. Nesses textos, eles desenvolvem sua visão sobre a relação entre ensino e trabalho defendendo a ligação entre ambas, sendo assim, eles defendiam uma sociedade transformada pelos trabalhadores com garantia de ensino público, gratuito e acessível a todas as crianças ao tempo que criticavam o

trabalho infantil explorador e propunham integrar a educação com atividades produtivas.

Sobre o trabalho infantil, *Crítica ao Programa de Gotha*, reforça que a simples proibição do trabalho infantil não resolve o problema, porque o mais importante seria combinar o ensino com o trabalho desde cedo, o que ajudaria a transformar a sociedade. O trabalho, nesse sentido, não é apenas econômico, ele também contribui para o desenvolvimento físico, moral e social do indivíduo, além de estimular o aprendizado técnico e cultural. Por meio dele, o jovem se prepara para viver em sociedade de um modo geral a partir de uma práxis político-educativa.

Com o efeito de ampliar nossa exposição, consideramos que Engels, em diálogo com Marx, afirma que as causas profundas das transformações sociais não estão nas ideias isoladas, mas nas mudanças no modo de produção e de troca, por isso a defesa de superação da pedagogia burguesa, já que esta relaciona educação e prática, mas de maneira abstrata, sem considerar as condições reais da sociedade. Engels e Marx propõem o trabalho e o papel educativo concreto, a fim de superar a separação entre trabalho manual e intelectual por meio da união entre teoria e prática. Assim, sua proposta busca formar indivíduos completos, capazes de atuar em diferentes áreas da vida social.

Nesse sentido, tornou-se fundamental para Engels a compreensão do passado e do presente da sociedade, como também a interpretação da estrutura social, para que assim pudessemos entender como lutar para alcançar a emancipação humana e, para isso, Engels nos resenha o processo de formação em carta a Heinz Starkenburg, em 25 de janeiro de 1894:

Por las relaciones económicas, em las que otros vemos la base determinante de la historia de la sociedad, entendemos el modo como los hombres de una determinada sociedad producen el sustento para su vida e cambian entre sí los productos (em la medida em que rige la división del trabajo). [...] después de la disolución de la sociedad gentilicia, la division em clases también, y por conseqüente, las relaciones de cominación e sojuzgamiento, y com ello, el Estado, la Política, el Derecho, etc. Ademáz, entre las relaciones económicas se incluye también la base geográfica sobre la que aquéllas se desarrollan y los vestigios efectivamente legados por anteriores fases económicas de desarrollo que se han mantenido en pie, muchas veces sólo por la tradición o la vis inertiae, y también, naturalmente, el medio ambiente que rodea a esta forma de sociedad³⁷ (Labriola, A.; Engels, F; Lafargue, P.; Kaustky, K; Lenin, V. I., p. 41, 1973).

³⁷ Por relações econômicas, que outros consideram a base determinante da história da sociedade, entendemos a maneira como as pessoas de uma determinada sociedade produzem o sustento para suas vidas e trocam produtos entre si (na medida em que prevalece a divisão do trabalho). [...] Após a dissolução da sociedade gentil, surgiu também a divisão em classes e, conseqüentemente, as relações de dominação e subjugação, e com elas, o Estado, a Política, o Direito, etc. Além disso, as relações econômicas incluem também a base geográfica sobre a qual se desenvolvem e os vestígios efetivamente legados por fases anteriores de desenvolvimento econômico que sobreviveram, muitas vezes apenas por tradição ou inércia, e também, naturalmente, o ambiente que circunda essa forma de sociedade. (tradução nossa)

Para Engels, o trabalho foi responsável por ampliar o domínio de homens e mulheres sobre a natureza, transformando simultaneamente o próprio homem e suas relações sociais. Logo, para ele, a formação humana é compreendida como um processo histórico-social, vinculado às condições materiais de existência, e não como algo natural ou espontâneo.

Engels e Marx compactuam com o entendimento do trabalho como princípio fundante do ser social e atividade responsável por promover a transformação da natureza e do ser humano, ao que garante a subsistência humana e, ainda assim, é responsável por promover a articulação das dimensões manuais e intelectuais, que, por sua vez, definem a amplitude da formação humana em cada época.

Primeiro, o trabalho e, depois, a palavra articulada foram os principais estímulos para a transformação do cérebro humano e dos sentidos, ampliando na consciência a capacidade de abstração e o discernimento, posto que trabalho e linguagem tornaram possível o salto qualitativo das reflexões conscientes, ou seja, das relações sociais quando materializadas, que, por sua vez, reverberaram nos pensamentos dos seres humanos, que, para se comunicarem, utilizaram-se da linguagem, tal como Engels se refere no texto *Papel do Trabalho na transformação do macaco em homem* (1876). Esse processo explica a diferença essencial entre o ser humano e os outros animais, pois enquanto estes apenas utilizam a natureza, o homem a modifica e a domina por meio do trabalho. O que Sousa Junior (2021, p. 242; 245) nos resenha:

Nesse sentido, o desenvolvimento da linguagem tem como base material o aparelho fonador e o desenvolvimento da consciência têm como base material a existência física, orgânica do cérebro. [...] A linguagem, a consciência podem ser definidas como produtos da práxis assim como também são o mercado, a indústria, as máquinas, as tecnologias, o Estado e, por fim, o próprio sistema social do capital no seu todo, embora sempre como possibilidade real da materialidade uma.

Sobre esse assunto, Engels destaca as sociedades pré-classistas, ou seja, anteriores a cisão em classes sociais, nas quais o desenvolvimento do trabalho pôde multiplicar os casos de ajuda mútua e a atividade conjunta, que, por sua vez, fortaleceram a vida em sociedade. Frente a vida em sociedade, a partir desta perspectiva, destaca-se a divisão do trabalho, por se relacionar ao estágio de desenvolvimento das forças produtivas e levando em conta que cada etapa histórica corresponde a determinada forma de propriedade e de relações entre indivíduos, instrumentos e produtos do trabalho.

Avançando um pouco mais na discussão, ainda partindo dos estudos de Engels, cabe apontar que, para compreender a história e a sociedade, este investigou as condições materiais de produção e reprodução social. Isto posto, nos cabe reconhecer que a organização

específica do trabalho no capitalismo não vislumbra a efetivação de uma ordem social igualitária, nem uma perspectiva de libertação humana e, por isso mesmo, torna-se importante desnaturalizar a divisão social e sexual do trabalho. Esta preocupação foi desenvolvida por Engels em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), obra em que desenvolveu a relação destes três elementos: família, propriedade e Estado. Abordando temas como a erradicação da matrilinearidade, que, por sua vez, constituía uma identidade coletiva e promovia um profundo senso de coesão. Essa desconstrução ocorreu por meio da desintegração dos laços comunais e cristalização de uma nova moralidade de controle patriarcal da família nuclear.

Nesse sentido, novas formas de acumulação de capital foram orquestradas, que, por sua vez, envolviam a desapropriação de terras, a destruição das relações comunitárias e uma intensificação na exploração do corpo e da mão de obra das mulheres no período da acumulação primitiva. Logo, a família patriarcal, o Estado e os empreendimentos capitalistas destruíram um conjunto de sujeitos e práticas femininas que atravancavam o caminho das principais condições para o desenvolvimento do sistema capitalista.

A abordagem desse tema mostrou-se importante ao estudo da formação humana, ao demonstrar que Engels percebia o quanto o futuro poderia ter sido diferente, se outros caminhos fossem tomados, por isso ele também toca em temas como a violência, que é observada por Engels desde a obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), ao ser orquestrada por políticas econômico-sociais e pela mercantilização da reprodução através das políticas institucionais, que, por sua vez, objetivavam confinar as mulheres a uma posição social de subordinação em relação aos homens, o suficiente para manter as mulheres restritas à posição de donas de casa e instituir formas de educação popular para ensinar às operárias as habilidades necessárias ao trabalho doméstico, tal como Federici, (2021, p. 142; 166) nos assevera:

A subordinação das mulheres aos homens era tão arraigada na Inglaterra que era costume popular entre o operariado, determinar um casamento vendendo a esposa no mercado local se prolongando até o fim do século XIX.

Daí a expulsão gradual das mulheres e crianças das fábricas, a introdução do salário familiar, a instrução das mulheres nas virtudes da vida doméstica; em resumo um novo regime reprodutivo e um novo “contrato social” que na época da Primeira Guerra Mundial havia se tornado a norma nos países industriais.

Dito de outro modo, podemos observar na Inglaterra a conformação de um processo complexo de engenharia social, que em poucas décadas retirou as mulheres, principalmente as mães, das fábricas, à medida que aumentou substancialmente os salários da mão de obra masculina. Expomos esses acontecimentos para derrubarmos qualquer proposta

que levem em conta possíveis hierarquias de gênero e raça à frente do processo de formação humana, isso no sentido de pormos os confrontos e bases necessárias para a edificação das bases da ditadura do proletariado, para, enfim, combatermos o favorecimento histórico da parcela branca e masculina da classe abastada e, inclusive, de sua parte, na classe trabalhadora.

Retomando a análise feita por Engels e Marx frente sobre a compreensão do capitalismo que se intensifica principalmente quanto ao trabalho, podemos destacar que este assumiu a forma de trabalho estranhado, ou seja, que coloca em separado o homem de seus meios de produção, de sua atividade vital, de sua espécie e dos outros homens.

Esse processo que desumaniza a vida humana e reduz o indivíduo a mero meio de produção de riqueza, é resgatado em sua importância por Federici (2021, p. 74-75):

[...] Um trabalho resultante da separação entre produção e reprodução (que nunca existiu em sociedades pré-capitalistas nem, principalmente, em sociedades não governadas pela lei do valor de troca) é essencial nas comunidades proletárias, para a produção de força de trabalho.

Citamos esta passagem com a finalidade de aprofundar o tema que, a partir de Engels, pode ser examinado na perspectiva de propor a substituição do indivíduo parcial, fragmentado pela divisão do trabalho, pelo indivíduo integralmente desenvolvido, capaz de exercer diferentes funções sociais como expressões diversas de sua atividade.

Engels, junto com Marx, defenderam, portanto, a negação do trabalho assalariado e sua transformação em atividade de homens livremente associados, condição para a emancipação humana. Inclusive, criticaram a unilateralidade da educação burguesa e aventaram a possibilidade de alterar seu caráter, retirando da classe dominante sua influência sobre educação. Defenderam uma formação omnilateral, voltada ao desenvolvimento integral das capacidades humanas, pois a omnilateralidade exige a união entre educação e trabalho, superando, assim, a separação entre manual e intelectual, entre concepção e execução, e assegurando uma compreensão integral do processo produtivo.

Para contextualizarmos em melhor forma e conteúdo a omnilateralidade, cabe retomarmos a temática de liberdade e necessidade trazida desde o texto dissertativo de mestrado, com vistas a mudança das condições de vida, das representações e compreensão do mundo e da formação humana, por isso citamos Engels (2015, 145-146):

Hegel foi o primeiro a entender corretamente a relação entre liberdade e necessidade. Para ele, a liberdade é a compreensão da necessidade. A necessidade só é cega, enquanto ela não é compreendida. A liberdade não consiste em uma independência imaginária das leis da natureza, mas no conhecimento destas leis e na possibilidade, portanto, portanto, de planejar o uso destas para fins específicos.

Isto é verdadeiro tanto para leis da natureza externa, como também para aquelas que regulam a vida física e espiritual da própria pessoa - duas classes de leis, que podemos separar uma da outra quando muito só no pensamento, mas não na realidade. Portanto, o livre arbítrio não é nada mais do que a capacidade de tomar decisões com conhecimento de causa. Consequentemente, quanto mais livre o julgamento de uma pessoa em relação a um determinado problema, mais a necessidade será determinada pelo conteúdo deste julgamento; e ao contrário, a incerteza decorrente da ignorância, que dizem que escolhe arbitrariamente entre muitas soluções diferentes e contraditórias, com isso prova exatamente sua falta de liberdade, sua subordinação ao objeto real, o qual deveria ser exatamente subjugado. *Portanto, a liberdade é o domínio sobre si mesmo e sobre a natureza externa, fundado no conhecimento da necessidade natural; portanto, a liberdade é um produto necessário do desenvolvimento histórico.*³⁸

Na passagem acima, destacamos o último período que resume a exposição de Engels e nos mostra o quanto necessidade, liberdade e omnilateralidade são relacionais e imbricados ao processo de formação, pois com vistas ao desenvolvimento multilateral há que se conhecer a realidade externa e interna, bem como consolidar o domínio destas com objetivo do livre desenvolvimento de cada um ao tempo que de todos.

Levando em consideração a formação omnilateral, podemos adentrar ao conceito de “homem novo”, que, por sua vez, não representa um modelo final ou perfeito de ser humano, pelo contrário, ele marca um novo começo na história da humanidade, que só se torna possível quando deixam de existir a propriedade privada dos meios de produção e a exploração de muitos por poucos.

A respeito dessa questão, Engels defende que dentro de uma sociedade socialista, espera-se que, aos poucos, os incentivos baseados em dinheiro (típicos do capitalismo) sejam substituídos por motivações mais humanas, de consciência social e realização pessoal com a finalidade de superar a busca individual pelo lucro e a competição excessiva, o que já representa um avanço importante nessa direção, especialmente em sociedades que começaram a controlar coletivamente os meios de produção.

No entanto, cabe destacar que essa transformação não acontece automaticamente. Mesmo onde houve mudanças econômicas, isso não foi suficiente para criar plenamente esse “novo(a) homem/mulher”. Isso mostra que não basta alterar as estruturas materiais da sociedade, é necessário também transformar a mentalidade das pessoas.

Assim, além de uma mudança econômica, é fundamental uma transformação contínua na consciência coletiva de onde urge uma revolução moral. Essa mudança não ocorre apenas no momento de ruptura com o sistema anterior, mas precisa ser permanente para que esse novo tipo de ser humano realmente se desenvolva.

A citada revolução moral a partir da transformação revolucionária não pode

³⁸ Grifo nosso.

acontecer apenas em um grupo isolado, mas envolver toda a sociedade. Para que o proletariado (os trabalhadores) desenvolvam a consciência de classe, pois não basta olhar apenas para sua própria condição, é necessário participar ativamente da vida política.

Essa consciência não surge de forma natural ou espontânea, portanto, não é desenvolvida automaticamente uma visão crítica ou revolucionária da sociedade. Por isso, a educação, especialmente a educação política, por meio da práxis político-educativa torna-se fundamental. Ter consciência de classe significa compreender a teoria revolucionária que se constrói a partir do estudo crítico das ideias mais avançadas da própria sociedade burguesa, para então superá-las.

Nesse contexto, a escola ganha um papel estratégico. Mesmo sendo parte da sociedade burguesa, ela é um espaço importante para a formação do pensamento crítico dos trabalhadores. Educadores e intelectuais têm, portanto, uma função essencial nesse processo, ajudando na construção da consciência política da classe trabalhadora.

Aqui cabe bem o posicionamento dos sucessores deste pensamento em Engels como Vladimir Lênin e Antonio Gramsci. Acerca da importância na construção de uma consciência política dos trabalhadores com o objetivo final de formar indivíduos que pensam, agem e participam ativamente da transformação da sociedade, pois o que determina as alternativas do ser humano não vem de sua natureza humana genérica, mas a partir de sua formação histórico-social.

Nesse sentido, na esteira de Engels e Marx, podemos definir a pessoa omnilateral como uma construção da sociabilidade nova, emancipada, sendo, portanto, impossível a existência desta no seio de um intercâmbio social estranhado. Significa que a pessoa omnilateral pode ser considerada a expressão de uma totalidade de determinações não estranhadas, construídas no cotidiano da nova vida social, cujo fundamento é o trabalho social livre, o planejamento e a execução coletiva do trabalho, bem como a repartição justa dos produtos do trabalho. Por tudo isso, é impensável qualquer correspondência entre a pessoa omnilateral e um indivíduo da sociedade burguesa, por mais 'evoluída' que seja em relação à média dos indivíduos de seu tempo.

Torna-se importante a consideração, pois a questão educacional em Engels aparece como uma preocupação que leva em conta a formação humana em sentido amplo, necessitando esta formação ser orientada por um projeto que eleve homens e mulheres a um estágio mais avançado do desenvolvimento do ser social.

O horizonte a ser conquistado pela pessoa omnilateral requer a condição em que o livre e pleno desenvolvimento humano se torne possível, bem como a realização do gênero

humano ser acessível a todos. Vale ressaltar que esta possibilidade se conecta diretamente à perspectiva histórica da emancipação humana, concebida como um processo a ser protagonizado pelo proletariado e pelo conjunto dos sujeitos explorados e oprimidos pelo capital.

Ainda sobre o alcance desse estágio da sociedade, acreditamos que, por suposto, para tal ensejo, teríamos que superar as barreiras sociais produzidas pelas relações alienadas, que funcionam como obstáculos entre o indivíduo e as realizações do gênero humano. Da mesma forma, deixariam de existir as mediações que separam os indivíduos das objetivações geradas pela própria práxis humana, permitindo uma apropriação plena dessas produções sociais.

A relação social, de cunho emancipatório, concebida por Karl Marx e Friedrich Engels, pode ser entendida como um encadeamento dialético no qual a práxis material transformadora, realizada pelos sujeitos explorados, a partir das contradições sociais existentes, é orientada pela consciência e pela vontade. Esse processo atua sobre a materialidade de um mundo fetichizado que os submete, buscando transformá-lo. Sob este aspecto, abre-se a possibilidade de os indivíduos se reconectarem consigo mesmos por meio da reapropriação dos produtos de sua própria atividade. Esse movimento também cria as condições para que os sujeitos, em sua totalidade, possam reconhecer-se mutuamente como seres efetivamente livres e iguais.

Sobre essa dinâmica dialética de consciência e vontade, Engels demonstra, inclusive, o caráter inevitável de uma nova luta revolucionária, tomando como necessário o trabalho de agitação política que deve constar como tarefa do dia de cada sujeito. Desta feita, Engels nos passa a proposta de compreensão da formação humana a partir de uma teoria do gênero humano, em que, no sistema capitalista, demonstra a notoriedade da presença do Estado a influir ideologicamente e organicamente, a defender os interesses da classe dominante.

A constituição dessas subjetividades humanas depende da relação com uma nova materialidade social. Cientes de que essa nova materialidade não surge espontaneamente, mas resulta de um processo de transformação prática que se inicia no interior das próprias relações sociais já existentes, temos, portanto, a necessidade de um movimento recíproco: os indivíduos transformam as circunstâncias ao mesmo tempo em que são por elas moldados — ideia central desenvolvida por Marx e Engels.

Essas questões tornam-se evidentes nas reflexões sobre os modos pelos quais os sujeitos explorados e oprimidos se articulam, se organizam e se formam no interior das lutas

sociais, construindo, nesse processo, projetos alternativos de sociedade. Manifestam-se também nas análises acerca das possibilidades de esses sujeitos assumirem o controle do curso histórico, retomando um caminho de desenvolvimento humano e social orientado por uma ação consciente, ativa e coletiva. Além disso, aparecem nas interpretações sobre como pode emergir uma forma de organização social em que a produção e a reprodução da vida deixem de ser determinadas pela lógica fetichizada das mercadorias e pela lei do valor, para passarem a ser orientadas pelas necessidades humanas reais e coletivas. Trata-se, portanto, não apenas de superar os obstáculos naturais, mas, principalmente, de transcender as barreiras histórico-sociais que fazem com que o indivíduo e o gênero humano se apresentem mutuamente como entidades estranhas e separadas.

É nesse sentido que afirmamos a necessidade de elaboração de uma perspectiva revolucionária forjada em um processo de formação da pessoa a partir das formulações de Engels, pois ele, concomitante à escrita, mesmo esta sendo construída a partir de rupturas com socialistas utópicos e anarquistas, desenvolveu a argumentação com o intuito de consolidar o que representaria o desenvolvimento do pensamento materialista dialético.

Em outras palavras, temos que os enganos fazem parte do processo e contribuíram para a maturação na captação e representação do movimento do objeto pesquisado, no caso, pessoas pesquisadas por Engels, em última instância, a classe trabalhadora. É nesse sentido que afirmamos o traço marcante de simbiose na escrita de Engels e Marx, como na escrita de *As guerras camponesas na Alemanha, Revolução e Contra-revolução na Alemanha e Luta de Classes na França*, em que os autores acreditavam que enfim a classe trabalhadora tomaria o poder e seguiria o processo de constituição da ditadura do proletariado, o que não ocorreu.

A simbiose na escrita dos autores também pode ser percebida até mesmo na troca de titulação, a qual, no texto de *Contra-Revolução*, Engels escreve, mas deixa o título para Marx, e em trechos de *O Capital*, que Marx admite expressamente o recorte de partes do texto de Engels, extraídos d' *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, referente aos capítulos A jornada de trabalho e Maquinaria e grande indústria, transferidos para a obra que levou o título de Marx.

Retomamos aqui o ponto em que Engels dialoga com a formação humana e a formação do sujeito omnilateral, pois desenvolvidas as relações práticas, materiais e transformadoras, surge a oportunidade nas palavras de Sousa Junior (2022) de formação do sujeito que conhece, ensina e aprende. Entendendo a educação como uma necessidade ontológica, posto que, envolve espaços sociais e de produção da existência, portanto, na perspectiva de uma proposta de uma pedagogia engelsiana, teríamos, na valorização do

contexto histórico-social, uma ferramenta de superação da condição de fragmentação imposta pelo sistema capitalista à formação humana.

Dito isto, sobre a educação, Engels e Marx defenderam a educação pública e gratuita para todas as crianças, a eliminação da exploração do trabalho infantil e a articulação entre instrução e produção material como atividade. Engels defende que a educação tem que ser atravessada pelo pensamento revolucionário, nos fazendo refletir sobre o papel do complexo da educação, tocante ao entendimento da relação entre Estado e Capital, cientes de que o Estado foi concebido a partir da sociedade burguesa e ele é quem organiza a educação.

Nesse contexto relacional entre Estado e Capital, torna-se importante mencionar sobre o direito à propriedade privada, que pode ser considerado como natural ou isolado, pois este depende da organização social e da existência de estruturas coletivas. Isso quer dizer que nas sociedades capitalistas atuais, o que aparece como propriedade privada, seja de bens como terras ou de recursos como dinheiro, não é absolutamente permanente, pois pode ser modificada ou retirada conforme regras legais. Essas regras são definidas por instituições estatais e sistemas jurídicos (Estado), muitas vezes ligados a impostos e contratos, que estabelecem tanto os direitos de propriedade quanto os direitos dos indivíduos.

Além disso, o Estado pode, por meio do seu poder de coerção ou de consenso, impor leis e usar a força, tendo assim um papel importante na criação de condições para o desenvolvimento do capitalismo. Sobre o assunto, cabe mencionar que a propriedade privada se tornou o modelo predominante no Estado capitalista, porque passou a utilizar de violência para proteger e preservar o regime de propriedade privada individualizada como um regime que se articula com o livre do mercado.

Então, guiados por Engels, podemos afirmar que com a implantação da propriedade privada ocorreu o desaparecimento do direito de uso coletivo dos recursos, junto com o processo histórico de apropriação das terras comuns (cercamentos), fazendo com que a propriedade privada individual, tanto de bens materiais quanto intelectuais, se tornasse dominante.

Esse modelo passou a ser garantido pelo Estado e se consolidou a partir das relações de mercado, como trocas e comércio. O objetivo era fazer com que os trabalhadores produzissem o máximo possível, trabalhando muitas horas e recebendo o mínimo. Além disso, buscou-se transferir para eles grande parte dos custos necessários à sua própria sobrevivência, como as tarefas domésticas, e, assim, mantê-los sob controle e disciplina, inclusive, por meio de pressão ou coerção, se preciso. Para que esse sistema funcionasse, foi importante que existisse um grande número de pessoas disponíveis para trabalhar, mas que estivessem

desempregadas ou subutilizadas, o chamado “exército industrial de reserva”. Vale lembrar que essa massa de trabalhadores ajuda a pressionar quem já está empregado, mantendo salários baixos e reduzindo a capacidade de reivindicação.

É justamente esse tipo de organização que favorece o funcionamento e a expansão do capital, para impedir que a civilização se afogue na contradição entre uma propriedade privada insensível e desregulada e poderes estatal-policiais cada vez mais autocráticos e militarizados, que, por sua vez, se dedicam a dar apoio ao capital, e não ao bem-estar das pessoas. Para uma solução dessa problemática, cabe a implantação de uma nova realidade, o que torna urgente a necessidade de elevação do nível cultural da produção e da vida cotidiana das massas, em uma sociedade sem classes, preocupação desenvolvida por Engels em suas elaborações sobre o processo de formação humana.

Colocando as massas em uma posição que não se limite a instrução, ou seja, a transmissão de conhecimentos prontos, mas na colaboração de processo criativos por meio da educação, a formação humana, por toda vida educaria a personalidade da pessoa à medida que ampliasse, enriquecesse, fortalecesse e aperfeiçoasse a existência humana em sociedade, porque a educação na sociedade capitalista se manifesta classista e os comunistas querem mudar isso, guiando as massas a aprenderem a subordinar os interesses pessoais ao trabalho comum, lembrando sempre que a existência é inseparável da vida social e política, no sentido de fortalecer a ideia do papel da revolução na cultura rumo ao desenvolvimento de uma nova concepção de sociedade, que abranja a pessoa por inteiro, a partir de potencialização da multilateralidade de sua personalidade, a fim de formar pessoas completas. Não apenas no sentido acadêmico, mas em todos os aspectos da vida, ou seja, que tenham habilidades intelectuais, práticas e sociais. Além disso, com consciência social para entender o mundo de forma crítica e ampla, e serem capazes de compreender o que acontece, tanto na natureza quanto na sociedade, pois não se trata só de estudar, mas também de saber aplicar o conhecimento na vida real. Logo, esse tipo de formação é essencial para a construção de uma sociedade socialista com pessoas bem preparadas, conscientes e participativas, pois de forma diferente o socialismo não conseguirá se desenvolver plenamente.

Engels com habilidade fazia este tipo de reflexão, pois ele sabia como considerar todo o fenômeno, qualquer que fosse, não como ossificado, nem separado entre ossos brancos (trabalho intelectual) e ossos pretos (trabalho manual), ou seja, entre os que dirigem e os que executam., porque ele tomava todo o fenômeno em seu desenvolvimento, no ambiente no qual o processo ocorria, tomava-o em todas as mediações.

Em outras palavras, os pensadores e militantes Engels e Marx dialogam sobre uma educação que contemple três dimensões, a saber, a intelectual (instrução científica e cultural), a corporal (exercícios físicos e disciplina) e a tecnológica/politécnica (princípios gerais da produção e manejo de ferramentas). Para ambos, o comunismo precisa compreender como a sociedade se desenvolve ao longo do tempo. Isso inclui estudar a evolução das formas econômicas, das relações de propriedade, das classes sociais e das estruturas do Estado.

Também é importante entender como esses elementos estão ligados entre si e como influenciam a formação de ideias religiosas e valores morais em cada período histórico, sendo este último elaborado com intenção à formação em prol da emancipação humana a partir da educação do caráter, das predisposições sociais e habilidades práticas para realizar as tarefas, sendo necessário um intenso trabalho de mudança de visão de mundo, a fim de fomentar a autoeducação dos trabalhadores, pois, até então, a formação humana dentro do sistema capitalista teve a finalidade de produzir pessoas úteis, dóceis ao trabalho e dispostos ao consumo.

Tendo isso em vista, as transformações das relações sociais em relações de mercado no sistema capitalista, aliadas ao processo de urbanização, contribuíram fortemente para libertar o indivíduo das tradições, dos vínculos familiares e das lealdades pessoais. Enredados nessa realidade, Engels e Marx demonstraram que essa aparente liberdade teve como custo uma nova forma de submissão, pois o indivíduo passou a estar sujeito às regras impessoais e fora de seu controle que regem a valorização do capital. Assim, embora o ser humano passe a se enxergar como dono de si, acreditando exercer livremente sua razão e sua vontade e afirmando sua autonomia, ele continuava inserido como parte de um sistema maior, funcionando como um elemento dentro dos mecanismos econômicos a submeterem suas mentes e corpos, controlando e educando a seu viés a organização do trabalho, lazer, moradia, descanso, enfim, em um processo de formação humana que desumaniza.

A contraproposta ao citado processo é que, com o protagonismo do proletariado, a ciência se torne mais acessível a toda a população, sendo simplificada e direcionada ao que realmente importa. Nesse processo, novas áreas do conhecimento poderiam ser desenvolvidas, priorizando não apenas interesses de uma classe, mas benefícios para toda a humanidade. Logo, a educação politécnica é compreendida como prática formativa multilateral que integra teoria e prática; simplificando, seria a educação da práxis, sendo esta que prepara o ser humano em suas capacidades físicas, intelectuais e tecnológicas. É nesse sentido que afirmamos o traço marcante do complexo da educação como sendo parte do processo de formação humana e de uma proposta de pedagogia engelsiana, em que a práxis se realiza.

Logo, a partir das contribuições de Engels, podemos entender a práxis como intrínseca à formação humana, e, para essa compreensão, podemos nos valer da definição de Sousa Junior (2021, p. 460):

A práxis é a atividade humana que sedimenta e perpassa toda a formação do ser social na medida em que é a atividade mediadora de toda transformação de realidades naturais e sociais sendo, ao mesmo tempo, transformação do próprio sujeito da práxis.

A partir da elucidação acima, podemos compreender a formação humana em sua perspectiva ontológica e revolucionária, e ainda como a consolidação dialética de processos práticos tipicamente humanos, pois, em concordância com Engels e perante o comentário acima, podemos dizer que a formação humana é fruto das interações naturais e sociais necessárias à constituição do meio e do humano em si mesmo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tanto a ciência da Natureza, como a filosofia, descuidaram inteiramente, até agora, investigar a influência da atividade humana sobre o pensamento; ambas só consideram a Natureza de um lado e o pensamento do outro. Mas é precisamente a *modificação da Natureza* pelos *homens* (e não unicamente a Natureza como tal) o que constitui a base mais essencial e imediata do pensamento humano; e é na medida em que o homem aprendeu a transformar a Natureza que sua inteligência foi crescendo” (Engels, 2000, p. 139).

Como preleção à guisa de conclusão, a epígrafe descrita acima torna-se importante para enfatizar a evolução do pensamento do autor que colidiu com as assertivas dos estudiosos de seu tempo. Frente as dicotomias que acercavam o pensamento da época, a capacidade de Engels em relacionar as esferas de vida sobressaiu as pesquisas em tempo e serve de contributo às modernas pesquisas, pois essencialmente tocam o diferencial de imersão dialética, ao perceber a relação das partes em sua relevância na constituição do todo, sem perder a visão da totalidade constituída. É interessante percebermos que Engels se refere à categoria fundante do trabalho, mas sem mencioná-la literalmente.

Para qualificar o debate, durante nosso percurso até aqui algumas categorias se destacaram nas pesquisas, estudos e militância de Engels e Marx, dentre estas atribuímos realce ao processo de formação humana às categorias: trabalho, família, propriedade privada, Estado, filosofia, materialismo dialético, economia política, conhecimento, educação, revolução, luta de classes, ditadura do proletariado, emancipação humana.

Desta feita, para analisar a formação humana sob o prisma de Engels, tivemos que buscar, com a finalidade de potencializar nossa pesquisa, as obras com assinatura de Engels, bem como as obras em comum com Marx e as aquisições conquistadas por ambos, para a compreensão de nosso objeto de estudo, a formação humana. Nesse sentido, a fim de ampliar esse entendimento, também nos utilizamos de comentadores que, posteriormente, contribuíram ao nosso estado atual de evidências, de que, em meio a sociedade hodierna, tornou-se fundamental disseminarmos a necessidade humana de uma ontoformação revolucionária para a conquista da emancipação humana, a partir de uma sociedade sem a divisão por classes sociais.

A assertiva da ontoformação revolucionária emerge da compreensão de formação humana que vislumbra a conquista das aquisições ontológicas, atravessada pela perspectiva revolucionária, a fim de minar as bases que sustentam a sociedade de classes no contexto capitalista; aquilo que podemos identificar desde a escrita juvenil de Engels, ao percebermos a frequente referência às categorias basilares, tais como trabalho, luta de classes, propriedade

privada e economia política, sobretudo na escrita de *Esboço de uma crítica da economia política*, passando pela *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, e aqui acrescentamos obras em parceria com Marx, como *Manifesto Comunista*, *Sagrada Família e Ideologia Alemã*, em que temos o destaque à categoria ditadura do proletariado, bem como a consolidação do materialismo dialético como régua de aferição social e marco para a análise feita posteriormente na obra *As guerras camponesas na Alemanha*.

Abrindo a condição da aquiescência madura à consolidação da conceituação na obra *Anti-Dühring*, por meio de seus estudos sobre a filosofia e o conhecimento natural, a partir da compreensão do ser humano como parte da natureza, sendo este entendimento mais adiante publicado de forma mais específica, contudo fragmentado na publicação de *Dialética da natureza*. Neste ponto essencial, cabe salientar sua contribuição para o aprofundamento aos estudos contemporâneos das relações sociais e as leis da natureza, por meio dos estudos ecossocialistas.

Ainda sobre a ampliação nos estudos da constituição da família e do Estado, como nas demais obras, atravessada pela categoria da propriedade privada, temos *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, e como fecho temos um acerto de contas em *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*.

Depois deste repasse de categorias e obras, torna-se importante destacar a categoria educação, que, em sua compreensão ampliada, ou seja, entendendo sua compreensão para além da educação institucionalizada, temos, ao longo do percurso de vida de Engels, a ênfase por ele atribuída para a formação por ele conquistada, a partir de suas pesquisas empíricas e da relevância desta, mesmo não tendo comprovação laboratorial como queriam provar em seu tempo e que, inclusive, nos leva a refletir em nosso tempo, posto que vemos atualmente questionamento sobre a veracidade de evidências com comprovação científica e boicote dos estudos filosóficos. O que torna ainda urgente, estudos como este, que evidenciam e colocam a emancipação como meta de necessária aquisição humana, tal como Engels e Marx enfatizaram em seu tempo, de onde surge a nossa tese em postular uma ontoformação revolucionária, a fim de emancipar em totalidade a humanidade.

Outro ponto que marcou o entendimento da formação para Engels é o destaque para a valorização do ser humano, independente do gênero, ao enfatizar a contribuição feminina ao longo das aquisições humanas, em nuance, principalmente, nas obras *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Dessa forma, em contraponto ao padrão normativo da sociedade patriarcal, tanto em sua vida privada como em sua militância, encarnou a defesa de um processo ontoformativo

que elevasse o ser humano à liberdade, daí a utilização “do reino da necessidade ao reino da liberdade”, presente no livro terceiro d’ *Capital*, organizado por Engels e ainda mais quando colocamos liberdade e necessidade em relação, porque nesse momento podemos apontar a práxis se situando na base da formação humana, que envolve ambos, mas também teleologia e causalidade.

Em maior diálogo, temos que o direito liberal, com o objetivo de fortalecer o patriarcado e a concentração de renda através da herança, o que representa em Engels a essência da república democrática, que, por sua vez, não suprime o antagonismo de classes, ao contrário, torna este terreno propício ao predomínio do homem sobre a mulher. Logo, podemos entender que como fator primordial à emancipação estão os direitos iguais homens e mulheres.

Como apoio a esta reflexão, Engels combate a subordinação da mulher, que, por sua vez, é reforçada pela leitura moral e heteronormativa da família, arraigada ao modo de produção capitalista, bem como em outras sociedades anteriores. Vale sublinhar, ainda, que podemos compreender o capitalismo como herdeiro da opressão sexual de formas sociais anteriores, o que desmonta a teoria de construção familiar como algo dado.

Como demonstração da estrutura de dominação masculina, temos o lugar desvalorizado do trabalho doméstico colocado sobremaneira a cargo da mulher, que, na estrutura capitalista, é conduzido como mais uma forma reprodutora de exploração, além da citada opressão, a de gênero, temos um cabedal de opressões como a de classe e a raça.

O combate da situação descrita se coloca como uma das tarefas mais imediatas para a conquista da emancipação humana, por meio do nivelamento da elevação cultural disponível a todas as pessoas a partir do processo ontoformativo revolucionário, ou seja, o pleno direito e acesso ao que de mais valioso houver na cultura burguesa, transformando a impotência dos oprimidos em potência colaborativa.

Nesse sentido, a categoria formação humana e seu revestimento de ontoformação revolucionária torna-se essencial ao trabalho pedagógico e cultural, para, assim, elaborar as superestruturas necessárias à construção e potencialização da nova estrutura econômica, por meio de atividades de educação política, com a finalidade de atingir um nível de consciência política, grau de organização, portanto, de capacidade organizadora e de direção para desenvolvermos um processo crítico e autocrítico individual e coletivo.

Como estratégias para a elevação cultural das crianças e jovens, a pedagogia soviética nos oferece como sugestão a valorização dos bens públicos e o desenvolvendo da

capacidade de ler o mundo em seu movimento dialético, a fim de desenvolver o senso de coletividade como cerne da educação e aqui tomamos como referência Krupskaya (2017).

Ainda, segundo Krupskaya, a tipologia de escola adotada no sistema capitalista está baseada no individualismo e na competitividade, e, portanto, não correspondia aos desideratos do formato de organização da produção coletiva e social, haja vista ser o pertencimento importante elemento agregador das pessoas, no sentido moral e ético, sendo, por isso, interessante à auto-organização política dos estudantes, a fim de despertar a autoconsciência destes e sua importância ao processo de emancipação.

A educação, sob esta perspectiva, buscará desenvolver para além dos conteúdos escolares, explorando e problematizando as mediações dialéticas da sociedade a partir de uma teoria pedagógica comunista ativa e eficaz, na qual o professor assumirá o papel de militante social ativo, promovendo a articulação mútua das ciências naturais e sociais, tal como Engels em *Dialética da natureza* anunciou, e, logo, uma ligação delas com atividades práticas, bem como ao trabalho, educando para a participação social consciente e ativa.

Desse modo, a formação humana se ampliará para a constituição de uma só coletividade como práxis revolucionária no manancial da sociedade comunista e, assim, a ontoformação revolucionária promoverá o aprendizado de habilidades, comportamentos e posturas necessários ao seu desenvolvimento humano e à sua inserção social, educando para a cidadania.

Logo, cabe em nosso momento histórico a leitura atenta das obras de Engels, dada a emergência da formação de sujeitos sociais da revolução, mas suas obras não devem ser lidas como manuais, mas, sim, como registros de um processo de construção pedagógica, pois sua atualidade está especialmente no diálogo que se pode fazer em torno das questões que moveram sua prática e seu pensamento pedagógico, para, assim, despertar e desenvolver as potencialidades existentes em nós seres humanos.

Com efeito de comprovação da relevância da produção de Engels, tanto individual quanto em parceria com Marx, para o uso do materialismo dialético para além da concepção de método, mas como um movimento a ser seguido, posto que, nesse sentido, mobilizamos esforços para comprovar nossa tese central e inicial de provar e/ou demonstrar uma concepção de formação humana; cabendo, ainda, a defesa de nosso pensador frente as acusações que sofrera, pois ao que foi feito das elaborações deste após sua morte.

Resta, sobremaneira, ressaltar aqui o lugar e ação política assumidos por Engels, comprovando que a localização social não é determinante na consciência de reconhecimento de sua posição de classe, muito menos na decisão de sua ação política, pois que, se entender a

formação humana como teoria do gênero humana, como preocupação que atravessa os estudos de Engels, teremos vista a elaboração de uma teoria do sujeito proletário a partir do próprio proletário.

Dada a capacidade que ele teve de mergulhar na realidade da classe trabalhadora para investigar a organização dos processos produtivos e conseguir entender a totalidade a partir da dialética, por isso resgatamos a importância da apreensão dos textos escritos por Engels para a formação do movimento revolucionário, a partir da união de interesses comuns de emancipação humana, por sua vez, mediados em suas mais diversas identidades de nosso tempo, do marxismo negro, feminismo marxista, ecossocialismo, dentre outros.

Tomada esta decisão, cabe como prioridade a necessidade histórica de tirar Engels da sombra histórica a que ele se colocou e, posteriormente, foi reforçada, mas não com o objetivo restrito de emitir notoriedade a ele, até mesmo porque a análise crítica densa de suas obras fala por si só. Acreditamos, por suposto, importante deixar registrada a provocação de outros a pesquisarem e escreverem, partindo de assemelhados processos de pesquisa que nosso revolucionário se submeteu, portanto, de escuta, observação, estudo e ação, com vistas à transformação do processo de formação humana contemporâneo e a emancipação, portanto, ao fim da propriedade privada e por uma sociedade sem classes, logo pleiteando a sociedade comunista.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BARATA-MOURA, J. **Dialéctica marxista**. Lisboa: Edições Avante, 2010a.
- BARATA-MOURA, J. **O legado filosófico de Hegel**. Lisboa: Edições Avante, 2010b.
- BARATA-MOURA, J. **Prática- Para uma aclaração do seu sentido como categoria filosófica**: Caderno – I. Lisboa: Edições Colibri, 1994.
- BARATA-MOURA, J. **Ontologias da “práxis” e idealismo**. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. 2. ed. Zahar, 2012.
- BRANCO, R. C. A. Contribuição dos textos juvenis de engels à crítica da economia política. **Antítese**, Goiânia, v. 9, 2005, p. 7-19. Disponível em: <https://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%e7%f5es/GT1/gt1m2c5.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- COGGIOLA, O. **Engels: o segundo violino**. Apêndice com Friedrich Engels de V. I. Lenin. São Paulo: Xamã, 1995.
- ENGELS, F. **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia alemã**. São Paulo: Edições Sociais, 1977. v. 1.
- ENGELS, F. **A dialéctica da natureza**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979a.
- ENGELS, F. **Anti-Dühring**: filosofia, economia política, socialismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b.
- ENGELS, F. **Esboço para uma crítica da economia política**: e outros textos de juventude. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**: em conexão com as pesquisas de Lewis H. Morgan. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010a.
- ENGELS, F. As guerras camponesas na Alemanha. *In*: ENGELS, F. **A revolução antes da revolução**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010b. v. 2.
- ENGELS, F. **A revolução antes da revolução**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010c.
- ENGELS, F. **Anti-Dühring**: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015a.

ENGELS, F. **Sobre a questão da moradia**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015b.

ENGELS, F. **Dialética da natureza**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ENGELS, F.; MARX, K. **Nova gazeta renana: ordem da democracia**. Tradução de Livia Cotrim, L. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/macaco.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ENQUITA, M. F. **Trabalho, escola e ideologia: Marx e a crítica da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de fora: Ed. UFJF, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GABRIEL, M. **Love and Capital: Karl and Jenny Marx and the Birth of a Revolution**. New York: Little Brown and Company, 1976.

HOBBSAWM, H. (org.). **História do marxismo: o marxismo no tempo de Marx**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HUNT, T. **Comunista de casaca**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

JONES, G. S. Retrato de Engels. *In*: HOBBSAWM, H. (org.). **História do marxismo: o marxismo no tempo de Marx**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KRÄTKE, M. **Friedrich Engels: o burguês que inventou o marxismo**. 1. ed. Ribeirão: Edições Humus, 2022.

KRUPSKAYA, N. K. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LABRIOLA, A.; ENGELS, F.; LAFARGUE, P.; KAUSTSKY, K.; LENIN, V. I. **El materialismo histórico segun los grandes marxistas**. México: Ediciones Roca, 1973.

LEACOCK, E. B. **Mitos da dominação masculina: uma coletânea de artigos sobre as mulheres numa perspectiva transcultural**. São Paulo: Instituto Lukács, 2019.

LÊNIN, V. I. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. São Paulo: Global, 1979.

LORENZ, E. **The Essence of Chaos**. Chicago: Universidade de Chicago Press, 1993.

LÖWY, M. Marx e Engels como sociólogos da religião. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 43, p. 157-222, 1998.

LUKÁCS, G. **A destruição da razão**. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018. v. 14.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013. Disponível em: <https://gpect.files.wordpress.com/2016/12/ff130318ae9d9b74571de73bdc7d1509.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

LUKÁCS, G. **Ontología del ser social: el trabajo**. 1 ed. Buenos Aires: Herramienta, 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. **Cartas sobre o capital**. Traduzido por Leila Scorsim. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

MARX, K. **Capital: crítica da economia política**. Livro terceiro: o processo global de produção capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 4, 2008.

MARX, K. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858 - esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Ebooks Boitempo, 2011.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 4. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 3. ed. São Paulo: Sundermann, 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **A sagrada família: ou a crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, K.; ENGELS, F. Engels: Fragmento de Feuerbach no publicado (1896). Engels: Estudios filosóficos, p. 75/76. In: JUSTO, J. B. **Religion**. São Paulo: Edições elaleph, 2000.

MARX, K.; ENGELS, F. **Textos**. v. I. São Paulo: Edições Sociais, 1977.

MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas: em três tomos**. Tomo I. Lisboa: Edições Avante, 1982.

MAYER, G. **Friedrich Engels: uma biografia**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

MCLELLAN, D. **As ideias de Engels**. São Paulo: Cultrix, 1977.

MORAES, J. Q. de. O trabalho na dialética da natureza: ontólogos contra *naturam*. **Vértice**, Lisboa, n. 198, jan./mar. 2021.

MOTTA, L. E. Engels e a determinação em última instância. **Vértice**, Lisboa, n. 198. Jan/fev/mar, 2021.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Justificando, 2017.

RUSS, J. **O socialismo utópico**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SOUSA JUNIOR, J. de. **Práxis, ontologia e formação humana**. 1. ed. Lisboa: Lisbon International Press, 2021.

SOUSA JUNIOR, J. de. O Princípio educativo da práxis: atualizando o debate teórico da relação trabalho e educação. *In*: BATISTA, Eraldo Leme; MÜLLER, Meire Terezinha (org.). **Realidades da Educação Profissional no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015.

VARELA, G. N. **Friedrich Engels antes de Marx**. Escritos 1838-1843. Barcelona: El Viejo Topo, 2020a.

VARELA, G. N. **Los últimos días de Friedrich Engels**. Barcelona: Biblioteca Omegalfa, 2020b.

VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.